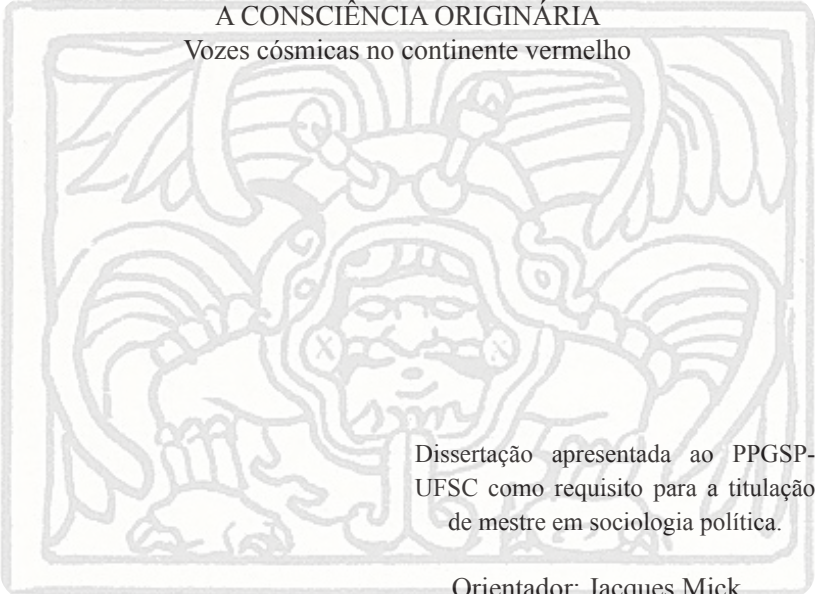


Andhré-Luiz Tisserant Cavazzani

A CONSCIÊNCIA ORIGINÁRIA
Vozes cósmicas no continente vermelho



Dissertação apresentada ao PPGSP-
UFSC como requisito para a titulação
de mestre em sociologia política.

Orientador: Jacques Mick

Meiembipe (Ilha de Santa Catarina)
2015

Tisserant, André-Luiz.

A consciência originária: Vozes cósmicas no continente vermelho / André-Luiz Tisserant; orientador, Jacques Mick - Meimbipe (Ilha de Santa Catarina), SC, 2015.

138 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política.

Inclui referências.

1. Sociologia Política. 2. Povos Originários. 3. Origem. 4. Teoria Social. I. Mick, Jacques. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política. III. Título.

Andhré-Luiz Tisserant Cavazzani

A CONSCIÊNCIA ORIGINÁRIA
Vozes cósmicas no continente vermelho

Orientação:

Jacques Mick
UFSC - PPGSP

Banca examinadora:

Carmen Susana Tornquist
UDESC - FAED

Maria Soledad Etcheverry Orchard
UFSC - PPGSP

Pedro Castelo Branco Silveira
UFSC - PPGAS

Suplência:

Raul Burgos
UFSC - PPGSP

GRATULAÇÕES

À Carol, por tudo e tanto sem o quê... que seria?
À minha família, pela tolerância e logística providenciais;
Ao PPGSP-UFSC e seus gentis integrantes;
Ao Jacques, o melhor guia existente num mundo hostil onde “os bons orientadores nasceram mortos”;
À Elizabeth, por algumas contribuições súbitas e ataques curiosos;
Ao Kelly, pelas ótimas aulas às quais assiduamente faltei;
Ao Raúl Brugos, pela dupla sapiência em primeiro aceitar e então desistir numa abordagem gramatical gramsciana, evidentemente além do marxismo de nossa triste época;
Aos colegas do curso de licenciatura indígena e à memória de Aristides Criri;
Ao Bez, pelas múltiplas overdoses de inteligência *al dente*;
Ao Bao, à Nana e à Lara, pequenos burgueses pioneiros, periféricos, descolonizados e iluministas;
À Lagoa da Conceição, às trilhas e às baleeiras, pela vizinhança onírica;
Ao Jackson, um judeu generoso;
Ao Paulo, ao Cléber, ao Dico, ao Robert e à Cátia, testemunhas da minha lenta dissolução na psicotropia da matatlântica;
À Andréia, à Amanda, à Bruna e ao leitão Macell, pela higiene cristã, cuscuzes, carnes-de-sol, sucos de cajá e uma rede na varanda;
Ao Erasmo, livre espírito *gourmet*;
À Anita e ao Herculano, e à Trude e ao Airton, progenitores da hospitalidade infinita;
Aos refinados livreiros de Córdoba e ao Sérgio Orellano, por uma noite essencial de bibliofilia;
Aos novos teleféricos de La Paz;
Ao Luiz e à Vivian, comunistas antropofágicos em meio à Copacabana selvagem;
Às nações Mbya, Kaingang, Laklanõ e Aymara;
À sarna sarcóptica, é claro.

RESUMO|ABSTRACT

Este é um ensaio de prospecção da categoria «origem». Estabelecer suas concatenações com o dinamismo e a vitalidade do endônimo cósmico dos povos do continente originário é meu objetivo hipotético.

Estas líneas contienen una prospección ensaística sobre la categoría «origen». Mi objetivo hipotetico es relacionarla con el endónimo dinámico, vital y cósmico de los pueblos originários.

This is a root essay about the cathegory «origin» and its tied relations with the cosmic endonimous of the originarian people.

Palavras-chave: povos originários; «origem»; teoria social.

Palabras-clave: pueblos originários; «origen»; teoria social.

Keywords: originarian people; «origin»; social theory.

LISTA DE IMAGENS

L'origine du monde	19
Glifos mayances	24
João e o pé-de-feijão	27
Piroga originária	35
Caminho de Xibalba	35
<i>Turritopsis dohrnii</i>	36
<i>Bitches Brew</i>	38
Homem-planta vitruviano	47
Ouroboros	57
<i>Wampum</i> de Hiwatha e <i>whipallas</i> andinas	69
Batman-de-cocar	83
“Brincar de índio”	95
Kukulcán sobre a Árvore da Vida	107
Árvore da vida sob Kukulcán	124

SUMÁRIO

SÍNTESE	15
---------	----

0

0. Pendulações iluministas	19
1. Un y otro pie	27
2. Categorias cósmicas	35
«Origem»	36
«Espaço-tempo»	38
«Consciência»	47
3. Origens e inícios	57

I-I

4. Nações indígenas	69
5. Razas cósmicas	83
6. Inconsciência das origens	95
7. Consciência originária	107

APÊNDICE - Texto original das citações	119
--	-----

REFERÊNCIAS	125
-------------	-----

SÍNTESE

A categoria «origem» problematiza os duplos epistêmicos e doxológicos, as neuroses, depressões e esquizofrenias de nossas múltiplas personalidades e as contribuições indígenas, européias e mestiças em eventos de importância continental. Do testemunho das insurreições mayances aos levantes aymaras, da famélica e suicida resistência Guarani às estratégias Yanomami de interação/isolamento, e das revoltas multitudinárias aos embates dos últimos descendentes de orgulhosas estirpes, surgiu a inspiração para contextualizar o significado profundo de nossas origens, nas necessidades viscerais, nas falsas possibilidades e nos conflitos psíquicos que abortam o fenômeno político e promovem o dependentismo, o ufanismo e a demagogia.

Minha intuição é a de que há um vínculo entre a denominação originária com a qual se uniram os povos indígenas e a admissão duma categoria cultural capaz de teorizar a transformação da realidade. Abordo esta relação e seus desdobramentos a partir das dispersas formulações sobre as origens, e tento entender as mutações de nosso pensamento num esboço cuja abrangência gera suas próprias dificuldades.

Meu intuito no **0** é intercessionar a «origem», a «consciência» e o «espaço-tempo» através duma metodologia transdisciplinar e os vincular às minhas intenções autorais. A seguir, me sensibilizando para os dilemas que unificam **[I]** e dinamizam **[I·I·I]** as hibridações latino-originárias – o pró e anti-europeísmos, a amnésia da condição humana, o marxismo cristão e a libertação antropofágica – busco atravessar no **I·I** o redemunho das distinções e semelhanças entre o «originário» e o «indígena» e das fricções quânticas entre a dupla-psiquê *eurocriolla* e a cosmo-mentalidade originária. Como tais dilemas gravitam em universalizações íntimas de esmagadora invisibilidade, o **I** e o **I·I·I** se diluíram nesta penosa travessia. É inevitável que ressuscitem, reiniciando um dia o destino de extravasar a forma permeável deste ensaio.

* * *

Não é feito grande. Se deixa crescer.

Alfred Jarry

* * *

0

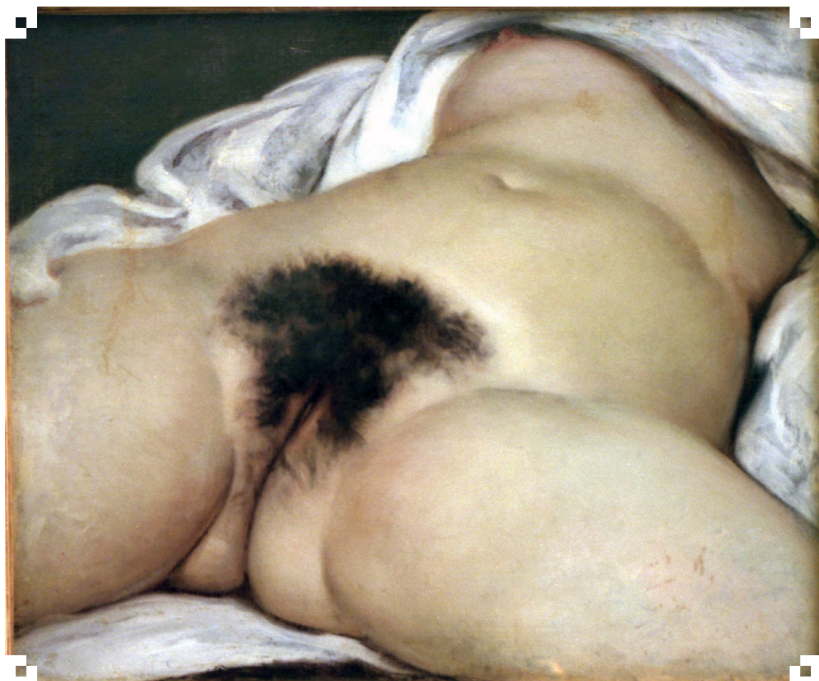
0. Busco discutir as funções etimológicas, intencionais, ensaísticas e iluministas, canibalizando o legado racionalista europeu e afirmando o «eu» até experimentar sua implosão cósmica.

1. Subo e desço as escadarias espirais da mente, até me sensibilizar de suas valências dialéticas e de seu empuxo cibernético.

2. Enuncio algumas percepções sobre as categorias cósmicas relacionadas com o tema, defendo a viabilidade da «origem» para um estudo transdisciplinar de nosso continente e apresento as interações originárias com os fluxos iniciáticos do espaço-tempo.

3. Problematizo a chave analítica escrita|oralidade, redutível no grande divisor epistêmico história|mito, e analiso as semelhanças e distinções entre o início e a origem.

0. Pendulações iluministas



L'origine du monde. Gustave Courbet. Óleo sobre tela, 1866.

Proponho uma diálise ágil e simples sem abdicar de sua dolorosa punção: a busca dum início para a consciência latino-originária nas minhas origens. A admissão do «eu» como *locus* de enunciação é tão antiga quanto a água e a farinha panificadas no individualismo disruptivo dos gregos, vincado de percepções desdobrantes em oposições inevitáveis e trágicas interpenetrações semiológicas; de concepções congêneres nas verossimilhanças do *logos* e indiscerníveis na veracidade do *mythos*, e cindidas entre a beleza trágica do *pathos* e o destino heróico do *ethos*. Dele emergiu um pensamento de assimetrias multirrealistas, conciliadas pelo movimento do cosmos e do caos culturais, como sabem os arqueólogos que descobriram Tróia não a partir da analítica de Heródoto, mas da poética de Homero.

Partir do eu, do meu e do mim, como cantou John Lennon em estrofes ornadas por cítaras, implica verificar as variadas gradações da consciência, pois...

...a teoria do conhecimento não é substancialmente anterior ao conhecimento propriamente dito [e] a falsa ótica do intelectualismo, vem em grande parte, do fato de o espírito se desdobrar perpetuamente e projetar longe de si uma imagem de sua própria atividade a fim de contemplá-la objetivamente.
{Jankélevitch 1959:29}

A recepção intuitiva dos fatos e a experiência sensível da realidade são as vímanas ascensionais às “iluminações éticas” a ensinar porque...

...sem uma ligação orgânica entre as impressões subjetivas do autor e a sua representação objetiva da realidade, ser-lhe-á impossível obter alguma credibilidade, ainda que superficial, e mui menos autenticidade e verdade interior. {Sokurov 1988; Tarkovski 1998:19}

A primeira manifestação dessas aspirações é a forma ensaística¹, com as infrações inerentes às normas e a assunção intransigente das livres deformações: “crítica [que] deixa de ser sociológica para ser apenas crítica” e assimila a “dimensão social como fator de arte” no infinito

1 Ensaio [grego, raiz *ἐξο-*, “do exterior”, *ἐξάγιον* (exágion), pequeno peso utilizado como moeda ou medida, balança.] O sentido de “pesar algo” progride a “tentar algo” difícil, aventura: alçar as exterioridades a partir de si. Do exterior ao interior, trata-se pois dum exame, termo de mesma raiz, e sua medida é minha consciência, agora objeto dos que desejem examiná-la, sujeitando-se assim ao meu próprio exame.

gramatical gestado no interior das molduras diagramáticas.² Daí...

...que o externo (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura [...] ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros [...], tornando-se, portanto, interno. {Candido 2006:13; 15-16}

Dentro e fora desse estilo, tento ser leal às etimologias e ir além|aquém das análises externas do interno e internas do externo, os relacionando através do movimento, a demarcação suplementar das origens, das consciências, dos espaços e dos tempos. Procuro aspectá-los³ em diversos níveis de impressões e digressões em constante desequilíbrio, numa ampliação conceitual já adotada na análise da «cultura». {Wagner 1981} Pois as origens dizem respeito às polaridades, nas suas acepções mais vastas e capazes de explicar com coerência as singularidades através do universal e o universal através do cósmico.

Se o aspecto da racionalidade acabou inconcluso, como inconcluso é o próprio homem, seria preciso inferir mais um movimento dialético, pressuposto a todo nosso discurso. Entre a racionalidade e a irracionalidade se forma uma nova síntese, a qual chamamos de ensaio. {Pazello 2010:33}

Uma vantagem do deslocamento ensaístico é irritar a automatização do pensamento com a intervenção artística|analítica da consciência. Parear criticamente os grandes divisores do conhecimento não é cindir e recusar as ambivalências com falsa modéstia ou pretensão virtuosismo, mas cingí-las e aceitá-las nos estilos e ambições iconoclastas. Julgando já infinitas minhas limitações discursivas, espero tornar inevitáveis as críticas que doutro modo possam ser insinuadas como verdades implícitas, irônicas ou espertas demais.

A perspectiva iluminista pontilhada nas fugidias luminescências das origens sem dúvida indica que...

2 A forma diagramática e a forma gramatical são “indefinidas” e “vagas”, e uma se extravasa na outra: Diagrama [gr. “grafar através de”, assumindo o sentido de “escrever, pintar ou modelar, sem definir os contornos e nem dar a última demão”]; Gramática [gr. “arte-técnica de ler e escrever”, relação entre os elementos e as combinações das palavras”].

3 Aspectar – Termo astrológico. As variadas angulações entre as posições zodiacais dos planetas compõem os trígono, conjunções, quincúncios, quadraturas, oposições, e outros «aspectos» do mapa astral.

...a consciência da impossibilidade abre a consciência a tudo o que lhe é possível refletir. {Bataille 1993:introdução}

Admitindo suas complexidades, o iluminismo simplifica o pensamento do mesmo modo que a «deontologia», operação linguística de redução conceitual capaz de descrever a essência de uma coisa “para que se torne totalmente o que é”. Ou seja, a própria potência do ser, sintetizada na idéia ou “universalidade abstrata” que “contrai a possibilidade à atualidade” e...

...através desta simplificação, espiritualmente a anima e a desenvolve.⁴ {Zizek 2008:xi citando Hegel 1976:611}

A crítica “rigorosa” é aquela a exigir “um reconhecimento acentuado dessa condição”, e deve ser capaz de diferir a instigação intelectual que conduziu à obsessão filosófica e científica pelo númeno fenomenológico – a íntima resposta a gerar a infinita intercessão das dúvidas - daquela justificação ideológica a pregar “um único modo correto de representação” - a pergunta exclamativa a secessionar todas as soluções. O iluminismo é o candeeiro sobre as concatenações de eventos, as “séries em que um incidente conduz a outro” capazes de proporcionar perspectivas abrangentes da realidade em interações aparentemente independentes. É a consciência dos ciclos de transformação alquímica a cosmicizar as dissoluções caóticas (a bosta, o *coagula*, o nada, o vazio, a matéria escura, a transcendência,...) e realizar o fenômeno humano (a luz, o *solve*, a obra, a criação, a matéria visível, a imanência,...) na potência de suas multiplicações singulares, apenas para se integrar novamente na dança invisível do caos. Já os colonialismos, dogmatismos, positivismos e outros obscurantismos chamuscam nos interesses “pragmáticos lineares” adstringentes às diversidades, ab-rogando o iluminismo como o urro proibitivo da unidade final. {Bataille 1993:intr.}; {Harvey 2008:35}; {Toynbee 1984:69}; {Mercado 2008:11} Não percebem que...

... nunca se termina de aprender a transformar bosta em luz. {Ávila 2012:70}
É enfim a admissão de que...

...necesitamos movernos con algunas certezas o al menos intentar construiras,

4 Como é de conhecimento amplo, geral e irrestrito dos juristas, “...a redução do trato unitário [einzige Zug] significante contrai a atualidade à possibilidade, no exato sentido platônico em que a noção [idéia] de algo possui sempre uma dimensão deontológica, designando o que a coisa deve se tornar para ser integralmente o que é [...] Deste modo, a potencialidade não é simplesmente um nome para a essência de algo atualizado no conjunto das coisas empíricas [...] a redução significante acentua e descreve o potencial interno da coisa [...] que se torna atual, como potencialidade, apenas através da linguagem: é a apelação da coisa que ilumina seus potenciais”. {Zizek 2008:idem} T.m.

{Mercado 2008:76}

...pois...

...a descoberta duma teoria final [theory of everything] não significará o fim da ciência. Justo o contrário: a última explanação do universo no seu mais microscópico nível proviria as firmes fundações para nosso entendimento do mundo. Sua descoberta marcaria um início, não um fim.¹

{Greene 2003:12}

Se há um substrato comum ao cogumelo do espaço-tempo, a maior semelhança entre as teorias sobre a totalidade física e a totalidade política será as dúvidas psicodélicas que suscitam. A mais óbvia diferença é questão de inícios e não de fins, parte da procura microscópica pela partícula fundamental para alcançar a divagação sobre a relação macroscópica essencial, e vice-versa. O micro é descrito na teoria das supercordas como um filamento energético e vibrante denominado “corda”, e o macro pode ser talvez uma ou outra origem perpassando consciência, natureza e cosmos através de cada uma de suas criações, criações e crenças.⁵

Nas previsões matemáticas do acordoamento quântico, as dimensões da realidade são 10 ou mais dobras plissadas na indetectável esponja do tempo-espaço. Já as dimensões da consciência estão nas interações entre a potência vital e as tessituras corpóreas, {de Spinoza 2002; Damásio 2000; Lukács 2003; Sayegh 1998,2008} e as tradições místicas revelarão a existência de seus 7 níveis búdicos, 9 patamares infraterrenos e 13 camadas celestes. {Camino 2012; Ruiz 1999} Outra semelhança é que os cálculos desnovelam “cordas” e a consciência se revela nas infinitas modulações verbalgêbricas do idioma, trazendo a diferença seguinte: se não existem possibilidades físicas para a detecção de outras dimensões, o idioma as indica ao descrever detalhadamente a transição dos estados comuns [ECC] para os xamânicos [EXC], que permitem à consciência “ver” e “sonhar” visões dentro de sonhos e sonhos dentro de visões. {Harner 1995}

As dimensões ampliadas do universo possuem relação com as capacidades da consciência em experimentá-las, sugerindo que sua compreensão depende de interindisciplinamentos inéditos. {Camino 2012}; {de Castro 2008}; {Greene 2003:03,06 e sgs.}; {Harner 1995}; {Lovelock 2000} Nesta abordagem, as infinitas multiplicidades interagem

5 A diferença entre “criação”, obra divina, fundação do mundo, e “criação”, ação humana, é recorrente na obra filosófica de Huberto Rohden. Não a assumo por considerar que tanto uma quanto outra se subsumem e extravasam reciprocamente.

e se desenvolvem em aparentes disparidades que, no entanto, contêm em si um contínuo sentido integrado da existência ao qual chamamos «realidade». Alcançá-la é uma tarefa dinâmica, difícil e discreta, e reforça em nossos tempos o dilema da...

...continuidade da condição de fragmentação, efemeridade, descontinuidade e mudança caótica [do ideário moderno ao] pensamento modernista pós-moderno. {Harvey 2008:35,38,50-52}

A discussão do movimento das origens no modernismo pós-moderno possui, na opinião de David Harvey, uma ânsia em descartar o passado vivo em prol das brumas futuras, deixando o presente ao desamparo do conhecimento: determinação da indeterminação, certeza do incerto, contínua queda nas sucessões instantâneas do modernismo, a inversão maiêutica do “só sei que nada sei” ao “não sei o que sei” e o ímpeto precoce em julgar outras tradições através das justificativas sobre a própria impotência.

Conciliando uma “epistemologia perspectiva e relativista” com a “realidade subjacente unificada, porém complexa”, contudo, se pode entender como...

...esse tipo de pensamento [modernismo pós-moderno] foi incorporado pela política radical e até importado para o coração do próprio marxismo. {Harvey 2008:35,38,50-52}

Pois em momentos excepcionalmente felizes as pulsões iluministas se magnetizam e alinham em novas direções, e...

...tudo se transforma, para o crítico, em fermento orgânico de que resultou a diversidade coesa do todo. {Cândido 2006:16}

Por isso faço de minhas crenças as partes e o todo do processo criativo, as idiossincrasias nas quais a sinceridade e a originalidade ...

...significam os problemas confrontando o autor [e] o medo de ser convencional, suplantado pela ambição de ser mais original e profético que o primeiro homem a jamais escrever. {Saïd 1975:22}

A distinção primigênia do ensaio é o fluxo matemático capaz de estruturar posicionalmente a origem, seja a considerando junção de coordenadas cartesianas ou representação gráfica do vácuo multiplicador da diversidade, e assim seu início-fim é o 0⁶.

É sugestivo observar os glifos mayances⁷ utilizados para representar

6 Zero [árabe رنص transl. **sifr**, “cifra”, “vazio”]

7 Mayance é o gentílico utilizado para se referir ao povo Maya. Uma vez que em nosso idioma confundimos os dois usos, recomendo a adoção desta forma baseado em {Camino 2012}. Glifos em: <http://www.authenticmaya.com> Acesso: setembro 2012.

as conjunções das unidades com suas multiplicações e divisões, respectivamente semente ou concha e mão segurando uma espiral:



As divisões do ensaio decorrem dos desenvolvimentos do zero-espiralário e a eles retornam, ressurgindo no interior das partes seguintes. Elas são indicadas pelo **0** e por um traço vertical, geralmente associado ao sistema numérico romano, porém traduzido no precursor alfabeto trigramático chinês por “mutação”, transformação qualitativa a partir de continuidades cíclicas e progressivas. O princípio da imutabilidade das mutações [**I**] é, nas tradições cosmogônicas, descrito na aceleração cosmoacótica e imanifesta da natureza e na sua refração manifesta e universal. {Wilhelm 2006} O **I** significa a revelação final-inicial da mutação no epicentro da consciência, e o **I·I**, sua irradiação no encontro das mutações das mutações dos duplos da consciência *criolla* e dos quádruplos da consciência indígena. Já a contínua fricção entre estruturas de pensamento contrapostas marca a descontinuidade e suplementariedade do tema e as correspondências lineares, alternadas e oscilatórias dos capítulos, num contínuo retorno às minhas intenções autorais, qual a trajetória do *yo-yo* [eu-eu].

A aparição das dinâmicas mnemônicas da consciência nessas pendulações está, por sua vez, na impossibilidade empírica de demonstrar que um indivíduo não possui personalidades múltiplas {Bandler; Grinder 1982}, na admissão de que o tempo presente é resultado da intercessão de todos os tempos que foram ou serão, através de *dhyana* - o filtro búdico, perceptivo, meditativo e contemplativo da consciência, {Pirsig 1974; 1991} e na...

...confusão entre personagem e leitor – boa regra de toda a leitura. {Agamben 1999}

Outra liberalidade é a aparição de alguns neologismos nas situações onde vi possibilidade de contrair criativamente palavras e naquelas onde o idioma não corresponde à expressão das contradições implícitas num determinado termo, ou das sensações, idéias e ações hibridizantes. Uma ressalva importante é que não são e nem pretendem substituir conceitos, pois almejam a guerrilha semiótica inerente à criação de novas expressões e à existência de qualquer jogo verbal, já que...

...para uma nova linguagem é preciso operários revolucionários. No entanto, para novas idéias é preciso uma nova linguagem. {Assayas 2012}

Como a seriedade se dissolve nessas irradiações lúdicas levadas a sério, elas provam sua ‘utilidade’ e a suplantam.⁸ A recorrência de inovação lexical está diretamente vinculada à indistinção entre técnica e arte inerente ao movimento do verbo e da vida; depende da capacidade expressiva de cada emissor; constitui a contínua reinvenção idiomática⁹, e é consolidada na análise sóciopolítica em inúmeros casos. {Hobsbawn 1996:01}

Já as neografias são utilizadas com o mesmo propósito de distinção gráfica das polaridades implícitas na semântica destes termos, repetindo a idéia de Manuela Carneiro da Cunha, ao propor a diferença entre “cultura” [com aspas, na restrição culturalizada que significa “civilização”] e cultura [sem aspas, categoria antropológica de significado universal]. {da Cunha 2013} Invoco no meu uso a poesia concreta, expressando em cada termo, *visivelmente* e sem alterações de pronúncia ou gênero, as oscilações entre a forma cristalizada e a essência dinâmica. E concretizo esta opção através do alfabeto cirílico, pois é indicativo do controle, da rigidez, do extermínio literal e simbólico dos duplos, e da contínua intrusão|extrusão entre as culturas eslavas e tártaras. {Tarkovski 1966}

Admito a preocupação em garatujar os contornos gerais duma intuição precoce, destinada a mais detalhados augúrios. Às objeções ao erratismo da análise, à apropriação dispersa dos pensadores, à tessitura pedrês do argumento, faltarão a visão conjuntural capaz de desnovelar no liame orvalhado um fio transversal à teia do ensaio. Pois não se trata de espezinhar vastas teorias ou de encarnar as razões duma só consciência: he escogido, he omitido, con la mira de sugerir un vasto movimiento por algunas líneas que puedan asir y retener algo de la solidez de la vida. {Waldo Frank citado por Mariátegui 1925-1929}

8 Para a diferença entre “sério” e “a sério”: Roberto .Gomes. *Crítica da razão tupiniquim*. São Paulo: FTD, 1994.

9 Ou as origens necessárias dos idiomas: o português brasileiro, muito melhor chamado de afrotupiguês, foi uma recriação dos escravos traficados das mais distintas regiões d’além mar ou do continente. Compelidos a trabalhar em conjunto, aprenderam de ouvido a língua do dominador lusitano e, modelando-a ao balbuciar dos largos beijos yorubás e às nasalizações das belas narinas nheengatus, inventaram um novo modo de falar. Nossa língua é negra e indígena, e sua estrutura latina é uma mera moldura para a caleidoscopia do verbo tropical. Descrer dos falsos profetas normativistas do idioma é viver em harmonia e felicidade com a própria língua. É lambê-la e sorvê-la sem a punitividade dos delitos de opinião e do preconceito linguístico. E admitir isso é se aproximar da realidade e ser mais consciente de si. {Ribeiro 1995}.

1. Un y otro pie



João e o pé-de-feijão. Em: Walter Crane. Jack and the beanstalk. London: George Routledge and sons, 1875.

Num tal esforço, se assomam muitas vias já trilhadas por empirias escaldadas e sobreviventes ao teste da eficiência, cuja função está em evitar as surpresas erráticas do destino e os saltos esquizóides do pensamento. As chamamos «métodos», e dizem respeito à melhor contextualização, problematização e exposição da intenção, sendo realista supô-la em movimento.

Porque possui intenção, o início não apenas gera, mas é seu próprio método, {Saïd 1974:xiii} T.m.

...e assim os métodos variam, seja pelas novas necessidades e questões a emergir, seja pelo fato de o modo de exposição...

...distinguirse, en lo formal, del modo de investigación. La investigación debe apropiarse pormenorizadamente de su objeto, analizar sus distintas formas de desarrollo y rastrear su nexo interno. Tan sólo después de consumado este trabajo, puede exponerse adecuadamente el movimiento real. Si esto se logra y se llega a reflejar idealmente la vida de ese objeto, es posible que al observador le parezca estar ante una construcción *a priori*. {Marx 2010:46}

Isto implica que se o resultado se processa nas inconclusas formações sócio-políticas latino-originárias, revelará as soçobrantes riquezas sógnicas e os sujos improvisos de nosso cotidiano. Um mundo ainda incógnito à teoria política, mas não aos mitos da criação, ao realismo fantástico, ao antropofagismo, ao tropicalismo, ao brasilianismo, ao concretismo e a René Zavaleta Mercado, que sublinha estas dificuldades e surrealidades através duma categoria, «*abigarramiento*», traduzível por ‘mescla de cores’, ‘colcha de retalhos’ ou ‘*patchwork*’. {Ibargüen; Méndez 2006:27}; {de Andrade 1978}; {Leminski 2001}; {Mercado 2008,1990b,1990a,1988,1987,1983}

Sendo o método um pé (outro pé) da pesquisa, caminho em busca duma dialética propícia ao contexto originário, via *mater* na confluência das vias *crucis* científicas, geométricas, qualitativas, cabalísticas, quantitativas e poéticas. Pois a pesquisa é o outro pé (o pé anterior) do método, e não se resume à esquematização, como se uma exposição qualitativa dispensasse a ciência, outra quantitativa não possuísse dialética e ainda outra geométrica não fosse inerentemente poética. Nenhuma metodologia rígida ou pré-determinada resiste à complexidade progressiva de qualquer tema, e nenhum tema cabe na presumida infalibilidade dum método.

Para usar dois conhecidos adágios, é como se os métodos expusessem o modo mais sensato de dar o primeiro dos passos condutores à jornada de dez mil milhas. Mas, como todos os viajantes sabem, ‘o caminho se faz ao caminhar’, e assim uma metodologia digna de ser chamada de “conhecimento do caminho” deve ser tão ágil e flexível quanto a disposição de quem o percorre. A diferença entre a especulação cotidiana e a científica deriva somente da escala de precisão e intensidade disponível nesta e não àquela. Pois ambas possuem a mesma origem consciente e os mesmos pressupostos empíricos e alcançam convicções espantosamente similares - a ciência através dos resultados exatos em experimentações controladas, e a empiria através das sensações precisas do aprendizado espontâneo. {Spencer 2005}

A correlação metódica com o resultado, ou seja, a busca da ‘verdade’, ademais, é enganosa.¹⁰ A usual definição de causa|conseqüência¹¹ como uma inevitabilidade da digressão científica e moral sofreu com a constatação antropológica e psicanalítica das suas incontáveis intercessões casuais. A concepção cultural integradora da causalidade com a casualidade...

...foi a obsessão da antiga China. {Carl Jung em Wilhem prefácio:2006}

Também a de povos como os Azande da África central, ao ampliarem os perímetros das equações racionais com mais uma incógnita, atribuindo acidentes, doenças, mortes, eventos inesperados e o azar à feitiçaria, não de modo a...

...descrever a existência ou ação do fenômeno por causas místicas [mas] as condições particulares numa cadeia causal relacionando um indivíduo aos acontecimentos naturais que o prejudicaram.² {Pritchard 1976:19}

E ainda a de inúmeras culturas cuja capacidade de operar simultaneamente nos níveis descritivo-explicativo e intuitivo-criativo legou aos seus sistemas simbólicos qualidades permeáveis e herméticas. Produzem a experiência dinâmica da língua porque conformam padrões estáticos, admitem seus recessos de maneira inteligível e são capazes de interrelacionar aos limites necessários da totalização suas infinitas possibilidades de modulação. {de Castro 2008:VI}, {Bloch 2002:59}

10 Para uma filologia das distinções entre verum|veritas e res vera|notio, essenciais para conhecer o caráter transcendental da “verdade”, ver {Chauí 1999:457-459}

11 A dicotomia fundante do método positivo serve a propósitos bem conhecidos, mas é limitada etimologicamente, porque “aquilo que segue” [latim v. **consequi**] a causa [latim “razão”, “princípio”] se relaciona tanto ao resultado [latim **resultare**, “saltar para trás”, “repercutir”] quanto à casualidade [latim **casualitas**, “qualidade daquilo que é acidental, inevitável”].

Das correlações gemátricas e arqueométricas dos hieróglifos egípcios e mayances, do sânscrito, do hebraico e do *I Ching*, por exemplo, decorrem princípios gerais ordenadores da existência [*cosmos*] e métodos lúdicos de decodificação da plenitude invisível do acaso [*caos*], como o jogo de varetas e o tarô.

Tal dualismo foi finalmente superado como paradigma para análises abrangentes desde o desenvolvimento mecânico e o estudo biológico dos sistemas auto-regulatórios de comunicação e controle. Segundo James Lovelock, Walter Cannon os denominou “homeostáticos” e Norbert Wiener, “condutores” ou “cibernéticos”¹², pois seu comportamento está baseado no “*feedback* negativo” automatizado ou consciente cuja característica é o equilíbrio contínuo de suas funções. Na cibernética, portanto...

...causa e efeito não mais se aplicam; é impossível dizer qual vem antes, e certamente a questão é irrelevante. Os filósofos gregos repugnaram os argumentos circulares tão veementemente quanto acreditaram que a natureza rejeitava o vácuo. O distanciamento dos argumentos circulares, chave para compreender a cibernética, foi tão errôneo quanto a assunção de o universo estar preenchido com o ar que respiramos.³ {Lovelock 2000:48;52}

O cosmos, a biosfera planetária e a nossa consciência são os sistemas cibernéticos conhecidos mais complexos, e suas inescrutabilidades – a astrofísica é o estudo de 0,5% do universo, e o percentual não melhora significativamente em relação à mente e à natureza – indicam as limitações estrondosas do método científico e do raciocínio puramente “lógico” que nossa época deve se empenhar em superar.

Se, na realidade das partículas, a indeterminação é o método vibracional de todo o vácuo estrutural do determinismo científico, então podemos sentir nas suas inexistências reais a força a contrariar as ilusões existentes. Pensar não em imanência caótica, mas em ordenações provisórias, e como...

...cada nova descoberta determina um novo método aniquilando o anterior. No reino do pensamento a imprudência é um método. {Tristan Tzara citado por Said 1975:40}

Mesmo assim, a afirmação parecerá um exagero, pois...

...só não há determinismo onde há mistério. ¿Mas que temos nós com isso? {de Andrade 1978},

12 Cibernética [grego, κυβερνητική, “homem que conduz ou governa”, “argonauta”, “timoneiro”]

...pode se questionar o leitor, com o álbi da dificuldade em perceber como fenômenos tão minúsculos conseguem determinar as razões cotidianas. Aí, contudo, deve refletir sobre os limites das postulações¹³ da verdade, pois o método é um pé-investigativo e outro pé-expositivo, e...
 ...la coincidencia de nombre entre el pie y el pie hace difícil la explicación. Cuidese especialmente de no levantar al mismo tiempo el pie y el pie. {Cortázar s/d}

Não se aplicando ao desconhecido, seus limites estão restritos ao universo de razões relativas “que governam a vida do homem como se fossem absolutas”, e sua proposta será justamente a imprudência de ser prudente, e...

...únicamente negar lo Absoluto [y reconocer] en la historia humana, a la verdad relativa, al mito temporal de cada época, el mismo valor y la misma eficacia que a una verdad absoluta y eterna [...]
 Aunque luego se entretenga en pensar que todas las verdades y todas las ficciones, en último análisis, son equivalentes. {Mariátegui 1925b, se referindo a Einstein}

São três, portanto, as razões da pluralidade dos métodos: a pesquisa parte não de conceitos, mas de categorias só compreensíveis por uma abordagem inter e transdisciplinar; propõe sua aplicação ao mais abrangente e cataléptico fenômeno humano, a política; e, além disso, as categorias confluem numa perspectiva expositiva egomotriz, plasma empírico entre o destaque às alteridades indígenas e meu alterego autoral. Para esclarecê-las, exponho em **Origens e inícios** as acepções e usos adotados a respeito da consciência, do espaço-tempo e da origem, e como minhas pulsões e sublimações são causa|conseqüência dos métodos de pesquisa.

Evidencio a necessidade desse anúncio ao propor uma metodologia cujos inícios sejam múltiplos, as categorias escolhidas para analisar o fenômeno político no continente originário, e cujo sentido de totalidade esteja nas relações entre elas. Ou seja: não há apenas um método, mas vários, e a metodologia se explica naquilo afirmado em cada categoria sobre a categoria seguinte, como inícios dissolutos na origem. Posso considerar meu intento como dialético, se tomarmos por tal a acepção de...

...demolição de todos os conceitos adquiridos e cristalizados, com o objetivo de impedir sua mumificação, {Gurvitch 1977:18}

13 Postulações – pústulas retoricamente postuladas.

...e a apropriação das dialéticas “descendentes” e “ascendentes” já formuladas, conforme possam poder de espelhar as lapidações do real, não apenas como...

...ciclo, dualismo, oposição, conflito, mas também reconciliação dos contrários [*coincidentia oppositorum*]. {Eliade 1992:130}

Mircea Eliade se refere à “metafísica da Lua” que permitiu, através da observação dos astros e dos simbolismos lunares, a invenção de um “sistema coerente” sobre o devir: crescimento, decrescimento, morte e ressurreição. A identificação das origens mitológicas do dinamismo vital induz a compreensão de como...

...dialética e empirismo só podem contribuir para libertar a sociologia do dogmatismo e para torná-la científica sob a condição de se unirem [“hiperempirismo dialético”] [...] A conceituação estática não consegue dar conta, simultaneamente, das totalidades e de suas partes. Ela não chega nunca a penetrar profundamente nas riquezas inesgotáveis do real, de que um dos setores importantes - o da realidade humana (social e histórica, em particular) - é captado por sua vez em um movimento dialético. Uma dialética impenitente e intransigente, uma dialética não domesticada, não pode ser nem ascendente, nem descendente, nem as duas coisas ao mesmo tempo. Não pode conduzir nem à salvação, nem ao desespero, nem tampouco à salvação através do desespero [...] Segundo a feliz formulação de Jean Wahl ‘a dialética é antes um caminho que um ponto de chegada’. {Gurvitch 1987:09-10}

A adoção duma dialética híbrida permite ressaltar as contra-sínteses gestadas no interior das sínteses: as fricções diametrais que encontram sua resolução nas gradações caleidoscópicas, produzindo novas oposições e aprofundando as complexidades. A riqueza sgnica do termo desvela suas dispersões exegeticas, plasmando a construção individual e social da realidade com os relances fugazes de outras compreensões que circunscrevem, se imiscuem e interferem em nosso entendimento. Isto porque «dialética» é “diálogo”, sucessão lógica de idéias manifestas, entendidas e debatidas. E ressona a noção de «dialeto», eco das diversidades morfossemânticas a partir das mesmas origens idiomáticas. Esta etimologia conecta a consciência com sua expressão cognitiva mais completa e maleável, o idioma, e surge como afirmação

da vida através da capacidade individual de expressão, na sinonímia entre dizer e pensar, e na dúplice variação da declinação grega entre a feminina dialética [técnica, arte], e o masculino dialético [relação].¹⁴ Daí a evolução semântica, da “arte do diálogo” platônico ao desenvolvimento fenomenológico progressivo de Hegel. Se o feminino postula a unidade criativa da consciência, o masculino indica a integralidade de suas relações, e...

...o conceito de relações, da esfera puramente humana, guarda em si conotações de pluralidade, de transcendência, de criticidade, de consequência e de temporalidade” {Freire 1967:39}.

Visualizada na teoria dos fractais e no algoritmo do *Buddhabrot* e eclodida nos ciclos políticos erosivos que catalisam e extravasam as memórias sociais através das lembranças, esquecimentos e trocas de sentido, cada variação dialética faz concessões ao movimento geral da época e às interpretações singulares. E vai cedendo, pouco a pouco, o centripetismo universalizante das concepções “sócio-históricas” às centrifugações cósmicas que as impulsionam a novas valências cognitivas.

* * *

Para concebir [la búsqueda de los orígenes], hace falta mucho más que una revolución teórica. Se trata de una revolución de principio y de método. La cuestión de la cosmogénesis es pues, al mismo tiempo, la cuestión clave de la génesis y del método.

Edgar Morin

* * *

14 Da raiz grega λέγω-, “falar”, “dizer”, “escolher”.

2. Categorias cósmicas

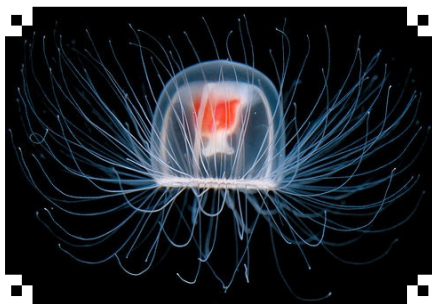


Piroga originária feita em tronco único de pinheiro-do-Paraná [*Araucaria angustifolia*] através da imemorial técnica de queima do miolo. Mede 9,10m de comprimento e 70cm de largura. Foi descoberta em 1999 no rio Aiuruoca, Minas Gerais, e segundo datação por radiocarbono possui aproximadamente 400 anos. Em: http://www.npa.org.br/noticias_listar.php?idNoticia=39 Acesso: abril 2015.



A constelação de Sagitário está localizada na região central da Via Láctea, visível através duma longa linha escura no céu durante o solstício de verão [hemisfério sul]. Os povos mayances denominaram este “desfiladeiro negro” de “caminho de Xibalba”, imaginando no contorno das estrelas uma canoa a conduzir os espíritos para as profundidades galácticas. Em: <https://www.nasa.gov/topics/earth/features/2012-alignment.html>

Acesso: maio 2012.



Turritopsis dohrnii, a “medusa imortal”. Takashi Murai, 2012.

«Origem»

Através de sua humanização adjetiva, a «origem» é autodenominação dos povos indígenas popularizada em todo o continente. Seu significado, ao contrário do induzido pelo uso litúrgico e secular, não reside em um ponto fixo no espaço ou em um marco no tempo, a

partir dos quais o deslocamento implica o irremediável afastamento num sentido determinado. Ao contrário, diz respeito a processos dinâmicos de transformação - e por isso graduais, cíclicos e progressivos, relacionados ao cosmos (origem do universo|matéria, origem do tempo|espaço), à natureza (origem da vida|espécies) e ao homem (origem do espírito|consciência, origem da cultura|civilização). A integração entre essas três esferas, a cósmica, a natural e a humana, constitui uma visão originária.

Como movimento indiscernível no átimo destes processos, a origem transgride seus referenciais estáticos - sejam distâncias ou durações, conceitos ou leis, e exige discernir sua essência através das duas dimensões naturais, o espaço e o tempo, e pelo duo perceptivo humano, os sentidos físicos e o pensamento. Ajudará imaginá-la como um dínamo, cuja impulsão energética se alastra em todos sentidos e direções concomitantemente, gerando em si, como força resultante, o empuxo que também o desloca. Em perspectiva, o conjunto destas interações é homogêneo pela mesma razão de sua diversidade: colige o deslocamento linear (em direção determinada) com o cíclico (em constância determinada) na mediatrix espiral de sua progressão, cuja dinâmica interna é sujeita aos imprevisíveis revolteios dum dínamo com vontades próprias, e quiçá melhor visualizada nas precessões duma mola em perpétua ejeção elíptica e ondular. Voltarei a estas associações ao longo do ensaio, formulando em **Nações indígenas** a tese de o «originário» ser não um novo rótulo substitutivo do «indígena», mas a unção corretora do desvio espaço-temporal ocasionado pela crisma *eucriolla*, a fazer do autóctone um parasita exógeno em sua própria casa. Sua associação com as pretensões «cósmicas», fulcrais na cosmogonia, na antropologia e nas concepções filosóficas latino-americanas, expande a significação para todos os povos,

sejam integrantes de culturas testemunhais, transplantadas ou novas, segundo a clássica tipologia de Darcy Ribeiro.

Estou ciente de nesta abordagem contrariar significados concretados à hermenêutica, ademais de certos brotamentos da crítica pós-colonialista que afirmam ser...

...teoricamente inovador e politicamente crucial a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e de focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação de diferenças culturais. {Bhabha 1998:20}

Pois discordo da sinonímia entre “origem” e “início” e desconsidero uma “articulação de diferenças” baseada na transfiguração da própria subjetividade, qual fosse uma entidade articuladora *ex machina*. É no processo inverso, de contínua redescoberta do eu-interior [*innerself*], que está o mecanismo de alteridade e a razão originária da identificação primária com o mundo, tornando possível a articulação intersingular das generalidades da espécie e das especificidades do gênero. Se há alguma certeza, sempre imprudente, é a repetida desde a invenção do cultivo, da cultura, da colonização e de suas germinações por agricultores místicos e caçadores filósofos, personagens de mitos heróicos e contos-de-fadas: partir de-si é o único meio de se alcançar o conhecimento da realidade.

Como certos pós-modernos fizeram questão de incendiá-la prudentemente com os alicerces do estruturalismo que dava sentido às suas conclusões, se esqueceram de que os problemas da extrapolação da razão a um individualismo incapaz de reconhecer suas relações ambientais e de conformar um sentido de totalidade social são centrais para uma psiquê convalescente em onanismos estéticos. Mas não constituem senão a meia-parte numa análise cuja prioridade sejam as necessidades da consciência originária. É tão evidente quanto curioso o reducionismo ocidentocêntrico quando se diz, nas mais sinceras antíteses, que o...

...reconhecimento que a tradição outorga é uma forma parcial de identificação. Ao reencenar o passado, este introduz outras temporalidades culturais incomensuráveis na invenção da tradição. Esse processo afasta qualquer acesso imediato a uma identidade original ou a uma tradição “recebida”. {Idem :21}

Um originário afirmará justamente o contrário, pois a visão temporal sob a perspectiva dos mitos da criação faz do conhecimento das origens mais longínquas a manifestação do *continuum* fundamental

para a idéia de «atualidade». O recebido não é a *traditio* litúrgica, mas o mistério, as tradições [antigas] usualmente contrapostas às inovações [modernas], numa manipulação temporal capaz de acessar as limitações na identificação do «eu» e progressivamente superá-las. {Chauí 1999; Le Goff 1990} Os horizontes das transformações futuras se tornam cognoscíveis ao se “reencenar o passado”, pois na dramaturgia idiomática e consuetudinária respira a *kundalini* luminescente das nações originárias; as vértebras intramusculares de nossas sociedades desde que nos tornamos humanos capazes de crer e criar. Na ausência deste quipo cósmico, unindo o *pathos* telúrico ao *ethos* da consciência, habita o mal-estar civilizatório obsessivamente denunciado na psicanálise e na vivificação das origens. Por uma questão de fins ou de inícios, friso no «originário» um qualificativo recorrente da metodologia política, tão

heterodoxo quanto a própria ortodoxia aristotélica, e...

...nesta matéria [a formação da cidade], como em qualquer outra, obterá a visão mais clara aquele que a considerar em suas origens.⁴ {Aristotle, 350 a.s.E.: book I, part II}

«Espaço-tempo»



Bitches Brew. Mati Klerwein, 1969. Capa para o disco homônimo, de Miles Davis.

É a mônada multidimensional a compor a realidade como a conhecemos, apreensível a partir dos sentidos físicos e do pensamento, pois o tempo e o espaço podem ser igualmente medidos, através de

suas durações e distâncias; compreendidos através de variáveis triplas - comprimento-largura-altura, e passado-presente-futuro; e, se a passagem do tempo se apreende nos ciclos de degradação-regeneração do espaço, o espaço é o meio para a contagem do tempo, através de algum mecanismo oscilador harmônico, cujas vibrações regulares são visualizadas no movimento angular analógico ou na representação numérica digital.

Espaço e tempo...

...são categorias básicas da existência humana. No entanto, raramente discutimos o seu sentido; tendemos a tê-los por certos e lhes damos atribuições do senso comum ou auto-evidentes [sob cuja superfície] ocultam-se territórios de ambigüidade, de contradição e de luta. Os conflitos surgem não apenas de apreciações subjetivas admitidamente diversas, mas porque diferentes qualidades materiais objetivas do tempo e do espaço são consideradas relevantes para a vida social em diferentes situações [...] O modo como representamos o espaço e o tempo na teoria importa, visto afetar a maneira como nós e os outros interpretamos e depois agimos com relação ao mundo. {Harvey 1992:187,189}

O alerta é compreensível ao desvelarmos as imensas complexidades do duplo atributivo-perceptivo da natureza e da consciência. No espaço, posso citar a relevância de diferenciação entre: (1) territórios, paisagens, lugares e localidades; (2) áreas, formas e volumes; (3) suas funções vitais - de reprodução e produção sociais, funções perceptivas - de representação sógnica no cotidiano, nas disciplinas acadêmicas, na arte, e funções imaginativas - criações de “espaços simbólicos”, sejam ambientes, obras de arte, discursos; (4) as “fricções da distância” - custos e barreiras à interação social e econômica; a apropriação do espaço por objetos, atividades, grupos sociais e instituições; as formas adicionais de maximização do controle e da produtividade espaciais, espacialização idiomática, da informação, do direito, dos mapas, do *design*; (5) como decorrência, as distâncias entre o indivíduo e o meio-ambiente, o universo, os governos; (6) a corporificação do espaço ou a espacialização do corpo na arquitetura e na organização social, urbana ou rural; sua apropriação criativa no que Torsten Hägerstrand denomina “trilhas de vida no tempo-espaço” - através de movimentos pendulares e migratórios, e nos “espaços de enunciação” peatonais de Michel de Certeau; (7) as “heterotopias” de Michel Foucault - irredutibilidade do espaço no corpo, alvo da sujeição

às instituições e fonte da própria liberdade; (8) e outras possibilidades mais esquemáticas de definir a espacialização, como linhas [estradas, fronteiras, mapas, perímetros], centros [nações, metrópoles, parlamentos, igrejas, estandartes] e exteriores [*terra nullius*, colônias, zonas periféricas, reservas florestais] indígenas, os povos originários]. {Bastien 1996}; {Camino 2012:53}; {Harvey 2008:195,198}; {Mazurek 2012:09 sgs.}; {Smith 2008:53-56}.

No tempo, é possível discernir: (1) as concepções lineares, cíclicas e espirais que significam as diversas conjugações do passado|presente|futuro, do atual|contemporâneo e do arcaico|moderno; (2) a sincronicidade, diacronicidade ou assincronicidade dos fenômenos naturais e culturais; (3) sobretudo ao se coligir a filosofia e a física, a diferença entre duração, tempo, infinitude e eternidade; (4) a possibilidade de viajar no tempo, através das incursões oníricas e astrais – se admitindo a plausibilidade empírica da distinção entre ECC [estado comum de consciência] e EXC [estado alterado, não-ordinário ou xamânico de consciência], ou através do domínio técnico dos fenômenos físicos envolvendo aceleração e gravidade – se admitindo a teoria da relatividade geral de Albert Einstein; (5) a corporificação do tempo através dos ritos mnemônicos e das memórias míticas, conflitando, na intercessão com as variadas concepções espaciais, a cristalização, aceleração ou regressão sociais do tempo e as distinções qualitativas entre história, mitologia e os “locais da memória”; (6) encontros civilizatórios marcados por relações de “paternidade-filiação”, “arcaísmo”, “crescimento” e “renascimento”; (7) como consequência das anteriores, entre início, fim [reinício] e origem. {Le Goff 1990}; {Bloch 2002}; {Augé 1989}; {Toynbee 1984}; {Harner 1995}; {Ribeiro 1968}; {Harvey 2008}; {Ruiz 1999}; {Spinoza 2002}; {Descartes 1908}; {Greene 2003}; {Saïd 1975}

A ‘lógica’ social prevalente, sujeita às propulsões pragmáticas e às estocadas eróticas do desperdício, considera o espaço algo a ser fruído, esgotado e disperso no tempo. O tempo, por sua vez, é agrilhado ao período das existências individuais e à regularidade das rotinas, e espacialmente localizado pela cronometria sonante da produção, do ensino, do consumo e da especulação. No pensamento originário, porém, a Terra é venerada como o espaço único de sucessivas gerações, e se preserva das erudições humanas justamente pela inscrição do intelecto como “centro” demarcatório das durações – engrenadas na perfeição insuperável dos condicionamentos cósmicos – e das “maturações” - os modos de cogitação capazes de explicar as transformações cataclísmicas

e de manipular livremente as durações através dos ritos de “retorno” [karma], de “eterno retorno” [aeon] e de “saída” [moksha] do tempo.
{Eliade 1992:96}

O “centro”, aqui associado à «consciência», é um “ponto fixo” no sentido de revelação do “absoluto”, do “ontológico”, do “existente”, da “rotura” na qual se situa o indivíduo. Ou seja, o “lugar” onde ele “funda” sua identidade, seu lar, sua nação e seu mundo, os diferenciando do caos recorrente. Como a consciência da finitude que humaniza a imanência é a mesma da “altura infinita” que a transcende, o gesto fundacional constrói e simboliza, reemergindo...

...a qualquer momento [numa] poderosa atualidade religiosa. {Eliade 1992:114}

A centralidade é tanto a contínua remissão a um “ponto primordial” [*ab origine*] além das durações [*in illo tempore*], quanto aos futuros utópicos e distópicos nos quais o pensamento moderno turbulentamente se ancora. O deslocamento é dado pela busca da posição na qual o centro se inscreve, e sem ela não haveria como o definir, senão como um ponto à deriva, negação de toda centralidade. A “reatualização” das origens em direções diametrais demarca a diferença fundamental entre o pensamento pré-moderno e o moderno. Mas tal diferença só surge na intercessão entre ambas, ao qual se dá o nome de “contemporâneo”. Um tempo tradicional de fim|reinício dos ciclos; de abolições provisórias dos tabus, proibições e julgamentos; de experiências festivas, orgiásticas, narcóticas e sangrentas; “limiar” entre cosmos e caos. Tempo de “regeneração”, não totalmente estranho ao contemporâneo moderno, este fricassê pasteurizado de novas eras prometidas e eventos extintos, limbo dos descarregos apocalípticos e dos bolores da museologia, no qual, como disse Akira Kurosawa, “apenas os loucos são sãos”.

O “progresso”, conseqüentemente, não será mera trajetória unidirecional. Sob a perspectiva sagrada, todo progresso é um conhecimento já revelado no tempo primordial através da imitação dos deuses [*imitatio dei*], e assim não se trata nem de paralisá-lo num passado remoto, pois que é reproduzido e materializado no presente, e nem de concebê-lo exclusivamente como deslocamento à frente, desprezando a ancestralidade. {Eliade 1992:38 e sgs.,63 e sgs.,80,100} Além de amálgama do grande divisor mito|história, há neste duplo fluxo uma cristalina implicação política, pois...

...recusar aos índios uma interlocução estética e filosófica radicalmente ‘horizontal’ com nossa sociedade, relegando-os ao papel de objetos de um assistencialismo terceirizado, de clientes de

um ativismo branco esclarecido, ou de vítimas de um denunciismo desesperado, é recusar a eles sua contemporaneidade absoluta. {de Castro 2015:prefácio}

O pensamento “cripto-religioso” ignora as intercessões entre as durações físico-cósmicas e os modos temporais da consciência. Mas delas participa inconscientemente ao comemorar os ciclos festivos e mesmo ao cultivar rotinas diárias. Estas, contudo, serão atividades “desprovidas da verdadeira dimensão humana”,

...repetição esvaziada de seu conteúdo [que] conduz necessariamente a uma visão pessimista da existência. {Elfade 1995:138,95}

Reproduzido como “média consciência”, como veremos, abandona também a tomografia marxiana do controle burguês do espaço-tempo e seu cardiograma da taquicardia do social,

...suma de acontecimientos en la profundidad de la vida, lo cual va desde la prolongación de la vida humana hasta la subsunción real, desde el sometimiento de la enfermedad, como contradicción de la vida, hasta la sustitución del propio ciclo biológico femenino y eso para no hablar de los efectos espaciales de la concentración, es decir, el *ethos* industrial, urbano y nacional hasta el nuevo tiempo de la política, o sea la aparición de la forma total del cambio social, que es el fenómeno contemporáneo de la revolución. {Mercado 2008:76,77}

O aspecto a ser entoado é a inédita possibilidade de atualização total das origens sociais, da consecução do caráter bifluídico da progressividade: a nostalgia da perfeição prototípica das sociedades igualitárias conjugada com a utopia da integração mundial, ambas propulsionadas por um cenário de avanços científicos sem precedentes. É por sua abrangência desconstrutiva da unilinearidade, sua sensibilidade à complexidade do contemporâneo e sua abordagem radicular e original do tempo que o marxismo será continuamente revisitado por muitos e muitos séculos, amém.

E a vulgata se afasta, enfim, da demonstração de Albert Einstein de como a percepção será sempre relativa e multidimensional, a partir da constatação de a...

...luz visível não [ser] senão um tipo de onda eletromagnética, hoje compreendida por interagir com a química da retina, criando a sensação

da visão [...] As ondas eletromagnéticas nunca param e nunca desaceleram. A luz sempre viaja à velocidade da luz.

Ao se perseguir um feixe de luz, ele não permanecerá nas margens plácidas newtonianas conforme o perseguidor se aproxima, mas sempre se distanciará, ou, se o feixe for o perseguidor, sempre se aproximará: o indivíduo jamais é capaz de se aproximar ou de se afastar da luz. Ao imaginar os deslocamentos no espaço-tempo sob a velocidade da luz, surge então a questão de quem se move em relação a quem. Este exercício coloca em interação os indivíduos e os fenômenos eletromagnéticos que são responsáveis por sua percepção da realidade, adicionando a consciência como dimensão interna à análise científica. Logo, não parecerá surpreendente que...

...a preocupação fundamental da relatividade especial seja precisamente como o mundo se manifesta aos indivíduos, usualmente chamados “observadores”, se movendo uns em relação aos outros. De soslaio, este pode parecer um exercício intelectual de mínima importância. Mas, ao contrário, há profundas implicações no entendimento de como as situações mais corriqueiras surgem aos indivíduos em movimento relativo.

Desse modo, a teoria da relatividade envolve um princípio imediato, em respeito às propriedades da luz, e outro “mais abstrato, concernente à todas as leis físicas”, residindo...

...num simples fato: quando discutimos aceleração ou velocidade, devemos especificar precisamente quem e o quê faz a medição [...] Einstein formalizou esta idéia, radicada nas intuições de Galileu, proclamando que é impossível, em um compartimento fechado, conduzir um experimento que determine [por exemplo] se um trem está ou não em movimento.

Se a física de Newton é o *ordine geometrico* a exteriorizar as propriedades do espaço e do tempo, Einstein a apresenta à filosofia da dúvida metódica, rotacionando o universo a partir do eixo da consciência. Assim como no fenômeno congênito da cultura, cuja origem é o dom interacional da fala...

...simplesmente não há noção de “absoluto” no movimento à velocidade constante; somente comparações possuem significado físico.⁵

A teoria da relatividade especial permite compreender pela primeira vez as forças fortes (gravidade) e fracas (eletromagnetismo) a compor as ondas e partículas da realidade, embasando concepções sociais e individuais do tempo diferenciadas. Não à toa, o relativismo cultural antropológico é contemporâneo à relatividade física, e ambos marcam a tomada de consciência para a diversidade de possibilidades num universo quadri e mesmo multidimensional, como prevê a teoria das supercordas e

as crenças espirituais espargidas por todos os povos. Como...
...em comparação com um relógio parado, outro em movimento marca o tempo cada vez mais devagar enquanto acelera,⁶ {Greene 2013:16,18, 19,23}

... a maior celeridade implica a qualquer mecanismo de medição da duração uma alteração não no ritmo com o qual pulsa, vibra, gira ou reflete, mas na frequência, pois a velocidade amplia a distância percorrida num ciclo. Do ponto de vista de quem está em movimento, o tempo-espaço se contrai em relação a um observador e a um relógio estáticos, em velocidade inferior ao experimento, mas expande para quem experimenta o movimento. A lei da relatividade detecta um fenômeno válido a todas as partículas físicas que altera a intuição usual sobre o espaço-tempo, e sobre a duração da vida. Começamos a perceber que a unidimensionalidade do tempo, em contraste à tridimensionalidade do espaço, oculta seus mecanismos internos. De fato, só ‘percebemos’ o tempo presente, mas ao dar-lhe os contornos da atualidade estamos construindo uma estrutura multidimensional do tempo. Nosso conhecimento atual torna mais fácil

concebê-la, embora ainda assim difícil de a entender, pois...

...a inclinação pós-moderna de acumular toda espécie de referências a estilos passados é uma de suas características mais presentes. {Harvey 2008:85}

As comprovações de Einstein há apenas um século repetiram os feitos de Gauss na matemática, Riemann na geometria e de Laozi e de Spinoza na filosofia. Qualquer pajé originário, contudo, pode nos ensinar a unidade relativa do espaço-tempo a partir duma empiria muitas vezes milenar. Tanto uns quanto outros dirão que como a compreensão do tempo decorre de sua experiência espacial, à velocidade mais baixa corresponde uma compreensão mais rápida do tempo, e à velocidade mais alta, seu entendimento mais vagaroso: a “passagem do tempo” é tanto mais rápida quanto mais lenta, e tanto mais lenta quanto mais rápida a “dinâmica da vida”. Ora, isto opera no plano substantivo conseqüências orgânicas específicas: à velocidade mais lenta corresponde um envelhecimento mais rápido, e à velocidade mais rápida um envelhecimento mais lento. De igual modo, alterações psíquicas, pois viver de modo mais lento ou mais rápido permite compreender tanto a efemeridade da vida consciente

no espaço-tempo quanto a permanência da consciência vital no tempo-espaço. {Deloria Jr. 2003}

Se a exposição parece fantástica, ainda é possível redimi-la em experimentos subatômicos. A partícula chamada *muon*, viajando a 99.5% da velocidade da luz, tem sua existência aumentada em uma razão de 10, e o mesmo deve valer para os corpos físicos. Esta exponenciação é dada pelo fato de a realidade não ser tridimensional (espacial), mas quadridimensional (espaço-temporal), com massa, velocidade, gravidade e energia sendo proporcionais e relativos entre si. Na terceira dimensão a velocidade é determinada através da impulsão arbitrada, e na quarta, pela constante da velocidade da luz. A tetradimensionalidade “consome” a velocidade de qualquer movimento, e a um aumento de velocidade aplicado no espaço, corresponderá a retirada dessa velocidade do tempo. Eis porque atingir a velocidade da luz, ampliando ao máximo a gravidade através da conversão da massa em energia, é estagnar o tempo, evento físico da idéia filosófica e mística de “eternidade”:

algo viajando à velocidade da luz através do espaço não terá nenhuma velocidade restante para se mover através do tempo. Assim a luz não envelhece: um fóton emerso do big-bang possui sempre a mesma idade.⁷ {Greene 2003:28}

Ao impregnar a teoria do conhecimento com uma perspectiva cronotópica incontornável, o iluminismo e a relatividade se entrançam religiosamente e alcançam os processos auto-regulatórios da memória, nos quais...

...a informação é parte essencial e inerente [...] Os mecanismos de controle mental devem ser capazes de armazenar, recordar e compará-la a qualquer instante, corrigindo erros e consumando seus objetivos [feedback negativo]. Quer consideremos um fogão elétrico, uma cadeia de lojas monitorada por computadores, um gato dormindo, ou a própria Gaia – tão logo estejamos levando em conta algo que se adapte, manipule informação e acumule experiências e conhecimento, o estudo é uma questão de cibernética e o que se estuda pode ser chamado “sistema”.⁸ {Lovelock 2000}

A cibernética torna mais fácil compreender a metáfora da ‘mola elíptica’ que usei para explicar as origens, bem como o contemporâneo e o progresso, e ainda esclarece como as condições cognitivas epigenéticas prevalecem sobre as capacidades genéticas do intelecto:

há uma técnica curiosa em que se pode retirar dado gene de um camundongo. Ele e seus

descendentes não o terão. Você “extinguiu” o gene. Existe um gene responsável pela codificação de uma proteína relacionada à aprendizagem e à memória, e sem ele o camundongo passa a ter dificuldades de aprendizagem. [Então] pegue os camundongos geneticamente deficientes e os crie num ambiente muito mais rico e estimulante que o dum rato normal de laboratório e eles superam completamente essa deficiência. {Robert Sapolsky em Joseph 2011:14m50s}

Memórias negativas não são causas de ações negativas, mas aumentam suas possibilidades se outras condições desfavorecerem o desenvolvimento do indivíduo. Assim, por exemplo, caráter gera violência, mas a probabilidade de caráter associado a pobreza gerar violência é maior. O entendimento contrário está na patética discussão da minoridade penal, caso típico de “feedback positivo”, ou seja, a recepção e uso equívocos da informação, terminando por consumi-la qual um forno elétrico sem termostato que aquece até explodir. Uma diferença importante entre concepções lineares de causa→efeito e cibernéticas no fluxo mnemônico está, portanto, nas...

...instituições e mecanismos para preservá-lo - eletrônico, escrito, medieval [equilíbrio entre oralidade e escrita], transicional entre oral e escrita e oral ou étnica. {Freire 2008:03}

A relação equilibrada no funcionamento interno das diversas memórias existentes no seio social, ou seja, sua sintaxe, é determinante na qualidade e no aproveitamento de seu conteúdo ao longo do tempo. O domínio desta sintaxe possui conseqüências importantes para a sobrevivência e o desenvolvimento da sociedade, constituindo a diferença entre aquelas capazes de se lembrar de sua trajetória e progredir e as outras a incorrer repetidamente em “atualizações históricas regressivas”. {Ribeiro 1968} Bessa Freire, tratando dos povos originários do Brasil, mostra como suas riquíssimas tradições asseguram transmissão de conhecimentos que vão da segurança alimentar – técnicas e espécies cultiváveis, localização de mananciais, etc... - à prevenção de hecatombes, devido ao saber acumulado sobre os solos, as rochas, os ciclos de transição climática, etc. Deste modo, das intoxicações por mandioca aos acidentes nucleares, a solução pode estar no simples conhecimento dos idiomas originários. Como fenômeno sintático, a memória relaciona criativamente os conhecimentos existentes e funciona como...

...uma bússola que orienta o destino dos povos [...] um instrumento de poder. {Idem, comentando Le Goff: 1984}

As qualidades, amplitudes e recorrências da memória são cruciais no modo como cada indivíduo atua, modifica e amplia seus estados de consciência. E seus parâmetros espaciais e suas volubilidades temporais, coletivamente aplicados, se tornam determinantes nas complexas esferas de interações sociais e políticas.

* * *

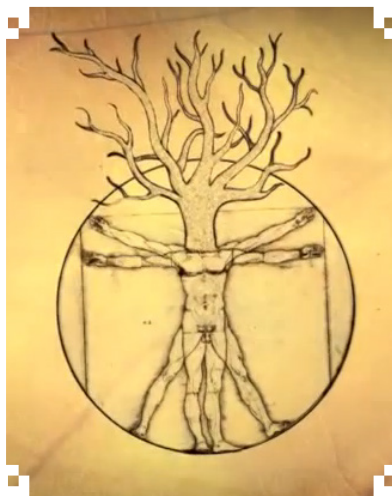
O tempo é um estado: a chama onde vive a salamandra da alma humana.

Andrei Tarkovski

* * *

«Consciência»

A palavra-categoria «consciência» é frequentemente utilizada com o significado de aprendizado político e aprimoramento íntimo, nas variações do ideal *agirante*¹⁵ de transformação, qual o «bem-viver» preservado pelos povos originários como princípio social organizativo. E constitui a busca por definições da natureza humana em todas as descendências filológicas, do racionalismo europeu à cosmogonia andina. Se a origem é uma espiral dinâmica que diz respeito às transformações do cosmos, da natureza e do homem no tempo e no espaço, sua matriz neuroeletrônica é a consciência, bobina formadora das culturas na



Homem-planta vitruviano.

Jacques Mitsch. *L'esprit des plantes*, 2010.

15 Agirança - “Agir na esperança”. Na síntese giratória dos derviches sufis com a *Dança da realidade* de Alejandro Jodorowski, agirantes são os passos dialéticos na criação do mundo. É preciso notar a elasticidade fonética do termo, porém a pretensão substitutiva da “esperança sem espera”, proposta por seu inventor, não se consuma. A raiz indo-européia *spê-* frutifica, além da “esperança”, também a “expansão” e o “êxito”, donde “espasmo”, “espada” e “próspero”. Devo este neologismo ao conspícuo Ricardo Pazello.

síntese das naturezas, projetora das memórias no âmago dos territórios, propagadora dos mitos na cadência dos ritos. Entidade magnética na qual a Criação e a Crença se intercalam e se impulsioanam indistingüivelmente.

Eis porque uma abordagem originária deve captar a totalidade de seu movimento, primeiro expondo suas dissonâncias autocontemplativas nas limitações coloniais do continente; depois resgatando sua sincronicidade cósmica e telúrica no sentimento de integridade capaz duma compreensão ampliada do pensamento. Estimulando a interação entre as erupções neuróticas e as sintonias recônditas inerentes da psiquê, é possível visualizar como as necessidades individuais conduzem aos “horizontes de visibilidade” coletivos. E, transitando através da sintaxe, da semântica, da semiótica e do milagre, mimetizar esses deslocamentos nas aspectações dialéticas|cibernéticas entre indivíduo|sociedade, poder|controle, alteridade|etnicidade, mito|história, natureza|cultura (civilização) e liberdade|libertação. Pois...

...a falta de articulação [entre as “categorias brancas” e a cosmologia] leva ao fracasso político [à retórica ou ao “solipsismo cultural”]. São esses efeitos de integração e retroação que dão ao discurso político indígena contemporâneo um interesse etnográfico especial. {Albert; Ramos 2002:242}

Tanto ciência [**scientia**, conhecimento] quanto consciência [**conscientia**, conhecimento com] se etimologizam na raiz latina **scio**-[conhecer]. Daí consciência se referir aos processos tanto do conhecer consigo [**consciūs sibi**], quanto da qualidade ou estado de estar ciente de algo consigo, ou compartilhar o conhecimento sobre algo com alguém [**consciūs**]. É, num esgar hodierno, o conjunto das experiências, memórias, sentimentos e habilidades do indivíduo.

Aristóteles utiliza um equivalente na *Retórica* com a expressão “na melhor consciência”, ou seja, “uso da maior discricção na formulação dos vereditos”. E, n’*A Política* sempre com o judicioso sentido de dever perante os demais:

...a consciência de um grande crime e o medo de ser punido por ele;
 ...os juízes não raro são forçados a julgar contra a consciência e contra o juramento que prestaram;
 ...só haveria perjúrio no caso em que, julgando em sua consciência que as vinte minas não são devidas, o condenasse, porém, a pagá-las.
 {Aristóteles 2005:40,149, 150, 152, 236, 295}

O termo reestréia na literatura cicerina com o pedantismo epistolar

dos romanos, preservando no *consciuis* as radiações aristotélicas: conhecimento que uma testemunha tem dos deveres de outrem.

Este sentido é digerido cru e sem temperos pelo *Leviatã*: onde dois ou mais homens sabem de um mesmo e único fato, então deles se diz que, entre eles, são conscientes disto. {Hobbes 1999:51}

No *Ensaio sobre o entendimento humano*, pela primeira vez assume as feições individuais (e liberais) do *consciuis sibi*: a consciência é a percepção do que passa na mente do próprio homem. {Locke 1999:98}

E assim é transposto por Descartes:

[...] consciência por testemunho próprio.⁹ {Descartes 1908:524}

A evolução conceitual parte do reconhecimento de si nos outros, uma ação intuitiva coalhada pela acidez prescritiva, ao reconhecimento de si consigo, já ignitora da faísca da consciência. Em nenhuma, contudo, se alcança a síntese do ‘si consigo nos outros’, o *spin* spinozano e altérico da “essência”. Outro fato relevante a apontar é a associação da consciência com o controle, explícita em Aristóteles, Cícero e Hobbes (controle sobre as suas condutas do outro) e implícita em Locke e Descartes (controle sobre as próprias percepções). A noção de consciência transita da polaridade corpórea (corpo exterior) à polaridade mental (corpo interior), e, através desta, se aproxima da constatação da constrição exercida sobre seu contrapar pulmonar:

O controle respiratório, sobre o qual precisamos exercer alguma ação voluntária — pois a respiração autônoma e a vocalização voluntária, quando falamos e cantamos, usam o mesmo instrumento —, é em parte uma exceção ao controle extremamente limitado que temos sobre o meio interno e as vísceras. {Damásio 2000:100}

O «poder» é o estado do reconhecimento de si nos demais, dos demais em si e do si entre outros sis - do mundo substantivo e fenomênico, resultando no reconhecimento da singularidade da consciência e de sua potência,

...não devendo ser entendido em termos aristotélicos, ou seja, como virtualidade, mas em termos espinosanos, ou seja, como força atual. {Chauí 1995:41,106}

Equivalendo ao termo chinês *qi*, ao kallawayaya *ajallu*, ao kechwa *samai* e ao latino *vis*, *virtus*, estes dois últimos significando “força vital” ou “força interna”, sendo o *virtus* reduzido ao sentido moral de poder virtual e externo. Também a *conatus*, expressando inicialmente o estado físico de inércia, e traduzido por Spinoza como “tendência natural e espontânea à autoconservação.” E ainda ao vitalíssimo *ruach* רוח hebraico, “sopro”,

“respiração”, “alma”, “espírito”, “regiões do mundo”, “valor e força”, “virtude e aptidão”. {Spinoza 2012:28,29}; {Ruiz 1999}; {Bastien 1996}
Distingüo neste estudo «poder», atributo singular, dos seus inumeráveis modos individuais e coletivos de «controle»¹⁶, pois...

... el ‘poder’ es un momento de la plenitud de la voluntad y la vida, se tiene como una facultad o capacidad necesaria en la afirmación de la vida. El poder puede negarse en otro, pero no puede extinguirse jamás, mientras alguien viva. {Dussel 2007:323-324}

Nos autores referidos, e numa infinidade mais, a visão “controladora” e restritiva do poder é...

...aquele paradigma [totalidad] que en la producción del conocimiento concreto llega a ser actuado con la espontaneidad de la respiración, {Quijano 2014:296}

...sem contudo revelar que na “ação voluntária” sobre esta “espontaneidade” é possível decifrar sua potência. O desenvolvimento da consciência leva ao gradativo controle sobre os sentidos corporais e então, com o domínio sobre a própria autonomia fisiológica, a cognição reconhece em si seu poder, com as consequências extraordinárias descritas na psicanálise freudiana. Na fase oral, a fala começa a ser gestada através da memorização dos códigos compartilhados que levam à detecção da estrutura elementar da linguagem, e, após a fase anal, imprescindível para a autonomia e auto-estima da criança, o poder acumulado do eu extravasa na progressão ininterrupta de sua inteligência, flexibilidade, sociabilidade e individualidade. {Chomsky vs. Foucault 1971}; {Freud 2002}; {Frömm 1967}; {Ribeiro 1968}

A individualidade se desenvolve segundo o atributo psíquico da «individuação», contínua e ininterrupta diferenciação do ego no conjunto de seres e eventos circundantes ao indivíduo. Até o limite de mais ou menos cinco anos, a consciência humana é Gaia, integração e indiferenciação com o meio, mas a partir daí sofre com os hormônios de Vishnu, se autonomiza e diferencia-se: o indivíduo assume cada vez mais consciência-de-si|para-si. Nesta gradual descoberta da originalidade do eu, surge o reconhecimento das liberdades, heteronomias e alteridades comuns a todos, e a ampliação de suas propensões à transformação do mundo. {Frömm 1967; Ribeiro 1968}

16 A etimologia de controle [francês **contre role**, “contra-rótulo”; espanhol **contra el oro**] conota a mediação externa e fortalece a distinção: era a duplicata usada para comprovar a autenticidade do documento original ou, na menos aceita versão espanhola, o comprovante de depósito do ouro na Torre de Sevilha.

A visão política e filosófica da consciência como «controle» não ignora, mas oculta a virtude íntima numa retórica da incompletude que bem serviu para aquela propaganda que dizia: “potência não é nada sem controle”. ¿Mas que controle? É o controle de si e para si que desenvolve os atributos do reconhecimento, do relacionamento e do diálogo, fazendo emergir da poderosa natureza da consciência o indivíduo, a sociedade e a cultura. O mesmo fracionamento do movimento e da interação da consciência no **conscius|conscius sibi** permite analisar, nas sinapses neurais entre a consciência central e a ampliada, primeiro as suas funções corpóreas, então o reconhecimento do *eu* e por fim a exponenciação cognitiva derivada do encilhamento da respiração e da vocalização numa mesma parelha laringológica.¹⁷ Aquela manifestação vital e esta revelação cultural cuja condução simultânea cabe ao pensamento, entrelaçando n’alma humana, como vibração uníssona da voz, a natureza e a cultura:

el lenguaje, como capacidad comunicativa verbal, articulada sintácticamente, com referencia semántica a la realidad, como relación pragmática entre los sujetos reales, tiene una entidad intersubjetiva propia [...] Pero junto al lenguaje, y aún como su supuesto que viene desde lo más antiguo de la corporalidad, la vida se expresa en el ser humano como pulsión comunitaria, como afectividad relacional [...] como impulso comunitario a la conservación. {Dussel 2001:332}

17 “[A] consciência central fornece ao organismo um sentido do *self* concernente a um momento — agora — e a um lugar — aqui. A consciência central não ilumina o futuro, e o único passado que ela vagamente nos permite vislumbrar é aquele ocorrido no instante imediatamente anterior. Por outro lado, o tipo de consciência complexo, que denomino consciência ampliada e que possui muitos níveis e graus, fornece ao organismo um complexo sentido do *self* — uma identidade e uma pessoa, você ou eu — e situa essa pessoa em um ponto do tempo histórico individual, ricamente ciente do passado vivido e do futuro antevisto, e profundamente conhecedora do mundo além desse ponto. Em suma, a consciência central é um fenômeno biológico simples; possui apenas um nível de organização, é estável no decorrer da vida do organismo, não é exclusivamente humana e não depende da memória convencional, da memória operacional, do raciocínio ou da linguagem. Por outro lado, a consciência ampliada é um fenômeno biológico complexo, conta com vários níveis de organização e evolui no decorrer da vida do organismo. Ela depende da memória convencional e da memória operacional. Quando atinge seu ápice humano, também é intensificada pela linguagem.” {Damásio 2000:39-40}

Eis, portanto, a razão de as configurações lingüísticas possuírem influências subestimadas sobre o conhecimento, a produção e a transformação da realidade. A herança cultural européia da dicotomia etimológica grega para o conhecimento abstrato [*mythos*] e concreto [*logos*] não percebeu nas limitações vitais a origem das possibilidades do idioma. Mas, como já indiquei, a ciência dos povos originários legou aos seus alfabetos conteúdos plurissignificantes com o intuito de amenizar o dramático alboroar da consciência.

Não surpreende que se confundam as origens do Homem com as do Verbo: os eslavos são sua palavra [слова]; os aymaras, seu “idioma de anos distantes” [aya mara aru]; a nação hebréia cultua o *tetragrammaton* [יהוה, iod-he-vov-he]; os guaranis, o nome-espírito vivificador de todos os seres [Ñanderu]. {Estermann 2009}; {Papus 2001}; {Clastres 1990} Assim, se descortina a relação que implica, na criação duma ferramenta cultural complexa como o idioma, a crença em seus efeitos transcendentais sobre as restrições explicativas. O interessante fenômeno da progressiva simplificação lingüística¹⁸ não é suficiente para ignorar a permanência dos meios através dos quais esta crença recria a consciência.

A oratória exercita a língua, e a oração a desenvolve em seu meio originário: diálogo direto com a consciência, cujo sentido mais mundano está na repetição automatizada das pretéritas formulações litúrgicas. A oração, enquanto pedido pragmático, se formata secularmente na petição [latim *petita*, “pedido”]. A oração a si e aos deuses e o pedido a si e aos juizes, embora operando em distintos níveis, concernem à busca individual e coletiva pelo equilíbrio ético e pela justiça comum. A oração é um avançado esforço idiomático de introjeção consciente a partir das

18 A história dos idiomas revela que seu início é marcado por uma aguda complexidade de vocabulário, formas e modos verbais e associações simbólicas que progressivamente se simplificam no esvair das durações. O fenômeno ocorre em oposição proporcional à complexificação das sociedades humanas. Isto se verifica de modo muito evidente em idiomas de larga duração ainda existentes, como o chinês, que no passado contavam não apenas com as meta-relações mencionadas, como com o tempo verbal neutro, utilizado para descrever os estados da Natureza. A passagem da civilização chinesa aos estágios civilizatórios axiais (a partir do século V a.C) apagou os vestígios pluridimensionais de seu idioma. Isto explica, talvez, a dificuldade do homem contemporâneo em compreender as sutilezas das associações naturais, uma vez que os instrumentos para tal percepção foram extintos. {Sproviero em Laozi 2007}

impressões íntimas do subconsciente, das camadas fragmentárias de memórias, sensações e volições acessadas através do filtro sentimental e indissociáveis do epicentro cerebral.

O pensamento originário é indício dessa afirmação. Rigoberta Menchú, ao explicar sua ancestral cultura, menciona a infinidade de rezas que devem ser verbalizadas diante de cada tarefa doméstica. Há orações para todas as fases de cultivo de milho, para a construção da casa, para o nascimento, a puberdade, o casamento e o velório, para entrar e sair da floresta, para apanhar um graveto ou atravessar um riacho. As orações, mais do que demonstrar virtudes humanistas, cumprem também funções cotidianas: recordar as tradições, memorizar nomes, eventos e lugares, revitalizar o idioma, reafirmar os valores individuais como parte ativa da luta pela sobrevivência coletiva. A oração é uma manifestação sensível e profunda da consciência dos mayances-Quiché, da qual decorre sua compreensão cristalina do cristianismo e das incongruências de seu uso institucional. {Menchú 1991}

Tal qual foi para Neemias, o governador de Judá responsável por reerguer Jerusalém após o cativeiro babilônico, por resgatar o povo hebreu da escravidão e por impedir a usura de seus próprios conterrâneos, confrontando nobres e magistrados inamistosos e perdulários, lhes dizendo:

Não é bom o que fazeis; ¿porventura não andaríeis no temor do nosso Deus, por causa do opróbrio das nações, os nossos inimigos? {Livro de Neemias, 05:09}

E qual tal ele, Rigoberta sabe conjugar no presente todos os tempos e decifrar na terra as vertentes tártaras e elísias das religiões populares, pois assim como nas covas dos leões doutrora...

...nos sentimos cristãos, e o dever dum cristão é pensar como fazer que exista o reino de Deus na Terra, com nossos irmãos. {Menchú 1991}

A oração não deve ser entendida como uma projeção imaginária, *phantasmata*, ou os variados graus de “contato imediato” entre o indivíduo e o “transcendente”, o que é apenas repetir com agravantes místicos o velho equívoco secessional da razão “positiva”. Tampouco como esforço mediado por “funcionários de Deus” cuja pretensão monopolizadora do “dom” da palavra é evidente. Ela ignora a terceirização do espírito e opera primariamente através da auto-sugestão, religando intuitividade emocional com razão sentimental e reequilibrando hemisférios refratários da consciência.

Este sentido da crença é resultante duma compreensão fenomênica unificada, e pode ser acessado oniricamente tanto aqui quanto...

...en la península del Labrador [donde] viven unos

indios muy pobres que tienen una rara costumbre consistente en consultar siempre a un dios llamado el Gran Hombre. ¿Y quién es ese Gran Hombre? Pues simplemente el sueño. El sueño les sirve como oráculo para decidir sobre lo que deben hacer en el estado de vigília [...] Reproduce Paul Radin, un antropólogo norteamericano, el manuscrito de un winnébago cristianizado [...] En la primera noche se le aparece una serpiente. En la segunda ve al diablo [...] El relato de la tercer noche comienza con una curiosa y lacónica frase, que dice así: “Esta noche vi a Dios”. Esta experiencia, cierta o no, le sirvió a este indio para dejar el alcohol y volver al seno de su familia. Y todo esto ocurre adentro, ahí donde se dan los sueños. Ahí encuentra un winnébago la posibilidad de remediar su vida, viendo a su dios [...] En suma, el primitivo va desde adentro hacia afuera. ¿Y nosotros? Pues nos quedamos afuera. {Kush 2007:559} G.m.

Se na oração a palavra se ressignifica pela voz interior, no sonho ela alcança a dimensão da visão interior, tanto em ti que não sabe quanto em...

...nós, Yanomami, que somos xamãs [e] sabemos. Vemos a floresta. Depois de tomar o poder alucinógeno de suas árvores, nós vemos. Fazemos os espíritos da floresta, os espíritos xamânicos, dançarem suas danças de apresentação. Vemos com nossos olhos. Depois de “morrer” sob o poder do alucinógeno, vemos a “imagem essencial” [utupë] da floresta. Vemos o céu sobrenatural. Nossos ancestrais o viam antes e nós continuamos a vê-lo. Nós não estudamos nem vamos à escola. Vocês, brancos, vocês mentem. Não conhecem as coisas. Vocês acham que as conhecem, mas só vêem os desenhos de sua escrita. {Albert; Ramos 2002:249 transcrevendo David Kopenawa}

E há ainda os casos em que visão, voz e audição convergem para o mal augúrio dos descrentes, como quando Deus, que apenas se pronuncia a Moisés no “boca a boca, claramente e não por enigmas”, se obnubiliza sobre a tenda de Aarão e Míriã:

- Ouvi agora as minhas palavras; se entre vós houver profeta, eu, o Senhor, em visão a ele me farei conhecer, ou em sonhos falarei com ele. {Livro dos Números 12:06-08}

Falar-a-si, ouvir-de-si e ver-por-si são as dimensões originárias através das quais a palavra percorre seu *pathos* místico em direção ao *ethos* da consciência. Esta crença é um ato de criação, situado num plano de consciência da própria consciência, e, para utilizar uma referência cara ao *savoir croire* do homem ocidentalizável, exercitado ao modo das unções crísticas das crenças essênias, mas não das crenças católicas nas benções paulinas.

A “consciência presente a si mesma” é aquela ciente da originariedade de sua potência e de sua capacidade de a conduzir conforme a “lei natural da autoconservação”. Isto se verifica especialmente sob condições extremas de controle, inibidoras de toda possibilidade de exteriorização de si, como nos paradigmáticos exemplos da escravidão e da tortura. O poder, confinado às profundidades abissais da psiquê, ainda assim se mantém como liberdade última, tênue linha de Ariadne que liga a consciência à vida em meio ao desespero. Quando a depressão da essência vital atinge seu limite crítico, estágio equiparado por de Spinoza à tristeza absoluta, a morte advém subitamente, sem nenhuma causa aparente, como consequência do esgotamento da potência. Este evento traumático foi fartamente documentado nos campos-de-concentração nazistas. Nele se verifica a íntima e vital relação entre o poder como atributo da consciência e a liberdade como condição da existência. {Chauí 1995:65,78}

* * *

Sabíamos transpor o *mysterio* e a morte com o auxilio de algumas formas
grammaticaes.

Oswald de Andrade

* * *

3. Origens e inícios



Ouroboros. Editada a partir de foto de um brasão. Michael Anderson. S/d, Paris.

Mergulhando nas profusas pororocas dessas categorias, o discurso leigo e o acadêmico farão da indistinção de ‘origem’ com ‘início’, ‘princípio’ ou ‘causa’ o senso comum de sinonímias confusas. Na tradição judaico-cristã, na teoria do “grande bum” [big-bang] e na física fatalista de Stephen Hawking, o sentido é de ponto inicial fixo ou origem fundamental que conduz a um irrepetível e apocalíptico fim; nas concepções biológicas, de epicentro dos deslocamentos irrefreáveis da adaptação e evolução das espécies; para James Lovelock, de sucessão de eventos improváveis matizados pelo mistério; e em outras tradições, como no taoísmo, tal enigma será traduzido como “não origem”.

Edward Saïd, por sua vez, não os toma por homônimos, e em *Inícios: intenções e método*, antes os diferencia da seguinte maneira:

entre a palavra ‘início’ e a palavra ‘origem’ se sustenta um sistema de significados em constante transformação, fazendo convir em seu curso maior prioridade, importância e capacidade explanatória primeiro a uma, depois a outra palavra. Tão consistentemente quanto possível eu uso ‘início’ como possuindo o significado mais ativo, e ‘origem’, o mais passivo: então “X é a origem de Y”, enquanto o início de A conduz a B [...] Idéias sobre as origens, por conta de sua passividade, são aplicadas a usos que, acredito, devem ser evitados.¹⁰ {Saïd 1975:06}

Discordarei a seguir da noção minimalista de «origem» e da indefinição dos «inícios» a que esta abordagem conduz, pois para Noam Chomsky o gatilho da intenção está nos limites e obstáculos iniciáticos.

Será revelador perguntar...

...¿como somos capazes de construir alguma teoria científica? [...] Se não fosse o caso, dalgum modo obviamente inconsciente, de construir na mente uma especificação do que é uma possível teoria científica, assim como se cada criança não tivesse construído em sua mente um conceito mui restrito de língua humana, então o salto indutivo da informação para o conhecimento seria impossível [...] e o fato de a ciência convergir e progredir, por si só, nos mostra que limitações e restrições iniciais existem.¹¹ {Chomsky vs. Foucault 1971}

O início diz respeito aos estágios de limitação provisória, podendo progredir a níveis cada vez mais complexos ou, ao contrário, sofrer

interrupções em seu desenvolvimento. No caso do intelecto, a regressão a explicações “remotas, inessárias e prescindíveis” conduz às “intenções sem consciência” denunciadas por Jean-Paul Sartre. {Mercado 1990:85} A intencionalidade protagoniza inícios incapazes de sair de si ou criar para si, recaindo no vício estático atribuído às origens.

A implicação para o pensamento está no fato de o indivíduo não ser apenas um exegeta, mas criador do experimento sob análise. A busca e a descoberta são um só deslumbramento, tornando lógico encontrar tudo e tanto quanto seja desejável, e afirmando nos limites da pesquisa os infinitos da mente. Este “rio sem margens”, como verseja André Malraux sobre “o ideal do peixe” {Rosa 1994:prefácio}, transborda-se não no acúmulo linear de conhecimento, mas na reinvenção criativa a partir dum conjunto híbrido de paradigmas culturais|teóricos tão insuficientes como serão as lembranças|esquecimentos seletivos dos indivíduos. Daí, evidentemente, a possibilidade de exercer a política e a ciência de modo a mimetizar esta criatividade. Ciência como “estrutura da mente”, e política baseada no poder e não no controle.

Ao estabelecer uma diferença qualitativa entre o início - associado à consciência, à reflexão, à intenção e aos seus resultados concretos, e portanto históricos – e a origem - vinculada à especulação metafísica que atribui uma ação primeva e fundamental não acessível ao homem, sendo assim divina – Saïd incorre na velha divisão epistêmica entre história|mito.

Mas quando se pensa em inícios...

...concomitantemente como algo feito e pensado [...] ambos necessariamente conectados quando a linguagem é usada [e] conseqüentemente a ação é criativa e crítica,

...se atinge uma dinâmica do pensamento não redutível à quantificação tempo-espacial do início como “progressão”, “continuidade”, “um momento no tempo”, “um lugar”. Isto leva à distensão da noção, ao considerar que o...

...início não é apenas um tipo de ação; são também as coordenadas do mapa mental, realizações, atitudes, conhecimentos [e] aquelas mudanças que ocorrem entre períodos culturais, podendo ser estudadas como giros na noção do quê o início é ou deve ser.¹² {Idem:xii,04}

À determinação no tempo e no espaço dum princípio e duma ação inicial, se segue o espectro indeterminado de reinterpretções do “início”, em sua constituição, em seu resultado conseqüente ou na periodização do fenômeno que ele gerou. Outro “início” qual os inícios precedentes:

síntese, reinício dum fim, projeção do contínuo na característica descontinuidade do pensamento. Saïd não ignora essa dinâmica, e ao mencionar o processo de criação literária, afirmará que...

...Valéry converte a influência [autoral] [...] num princípio universal de “obtenções derivadas” [...] em que o acaso e a ignorância jogam papéis importantes [...] O que não podemos ver descoberto, bem como o que não podemos predizer, produz excessiva complexidade e irregularidade.¹³ {Idem :15}

Não discordo do intento em determinar o início pois é de sua definição mesma ser exordial, preambular e principiológico¹⁹, nem da diferenciação entre início e origem, e mui menos da constatação de o movimento iniciático se impulsionar num *continuum* de novos inícios como reinvenções e transformações. O que quero apontar é a dinâmica interna do início como a síntese geral num movimento cuja antítese são as origens, “passividade” alheia à razão e à intenção, e sujeita à mutação na concepção do que o início “é ou deve ser”. Isso se tornará mais claro ao observarmos como Saïd desenvolve o problema das continuidades e descontinuidades do pensamento:

Quando alguém começa a escrever, eis uma ação autodidata de recolher ou organizar o conhecimento necessário à criação. A influência pretérita aparenta ser menos útil, mais inclinada a produzir ansiedade.”¹⁴ {Idem :8}

A solução soa contraditória, pois na análise de Mircea Eliade, como vimos, a descoberta das limitações e contribuições antecedentes é o “centro” dos sistemas materiais e simbólicos da cultura. O esquecimento da “influência pretérita”, por sua vez, é a causa da angústia do homem profano. Além disso, ela se aproxima da idéia de Homi Bhabha sobre as “temporalidades incomensuráveis da tradição”, e então dela se afasta, ao condicionar suas persistências à seletividade intelectual, já que...

...uma das características fulcrais que Joyce, Yeats, Conrad, Freud, Mann, Nietzsche, e todos os demais compartilham, tem sido a necessidade de o início [a produção do significado] ser inédito e referencial a outros trabalhos, mas também à realidade e ao leitor, não seqüencialmente ou dinasticamente, mas por adjacência [...] combinando energia superficial e descontinuidade com um interesse improvável na precedência do passado.¹⁵ {Idem :10}

Este “interesse” é a consciência do significado fundamental da

19 [latim **initiare**, in “em” + **ire** “ir”]

sucessão de precedentes que culmina na compreensão de suas origens. O início não é continuidade *per se*, seqüenciação linear ou herança intelectual dinástica - como observamos nas crenças de muitas “escolas de pensamento”. Radicado no “passado”, sua reinvenção evidentemente produzirá variações, sendo desnecessário afirmá-lo...

...como uma linha de repetições excêntricas, não de originalidades mesméricas - onde o termo ‘repetição’ é usado para evitar dualidades como ‘o original versus o derivativo’, ou ‘a idéia e sua realização’ [...] e onde o excêntrico enfatiza a diferença.¹⁶ {Idem :12}

Se procurarmos distinguir origem|início, originário|iniciático e original|inicial, podemos, num exercício plausível, utilizar os dois primeiros pares em contextos intelectuais, de modo a discernir as polaridades do movimento da consciência, e permitir ao último o uso ordinário do idioma. As “repetições”, neste caso, proveriam os inícios com as alterações mutantes duma origem contínua, e ser “original”, com as características próprias à personalidade, no sentido que Saïd atribui ao “excêntrico” (cujo sentido pode ser pejorativo), sem desconsiderar a dinâmica iniciática - a repetição criativa, e nem a originária - o movimento ampliado da realidade que “recebe” a criação humana. Daí, ao meu ver, inexistir...

...um interesse nos inícios [como] resultante corolária em não crer que um início possa ser definido,¹⁷ {Idem :05}

...tanto porque os definir é condição sem a qual não é possível distinguir a própria excentricidade ou originalidade, quanto porque o interesse nos inícios aumenta - e leva à ampliação semântica do termo a um nível desnecessário, como vimos, ao se descrever que as origens possam ser dalguma maneira definidas.

O «início» como momento da «origem» pode ser visualizado na capacidade de criação e ineditismo que constitui as “autoridades”, justamente os pioneiros e as vanguardas autorizadas a dizer ou fazer algo do qual são autores. Ou, dito doutro modo, de alçar as “dimensões das descobertas”, propondo na descontinuidade “coordenadas” e “paralelismos” reinterpretativos e ampliadores do *corpus* epistêmico, como na teoria psicanalítica freudiana, oriunda de reflexões sobre a fisiologia humana. A natureza da ação e da ruptura dos inícios evidencia as origens as percorrendo, pois...

...mesmo Deus não começa do nada. Noé e a arca carregam uma porção do antigo mundo ao iniciar o novo.¹⁸ {Idem :34}

A origem é o oceano fenomênico navegado por cada um e por todos os Noés, no qual a revolução coletiva e o gênio individual, simbolizados pela arca, são os gatilhos naturais e homeostáticos de sua própria dinâmica divina. Esta conclusão se assemelha à discussão das origens da sociedade e da língua na *Gramatologia*:

o deslocamento em relação à mãe, à natureza, ao ser como significação fundamental: tal é certamente, a origem da sociedade e das línguas. Mas, de agora em diante, ¿se pode falar de origem? O conceito de origem, ou de significado fundamental, ¿é outra coisa a não ser uma função, indispensável mas situada, inscrita, no sistema de significação inaugurada pelo interdito? No jogo da suplementariedade, sempre será possível referir substitutos ao seu significado, que ainda assim permanecerá um signicante.” {Derrida 1973:323}

Embora tenhamos percebido as interações quânticas entre origens e inícios, nem por isso se deixa de assinalar como diferença entre ambos a imprescindível intransitividade da origem dinamizada pela transitividade, mesmo que prescindível, dos inícios:

já que um início é permissível, outro similar, num tempo-espaço diverso, não o é [...] é preciso o desejo, a vontade e a liberdade para aceitar os riscos da ruptura e da descontinuidade.¹⁹ {Saïd 1975:34}

O raciocínio, em *Beginnings*, progride enfim para o ato final em que o início, de sua determinação inicial, é expandido às “regras de pertinência” duma estrutura viva, “invisível”, “inominável” e “inatingível” na consciência, e dentro da qual o...

...início é uma criatura [atividade] com sua própria vida, nem inteiramente explicável por análises de circunstâncias político-históricas, nem confinado a uma data chamada “o início”.²⁰ {Idem: 16,18}

E é importante frisar que Saïd menciona essas distinções no contexto da criação literária, em referência ao movimento intencional que leva à materialização escrita, expandindo a sua significação ao longo do texto para a filosofia, a psicanálise e a sociologia, por vezes ignorando as suas impertinências vitais, porém reconhecendo que...

...para Wilamowitz, um texto seria um sistema de restrições internas e fronteiras mantidas intactas por sucessivas gerações (uma herança transmitida no tempo); enquanto para Nietzsche seria um convite aos desconcertantes estranhamentos do habitual [...] o peso da maioria dos escritos modernistas testemunha a vitória nietzschiana.²¹

{Idem :09}

Esta disparidade interpretativa em relação ao texto escrito, levando à longa contraposição entre inícios e origens, é contudo alheia à literatura mitológica, concomitantemente diacrônica - pois descreve um espaço-tempo anterior e fundamental a partir das adaptações do tempo-espaço atual, e assincrônica - pois seus inícios e sua evolução não pode ser datados. Ingrata é a missão de definir ímpetus estáticos em tempos pretéritos ou de diferir origens passivas de inícios ativos diante do cerne dos relatos míticos, nos quais as memórias adquirem sua complexidade congênita e “a criação do mundo é o tempo todo”. {Krenak 1992}

A questão do divisor história (início, escrita)|mito (origem, fala) proposta por Saïd é um expediente anacrônico de análise literária: nunca foi admitido por Heródoto, o “pai” da História, e nem pela historiografia crítica de nosso século; não explica porque conhecimentos empíricos, concretos e científicos estariam fadados a um continuísmo temporal; e tampouco alcança a razão pela qual saberes supostamente fantasiosos, ilusórios e baseados em credices são capazes da “ruptura”, “início” que efetivamente diferencia o cosmos heterogêneo e humano do caos homogêneo e primordial. Mas, caso concordemos com tal discussão, é preciso afirmar que, se uma prevalência existe, ela logicamente é cosmogônica, o “modelo exemplar de todos os outros tempos”. {Eliade 1992:69}

A origem é descrita pelo mito através das figurações divinas do mesmo modo que os inícios são descritos pela história através dos fatos. Fatos e figurações afirmam a condição ativa da consciência humana, e se manifestam através da “energia criadora” da palavra. Assim, do mesmo modo que a história pode explicar o contexto geral nos sucessivos períodos nos quais surgem e se desenvolvem os mitos, também...

...el mito cosmogónico no sólo explica cómo se inició todo, sino también por qué el hombre y los demás seres son como son y por qué siguen un determinado comportamiento; explica qué es el hombre y cuál es su propio sitio dentro del cosmos. Y esa explicación no es para los creyentes una fábula o una ficción, sino una historia verdadera, que al mismo tiempo constituye, al lado de todos los demás mitos de cada comunidad, su guía, su tradición, la pauta de su comportamiento en el mundo. Así, el mito cosmogónico es también una historia viva, siempre actual. {Camino:54, comentando Eliade 1983 e Meslin 1978}

A cosmogonia, entendimento da dissolução do «eu» nas vazões atributivas do espaço-tempo, infiltra na consciência as origens através da “realização do mito”, proposta por Pierre Bourdieu em sua análise do povos Kabila, em *O desencantamento do mundo*. Mas, uma vez que o mítico é o real, a expressão é redundante: identifica o sentido que vai da manifestação simbólica para sua realização prática, e não o inverso, a manifestação prática, através da crença, das realizações simbólicas. A estrutura mitológica é o avesso do verso bourdiesiano, realiza a história e funda a razão. {Pirsig 1991} A parcialidade analítica de Bourdieu vê apenas a metade da “realização”, levando ao questionamento de Harvey sobre como ela é possível nas circunstâncias históricas extremamente dinâmicas e voláteis da modernidade capitalista.²⁰ A cosmogonia oferece a outra metade. Nascida da misteriosa e caótica unidade visualizada como

um palco de intervenções divinas e admitida como o sobrenatural...
 ...uso da energia para alguma ação que seria doutra maneira impossível ou proibida pelas leis da física, ²² {Lovelock 2000:13}

...nela os mitos...

...ordenan el caos y entonces se echan a andar el tiempo, el movimiento, la sucesión de la vida y la muerte de todos los seres. {Camino 2012:54}.

A erudição caprichosa com a qual Saïd transita duma distinção perfunctória das origens para sua dissolução total na estrutura dos inícios esmaece a neutralização de ambos numa polaridade ininterrupta. Inícios e origens não são oposicionais e um não prevalece sobre o outro, assunção a pautar a discussão num terreno favorável aos inícios, pois Saïd gradualmente faz “convir em seu curso maior prioridade, importância e capacidade explanatória”. São de fato suplementares, como assinala Jacques Derrida: as origens se imiscuem nas intenções e adquirem existência sendo propostas por essa intencionalidade como o fenômeno capaz de “inclusividade”,²³ {Saïd 1975:12-15} ou seja, a inclusão duma perspectiva de mundo no próprio mundo incluído, pois...

20 A crítica de Harvey {2008:56} a Bourdieu {1977:163}: “Bourdieu sugere que é através da “relação dialética entre o corpo e uma organização estruturada do espaço e do tempo que as práticas e representações comuns são determinadas”. E é exatamente a partir dessas experiências (na casa em particular) que se impõem esquemas duradouros de percepção, de pensamento e de ação (ver figura 3.2). E, num nível mais profundo, “a organização do tempo e do grupo de acordo com estruturas míticas leva a prática coletiva a parecer o ‘mito realizado’ [...] A questão mais geral, porém, refere-se ao grau até o qual tipos semelhantes de sentidos sociais podem ser assinalados através da organização espacial e temporal na cultura capitalista contemporânea.”

...a imagem está nos meus olhos, mas eu também estou na imagem.²¹ {Zizek 2006:17, citando Lacan 1979:63}

O originário ressuscita no próprio argumento dos inícios, os designando na junção da “intenção” com o movimento da consciência em direção a si mesma: da limitação ou determinação inicial à progressiva complexificação causada pela multiplicação de outros inícios (reinícios), e das intercessões entre eles, num processo infinito, cujo movimento, ao invés de se confundir com o próprio início, obtém enfim a sensação de seu movimento. Essa sensação não pode ser sujeita ao início, pois está no lugar ocupado pelo «eu»: “mancha” ou “buraco negro” “invisível” a partir do qual se estrutura toda a realidade. Modo, enfim, como a “constelação significante” experimenta a si mesma no interior de cada universo, de cada consciência, num processo visível na construção da «paisagem»:

uma contemplação em si reclusa, apercebida como unidade auto-suficiente, enrançada, porém, numa extensão infinitamente ampla, numa torrente vasta, e guarnecida de limites [dificilmente expressáveis com a alma inteira] que não existem para o sentimento do Uno divino e do todo da natureza [e são por este] incessantemente dissolvidos.
{Simmel 2009:06}

O mito afirma a paisagem, dissolve as molduras e expõe a consciência em irradiações solares, nas quais somos o que vemos, pois vemos as difrações daquilo que somos. Ao indicar as origens nestes inícios e gestar o cosmos e a Terra a partir dos “homens primordiais”, permite imaginar, tal como na *Origem do mundo* de Gustave Courbet, que...

...no começo não havia nada, só pessoas.²²

21 Slavoj Zizek menciona a “mancha negra” da paisagem, precisamente a intercessão originária da “inclusão” material do indivíduo e o mistério que reside entre ele e a totalidade, só apreendidos a partir do fluxo da realidade. Uma vez mais, a teoria quântica da incerteza demonstra suas aplicações filosóficas, pois... “o materialismo não é a assunção da minha inclusão na realidade objetiva – tal assertiva me posiciona como um observador externo capaz de apreender toda a realidade; ao revés, ele reside no giro reflexivo através do qual eu me incluo na paisagem constituída por mim – curto-circuito reflexivo, reduplicação de mim dentro e fora da paisagem, testemunho ocular de minha ‘existência material’. O materialismo significa que nunca se vê a realidade como ‘todo’ – não porque sua maior porção me escapa, mas por conter uma mancha, um ponto cego, que indica minha inclusão nele.” T.m.

22 Mito Yanawá relatado por Eduardo V. de Castro. Em: <http://vimeo.com/70371866>. Acesso: dez 2014.

Há mais ação e potência nas origens do que supõem nossas intenções, e uma estranha indefinição idiomática, pois não se localizam com exatidão quando e onde surgem e se perpetuam as temáticas originárias. Nas descrições vernáculas reaparecem as confusões com ‘início’, ‘princípio’, ‘causa’, ‘procedência’, ‘ponto de partida’. Isso me faz perguntar se são as limitações etimológicas que traduzem uma realidade intransponível? ou se é a realidade que, ocultando suas origens, impõe a indefinição à língua?

Torna-se imperativo e irônico usar a origem para a assepsia de sua própria acepção, pois ela se esclarece numa metodologia mística e não só científica, se percebe na raiz grega da ação iniciática e se revela no mais importante oráculo do mediterrâneo antigo, ‘Delos’. Seu nome deriva da raiz proto-indo-européia **-dyeu**, da qual se ramificaram também o **Deva** sânscrito, o **Zeus** grego, o **Dies|Diana** e o **Dyeus-piter** latinos, o **Tur** nórdico e o **Deus** nosso de cada dia, que...

...não diz nem oculta nada: significa. {Dourado 1973:epígrafe, citando Heráclito}

E ‘místico’ é o “oculto”, enquanto misticismo designa “quem se inicia”: a iniciação nos mistérios imanifestos do movimento cosmocático é a luz originária, uma razão a caminhar através das origens.²³

Descrendo ainda na evidência do verbo, negando ainda sua luz, e sustentando o sentido secreto da dúvida, todas as ciências admitem origens insinuadas nas dinâmicas processuais, relacionais e perenes de cada partícula essencial. Identificar “a” origem é apenas admitir a causa fundamental cuja detecção e definição são impossíveis. Detectar, definir e conceituar exigem a segregação, o sacrifício, a autópsia e o congelamento do objeto estudado, métodos tão difundidos quanto improdutivos nesta Era de dilemas quânticos e assunções originárias, com indisfarçáveis semblantes divinos.

* * *

Uma parte de cada vida, e mesmo das vidas pouco dignas de atenção, passa-se à procura das razões de ser, dos pontos de partida, das origens [...] Quando todos os cálculos complicados se evidenciam falsos, quando os próprios filósofos não têm nada mais a nos dizer, é desculpável que nos voltemos para o gorjeio fortuito dos pássaros, ou para o longínquo contra-peso dos astros.

Marguerite Yourcenar

* * *

23 Origem [latim **origo**, raiz **oriri**, “elevar-se”, “tornar visível”, “aparecer”]; místico [grego **μυσ**, “esconder”]; misticismo [grego der. **μυστικός**]; Delos [grego **Δήλος**, “claro”, “visível”, “evidente”, “luminoso”]; -dyeu, dyaus [“brilhar”, “céu”, “dia”]; Dyeus-piter [latim, transl. Júpiter, “Deus-pai”]. Para outras associações celestes do divino, ver {Eliade1992:102}

I·I

4. Problematizo os uso e vínculos associados aos gentílicos e topônimos estrangeiros adotados por nós, e identifico suas limitações na vinculação identitária étnica e nacional a partir das formas governamentais federativas e confederativas dos povos originários estadunidenses e andinos.

5. Convergindo às teorias de «Gaia» e da «raça cósmica», observo a viabilidade de expansão continental das unções originárias, pois o mistério de nossas origens postula a necessidade de recriá-las a partir das implosões epigenéticas, dos elementos telúricos e dos conflitos sociais recorrentes em nossa realidade.

6. Utilizando as chaves analíticas da “dupla consciência” e do “zelotismo|herodianismo”, analiso as meias e duplas difrações da consciência responsáveis por perspectivas incapazes de constituir um senso harmônico de singularidade e de universalidade, socialmente obtusas e inconseqüentes quanto à auto-crítica e aos princípios governamentais.

7. Mostro então como tais limitações se interiorizam e multiplicam numa resistência psíquica endêmica, capaz de preservar politicamente as “memórias do lugar” e os movimentos dos mitos em meio à convulsividade de nossas formações sociais.

4. Nações indígenas



*Montagem. Wampum de Hiwatha [1570] das Cinco Nações Hodenosaunee federadas: Seneca, Cayuga, Onondaga, Oneida e Mohawe. O pinheiro branco ou “árvore da paz” [Pinus strobus] é o totem iroquês, e o conjunto é interligado por uma linha descontínua, simbolizando os infinitos “caminhos da paz”. Ao seu redor, a moldura das *whipallas* andinas do Qollasuyu [abaixo], Antisuyu [direita], Chinchaysuyu [acima] e Kuntisuyu [esquerda]. Em: Barbara Graymont; Frank Porter. The iroquois indians of north America. Chelsea House, 1988:29; Wiki Commons.*

Sabemos ser “indígena” a corruptela européia na denominação dos povos e territórios da América e da Ásia. O termo, usualmente tomado por sinônimo de “índio” ou “indiano”, ambos gentílicos dos rajastões hindus, significa simplesmente “gente do lugar”.²⁴ Mas se sua aplicação indistinta a gentes e cantos tão diversos sugere a confusão demonstrada por Cristóvão Colón, “descobridor da América mas não dos americanos” {Mariátegui 1925-1929}, é mesmo a marca duma indiferença genérica e comercial que assombra o seu uso.

As sucessivas incursões vikings, e talvez até fenícias e cartaginesas, na cata de escravos sobre os nevados boreais do continente originário, conhecidas dos europeus já antes da invasão, e a técnica cartográfica à época de sua consumação, tornam de fato temerário tingir com a surpresa as descobertas das nações íberas. Elas sabiam o que havia no horizonte oceânico. Tomemos, por acaso, Portugal. Este cáldio e pioneiro porto das caravelas latinas sagrou-se herdeiro duma remota tradição talassocrática, iniciada com as barcas babilônicas de calado alto que zarparam do Mediterrâneo a partir de 4.000^{a.s.E}, e perpetuada nas longilíneas naus do Nilo, nos trirremes fenícios de cedro, nos pentecônteres gregos, nas galeras romanas, nos dracares nórdicos, nas baleeiras saxãs e nos veleiros italianos. Num período de 350 anos, a Lusitânia se constitui como nação [1.139^{d.s.E}], torna-se dominante na península ibérica ao conquistar Ceuta [1410^{d.s.E}], se lança à colonização oceânica ao submeter os arquipélagos atlânticos das Canárias [1336^{d.s.E}] e redescobrir os da Madeira [1419^{d.s.E}], dos Açores [1453^{d.s.E}], do Cabo Verde [1460^{d.s.E}] e de São Tomé e Príncipe [1470^{d.s.E}], e inicia a Era das civilizações mundiais ao contornar o cabo das Tormentas [1488^{d.s.E}] na boa esperança de alcançar as Índias.²⁵

24 [latim, inde + gens] Russel Means [1939 – 2012], do povo Lakota [Oglala], oferece outra versão: “Colombo chamou os povos tribais encontrados ‘índio’ do italiano ‘in Dio’, ou seja, ‘em Deus’.” T.m.

Em: <http://www.blackhawkproductions.com/russelmeans.html> Acesso: out 2014.

25 <http://en.wikipedia.org/wiki/Portugal> Acesso: outubro 2001.

* * *

a.s.E (antes de sua Era) | **d.s.E** (depois de sua Era) - A fim de evitar uma controvérsia já demonstrada por Paulo Leminski {1984}, ao mencionar um “Jesus antes de Cristo” - caso restritivo, pois se antes veio o homem jesuítico e depois o mito cristico na história, na profecia ocorre o inverso, existindo já muitos Cristos antes de Jesus (de Abdias a João Batista, sem mencionar outras reencarnações de *Krishna*) - e também a redundância em “Jesus morreu 33 anos depois de Cristo”, que dá margem a especulações fantasiosas, segui a norma culta

A travessia atlântica exigiu superar correntes marítimas que impediam bordejar o litoral africano até sua extremidade austral, manobra possível com um desvio a boreste, aproveitando os ventos de refrega da costa brasileira, nas latitudes do atual estado de São Paulo. Será sensato supor que os lusitanos conheciam o novo Continente Vermelho com décadas de antecedência sobre os espanhóis. Daí a admissibilidade duma ocupação primeva do nosso litoral, pois...

...o primeiro e principal desses núcleos [populacionais] é o paulista, assentado muito precocemente na costa, talvez até antes da chegada de Cabral. {Ribeiro 1995:83}

A denominação consolidada pelos iberos foi portanto mais pragmática que errônea, e...

...“Índias Ocidentais” foi a marca distintiva do colonialismo hispânico [português, espanhol e depois holandês] que tinha de diferenciar suas possessões na América das asiáticas (ilhas Filipinas, por exemplo), identificadas como “Índias Orientais”. {Mignolo 2005:43}

Embora as nações originárias tenham sempre se batizado segundo suas próprias idiossincrasias culturais e idiomáticas, a excruciante hegemonia d'além-mar impôs o apelido indígena sob um cariz a vez exótico, mencionando o autóctone, o aborígene e o nativo, e pejorativo, como distinção classista, étnica e cultural, significando “pobreza”, “luxúria”, “preguiça”, “covardia”, “deslealdade”, “teimosia”, “ignorância”. Mas a resistência à invasão também o resignificou como um designativo próprio, homônimo paralelo e geral às heteronomias de cada população. Assim, os povos rebeldes e secessionistas vão protagonizar as centenas de *Revoluções índias*, e, quando Jesus Rangel menciona o direito aplicado em favor dos indígenas, diz que é um “direito indiano”. {Rangel 2007:21}

Neste conjunto, o termo “nativo” representa um caso mais grave, ao deslocar a externalização religiosa “pagã” e a onomatopéia idiomática “bárbara” a um desnível “infrahumano”. Transposição conceitual do homem à condição animal,

...a principal operação intelectual do Ocidente antes de gestos de extrema opressão [...] implicitamente afirmando a nulidade política e econômica [e] assimilando os membros duma sociedade à fauna e

e declinei o tempo em função do sujeito, até porque o Cristo em questão é o dono da sua Era, e da nossa também. Ao defini-lo, creio agir de modo mais coerente com uma identificação do tempo a partir do evento-homem arquetípico no qual se manifesta o princípio duma nova época.

flora não-humanas dum mundo virgem, esperando por ser possuído [...] como recursos naturais que se hão de conservar e explorar.²⁴ {Freitas 2011 [...] Toynbee 85:85} T.m.

Já as variações terminológicas do “indígena” conotam sentidos específicos, oriundos da reflexão de nossos conterrâneos. Os movimentos alcunhados de “indigenistas” surgem como catarse de ativismo social e expressão artística após as independências, se consolidando no pensamento peruano da década de 1930, no mexicano na década de 1940 e no brasileiro no decênio seguinte. Inestimável influência cultural e até política alcançaram neste período Jorge Basadre, Luis Valcárcel, José Mariátegui, Fausto Reinaga, Uriel García, José Wiese, Manuel Bandeira, Oswald de Andrade, irmãos Villas Boas, Darcy Ribeiro, etc. Mas, como se depreende de algumas asserções de Mariátegui, da eurofobia de Reinaga ou da ingenuidade inkacêntrica de Tristán Marof, o indigenismo não raro implicou visões estereotipadas que não foram capazes de compreender as complexidades envolvidas e nem propor alternativas políticas viáveis, reduzindo a imunidade contra o proselitismo das “promessas espetaculares” ou, no caso brasileiro, contra o genocídio sistemático e a dissolução identitária. {Stavenhagen 2010:35}; {Soriano 1995:04,05}

Já o “indianismo” descreve o contexto de grandes comoções e transformações sociais a partir de 1960 na Bolívia, passando desde então a se referir continentalmente tanto à arte quanto à política próprias dos povos indígenas, com destaque para Domitila Chungara, Wankar Reynaga, Rigoberta Menchú, David Choquehuanca, Sílvia Rivera Cusicanqui, Evo Ayma Morales, Pablo Mamani, Adílson Krenak, Davi Kopenawa, para citar apenas alguns. Os temas da chamada “questão indígena” serão constantemente associados à “questão étnica”. Para Rodolfo Stavenhagen, “etnicidade” é um termo vago, abarca categorias genéricas como “classe” e “sociedade” e deve ser preterido em favor de “questão étnica”, que assume dimensões diversas de acordo com o povo, o lugar e o fenômeno analisado. Assim, “tribo” denomina a organização tradicional na África e na Ásia; “nacionalidade”, sua subsunção marxista sob a bandeira socialista; na Europa, o fenômeno étnico é “minorias” (bascos, bretões, celtas, etc...) e “comunidades indígenas” o termo latinoamericano dentro do marco do estado unitário. Por conta da polarização entre o comunitário e o estatal, que reduz e antagoniza a organização sóciopolítica indígena, esta última expressão foi preterida recentemente em favor de “nações indígenas”, “nações primeiras” - como no caso das *First Nations*

canadenses - e «povos originários».²⁶ {Stavenhagen 1992:53-57}

É opinião usual que a intersecção entre as organizações indígenas e a política constitui no discurso étnico uma de suas bases fundamentais. Penso, contudo, na necessidade de incluir a «originariedade» como categoria analítica, precisamente pela insuficiência dos marcos da «questão indígena» e da «questão étnica» na teoria política e, sobretudo, na teoria dos movimentos sociais. Nelas, as teses de inserção indígena são construídas com base em minorias populacionais, esquecendo que em países com maiorias originárias, além de outras clivagens étnicas regionais, como na Bolívia, nação que é paleta ampliada da megadiversidade continental, é preferível partir duma abordagem ampla. Neste sentido, a perspectiva da «etnopolítica» é útil, porém insuficiente, pois suas conceitualizações centrifugam na gravitação institucional.

Isso pode ser melhor visualizado na polarização conflitante da «etnia» com a «alteridade», em que a “resistência especulativa” aléfrica, ou seja, “o discurso sobre o outro para si”, se ressignifica na “adaptação resistente” étnica, “discurso sobre si para o outro”, como via das traduções cosmogônicas ao debate político. A “questão étnica”, assim, deve ser compreendida como o processo cultural de...

...incorporação do discurso do estado [que] fundamenta a etnicidade genérica e jurídica que os povos indígenas reivindicam, ao se referirem à sua condição de expropriados. {Albert; Ramos 2002:240}

Estes efeitos ocorrem de modo similar e são concomitantes à apropriação da idéia de «cultura». A conformação etno-toponímica não é uma escolha primária, mas antes uma atualização táctica...

...das formas [frustradas] de resistência anteriores: fuga, guerra ou messianismo.
{Idem}

E a “reação adaptativa” seguirá os reforços sazonais da “identidade nacional”. Daí a razão pela qual o estereótipo “indígena” e a “questão étnica” assumem relevância no imaginário social e teórico durante os períodos independentistas e nacionalistas, e caem no ostracismo nos recessos entre esses períodos. A contínua interação pacífica ou não entre as nações em busca e na manutenção de suas origens, e o controle social pelas instituições do estado²⁷, torna fácil...

26 A respeito das *First Nations*: <http://www.afn.ca> Acesso: julho 2007.

27 Estado – ao invés de aplicar um nome próprio, máscara&maiusculo, ao estado político de complexificação, institucionalização e centralização de todas as esferas do governo, como se fosse de fato um “irmão maior” da humanidade, preferi ressaltar, através dum caractere cirílico com idêntica fonética, a agressiva inversão tártara de polaridades estabelecidas pelo estado.

...ver nas relações simbólicas indígenas com a criação da nação um giro na repetição da história.²⁸ {Kelly 2014:27}

A necessidade dessa adaptação pode ser ilustrada nas interessantes complexidades oferecidas pelo caso da nação Muruí-Muina, cujo nome designa as tribos à montante [muruís] e à jusante [muinanes] do rio Igaraparaná [Colômbia]. Sendo um gentílico posicional, as atribuições serão invertidas se muruís se deslocarem rio acima e muinanes rio abaixo para visitar outra tribo anfitriã de alguma cerimônia, e portanto “central”. Neste caso, muruís serão muinanes e muinanes, muruís. Entre si, talvez os Muruí-Muina se chamassem “komĩni”, significando “gente” ou “gente do lugar”, uma forma universal de endonímia, mas ocorre serem oficialmente designados como “uitotos”. Esta expressão, por sua vez, variante de “itoto”, palavra da nação Karib do Rio Oiapoque para o “inimigo”, as outras nações contra as quais guerreavam e que, feitas prisioneiras ou escravizadas, acabaram assimilando a ofensa. Aqui, à tática adaptativa se superpõe a estratégia de domínio através da qual povos conquistadores impõem aos dominados suas próprias versões do “nativo”, ou lhes denigrem com os exônimos informados por seus inimigos previamente conquistados:

así se han perpetuado infinidad de nombres de naciones que no son aceptados por sus gentes [y] esta operación simbólica se puede exacerbar hasta el extremo de fundamentar etnocentrismos, racismos y nacionalismos a ultranza. {Rangel 2010:09,10,13-15}

A submissão nominativa como último recurso para preservar as origens demonstra como a introjeção do termo “indígena” é uma expressão de resistência. No embate com outras fronteiras culturais ou com os cercamentos políticos do estado, ressignificados de acordo com as pretensões ideológicas e as relações de força de cada época, está o contraponto da atualização originária. A partir dessas constatações, é preciso indicara inclusão desviante no tratamento pronominal “americano”, “indígena” e “abyayalano”, pois vinculam anacrônica e respectivamente os priscos povos: à construção de identidades nacionais contrapostas às européias, como é evidente nas prédicas e práticas dos “Libertadores da América”; à invenção de identidades “nativas” submetidas, seja por

Pois ele revira ao avesso os demais estados sociopolíticos para então habitar no interior de seu próprio avesso.

28 Sobre a “amnésia periódica” e a relevância seletiva da originariedade, ver também {Ricardo 2011}.

critérios religiosos, culturais ou raciais, ao “Ocidente”; e à denominação continental a partir dum consenso aymaracêntrico. {Mignolo 2005}; {Toynbee 1985}; {Estermann 2009} Tanto o primeiro quanto o último casos constituem uma afirmação regional, porém a partir de uma presunção restritiva dos “indígenas”, na América, e dos “brancos”, em Abyayala - termo da nação panamenha *Kuna*, que, significando “Terra Madura”, apresenta contudo a vantagem da metáfora terrena.

«Originário», portanto, é e não é o mesmo que indígena. Por conta da complexificação e problematização decorrentes de sua ampliação semântica, discordo da percepção culturalista de que...

...es necesario reconocer que tanto los que hoy se autoidentifican como ‘indígenas’ en vez de ‘indios’, como aquellos otros que admiten ahora identificarlos como ‘indígenas’, ‘nativos’, ‘aborígenes’ u ‘originarios’, son exactamente lo mismo, si se trata del lugar de su nacimiento o, incluso para una inmensa mayoría, si se trata de la ‘antigüedad’. {Quijano 2014:636}

Evidente, são povos indígenas os protagonistas da proclamação originária, mas o adjetivo é tão denso em sua delimitação, e tão vasto em suas conseqüências, que é difícil pensar nele como um mero substituto. Se indicamos as aplicações científicas do termo – origem da vida, origem do universo, origem das espécies, constatamos as conotações da odisséia através dos princípios, das partículas, das moléculas e dos seres capazes de sintetizar, no cerne de suas simplicidades elementares, a transmissão irrefreável da replicante diversidade que os envolvem.

Se assumimos também as dificuldades epistemológicas em questão, levando, como vimos, Edward Saïd a preferir trabalhar com inícios, pois “são históricos, criam métodos e têm intenção” e não origens, pois são “divinas [e conduzem] a idéias passivas”²⁵ {Saïd 1975:xii,06} , parecerá estranho a adoção tão espontânea, vigorosa e disseminada dum adjetivo na charneca entre o misticismo cósmico e a suposta inércia racional de sua significação. Contudo, se é tão difícil explicá-lo quanto espontâneo adotá-lo, é porque devem existir, em direta proporção, adeptos e razões.

Se verificarmos, por fim, o elemento comum aos inícios e às origens e atentarmos para as síndromes siamesas entre história|mito e natureza|cultura, concluiremos que há mais intenções entre os inícios e as origens do que supõem nossos métodos. E que na junção da perspectiva intelectual de Saïd com a elegância universal do topônimo-gentílico indígena estão muitos e novos inícios para o entendimento de nossas origens.

Com os mesmos impactos catastróficos, da mesma maneira defensiva e pelas mesmas razões pragmáticas, ocorreu a apropriação das descrições “culturais” e do designativo etnotopográfico “nacional”. Deixemos a discussão do primeiro dilema para outra ocasião. Sobre o segundo, foi e é historicamente assumido num conjunto de relações que visa assegurar a autonomia territorial ancestral dentro dos obstáculos e possibilidades das garantias jurídicas. Em nosso país, o extermínio dos povos originários e o domínio ininterrupto das oligarquias impediu qualquer integração. Na Bolívia, ao contrário, ela conduziu a uma complexa e contraditória solução, denominada “estado unitario social de derecho plurinacional comunitario”. Um sistema fadado ao desgaste, já que se trata da inflexível exigência das elites *criollas* no processo constituinte conduzido durante 2006-2009. {Hill 2010}; {Schavelzon 2010:81}

Algumas soluções políticas notáveis para os desafios da megadiversidade e das ameaças surgiram entre os povos tupi-guaranis do Brasil, como a Confederação dos Tamoios, mas foi sem dúvida entre os iroqueses e os algonquinos do continente norte-originário que alcançaram compleições mais acabadas. São célebres as federações Lenape, Pottawatomie, Ottawa e Illini; a Confederação Wabanaki [nações Mi’kmaq, Maliseet, Passamaquoddy, Abenaki e Penobscot], que, não obstante existir até hoje, celebrou em 1776 o Tratado de Watertown, primeiro acordo internacional dos recém-independentes EUA, selando suas importantes participações nas guerras descoloniais travadas contra a Inglaterra; a Federação Iroquesa ou Liga Hodenosaunee das Cinco Nações [Senecas, Mohawks, Oneidas, Onondagas, Cayugas (Hurons, Cherokees, Tuscaroras)], inventora do sistema federativo e também ainda existente; e a Federação Pennacook [nações Masadchu, Okamakammeset, Saugus, Natick e Wampanoag], cujas raízes se encontram numa ação conjunta capaz de repelir a invasão dos vikings, no ano 1000^{d.s.E.}²⁹. Os combatentes nórdicos derrotados foram adotados, e o povo Okamakammeset...
...ensinou-lhes a lição “não há escravos em nossa terra”.

Cumpra lembrar que os Okamakammeset eram os habitantes originários de Massachusetts, local da primeira colônia britânica [*Bay Colony*] a se opor à escravidão. Enquanto estas nações assimilavam os estrangeiros amigáveis sem distinções, a escravidão só fora de fato 29 Iroquês [“povo do arco e da flecha”] opera como sinonímia de Hodenosaunee [iroquês “casa comprida”], designando as longas malocas coletivas que os distinguiam das pequenas wigwam ou tepees [lakota thí, “residir”] dos vizinhos algonquinos.

instituída pelos Natchez e Maskoski, situados respectivamente ao oriente do Rio Mississippi e no atlântico sul e norte do Golfo do México, bem como pelos Nahua das costas boreais do Pacífico, ramificados no povo mexica Azteca. William Sidis vincula este declínio à existência de propriedades e do canibalismo, e formula a interessante hipótese de que...

...a divisão entre tribos afeitas à escravidão no sul e tribos mais democráticas no norte do litoral atlântico corresponde grosseiramente à posterior cisão entre ‘estados escravistas’ e ‘estados livres’ dos brancos.²⁷

Embora uma liga entre os povos iroqueses seja provável já no século XI, a idéia da federação é atribuída ao plano do líder do povo Huron, Daganoweda, o “Grande Fazedor da Paz”, e de seu seguidor Hiwatha, do povo Onondaga, em garantir um tratado de paz permanente entre as várias nações iroquesas, em meados do século XVI. Se organizando em tribos independentes ou nações, divididas em *gens*, por sua vez representadas por símbolos totêmicos e subdivididas em frâtrias, o governo federativo se exerce pela reunião temporária do conselho de “homens sábios” [sachem] eleitos em cada grupo apenas pelas mulheres. Daí o critério de admissibilidade para a federação ser a ancestralidade matrilinear e o idioma comuns, e, embora a sucessão por hereditariedade fosse admitida entre os iroqueses e ignorada pelos pennacooks, estava sujeita ao crivo da aprovação feminina,

...deixando [os sachem] com pouca autoridade real, e demandando sua resignação sempre que se mostrasse insatisfatória. Isto burilou o protótipo do “town meeting”, que era e ainda é a forma determinante de governo local entre as comunidades de certas partes dos EUA, tendo um papel proeminente no desenvolvimento da democracia americana.²⁸

Esta federação originária centraliza o controle político para: declarar guerras; desarmar os inimigos e criar zonas fronteiriças de neutralidade [*buffer zones*], que seriam, aliás, a regra nas relações entre Canadá e EUA; restringir o controle tribal sem abdicar de suas independências e celebrar tratados de paz, redigidos numa linguagem cromotêxtil universal, alinhavando pequenas conchas em cinturões [*wampum*].

Entre os pennacooks, a Federação Quonecog [povo do pinheiro] foi proposta por Passaconaway em 1620, como mimese descentralizante do modelo hodenosaunne. Seu objetivo era resistir aos abatimentos conjunturais devido ao decréscimo populacional pelas guerras e doenças e às invasões iroquesas a oeste e francesas, inglesas e holandesas a leste. A

federação tinha como critério de admissão a similaridade das instituições sociais e traçava diretrizes para as relações internacionais, mas cada tribo celebrava tratados de guerra, paz e comércio com autonomia. Também regulava a pesca e manufatura conjunta de redes, o armazenamento do excedente de milho, as rotas de comunicação e um inédito sistema de correios públicos entre as tribos, desenvolvido inicialmente entre os Lenapes, cuja via postal, Wesqueqwek, foi transformada na avenida Broadway, em Manhattan. A ausência de hereditariedade, a igualdade entre homens e mulheres na escolha dos *sachem* e a inexistência de propriedades privadas, fez das nações algonquinas, e particularmente dos pennacooks, uma “democracia federada” e não uma “federação democrática”.

Numa época em que o sistema feudal entrava em colapso e novas formas de liberdade emergiam dos burgos, Sidis imagina ter germinado a democracia moderna do contato entre pennacooks e colonos puritanos na península de Shawmut [Boston]. Evidências adicionais seriam a inépcia política dos puritanos, exigindo a assimilação das experiências governamentais sincretizadas pelos peregrinos no contato com a nação Wampanoag; a similaridade entre o Conselho de Nações pennacook e a “Corte Geral” dos colonos, e a instituição de serviços postais e de bibliotecas públicas, inexistentes na Europa e similares às idéias de educação e comunicação comunitárias das tribos locais.

Em outros casos historicamente conhecidos, como entre as *polis* gregas, as *poop* mayances, os *ayllus* aymaras, ou entre as tribos germânicas e eslavas, o princípio federativo foi maculado pela assimetria do controle entre os signatários, de modo que a inovação...
...foi primeiro aplicada pelos iroqueses [e] nunca completamente adotada ou entendida fora da América.²⁹ {Sidis 1982:34,116,46,26,103,118}

O nível destas influências não pode ser determinado com exatidão, pois, além da filiação colonialista da historiografia, são evidentes as diferenças entre o regime democrático desenvolvido nas treze colônias e aquele derivado de vínculos familiares entre clãs e decisões consensuais entre os *sachem*. Entretanto, o foco de Sidis será a organização federativa como via privilegiada para uma relação de igualdade, não apenas entre os indivíduos como entre as nações. Ao pensar nas reverberações da forma interacional entre os *gens* sobre o sistema tribal, ele nos indica como as joviais e conservadoras energias vitorianas estadunidenses foram impregnadas com as “memórias do lugar”, caminhando de modo diverso pelas direções já trilhadas por seus conterrâneos originários. E

isto não apenas por priorizar uma incomum e eficiente ética de regulação governamental, mas por corresponder, com muita antecedência aos países europeus, ao espírito democrático potencial das transformações sócio-econômicas em curso.

De “preconceito social”, como disse Marx, a democracia foi catalisada tanto pela ética protestante, analisada por Max Weber, quanto pela federatividade descrita por William Sidis. Além disso, parece temerário negar a hipótese das “memórias do lugar” sob o fraco argumento de ser a democracia uma invenção européia. O sistema político resultante das revoluções industriais, ao contrário, legitimando as constituintes burguesas e o representativismo parlamentar, não reconheceu seu tempo histórico e foi considerado radicalmente diferente e ainda “superior” à democracia pelo aristocrata Joseph Siyès, um dos artífices do 18 Brumário.³⁰ A evidência desse distanciamento está no tratamento horrendo ao qual as massas européias foram sujeitadas durante todo o século XVIII e nas árduas e sacrificiais lutas populares por direitos políticos e garantias sociais ao longo dos séculos XIX e XX.

Seja a federação organizada centripetamente, em direção à maior unidade entre seus integrantes, ou centrifugamente, em direção à maior autonomia entre eles, tanto numa quanto noutra o princípio que leva à unidade conduzirá à autonomia e vice-versa, pois...

...o objetivo histórico de uma descentralização não é secessionista, mas, sim, ao contrário, unionista. Descentraliza-se não para separar e dividir as regiões, e sim para assegurar e aperfeiçoar sua unidade dentro de uma convivência mais orgânica e menos coercitiva. Regionalismo não quer dizer separatismo. {Mariátegui 2010:202}

A digressão de Mariátegui a respeito da condução esperada dos governos latino-originários para integrar sua miraculosa diversidade humana é uma comprovação de como as federações iroquesas e algonquinas e o plurinacionalismo boliviano são intentos duma integração política dialética e cósmica. Se lembre, ainda, que a configuração do

30 Daí ser chamada de “aristocracia democrática”, característica da política moderna que transita da representação parlamentar clássica aos partidos de massa e então à “audiência democrática” atual: “quando o governo representativo é dominado por partidos de massa seu caráter elitista não desaparece [...] indivíduos diversos continuam a ser eleitos, preservando o elitismo que sempre tiveram. Uma nova elite de especialistas em comunicação, contudo, substituiu o ativista político e o burocrata partidário.” {Manin 1997:208,220} T.m.

*ayllu*³¹ como “arquipélago vertical” é qualificada por autores da estirpe de John Murra e René Zavaleta como indicativo do controle do excedente e da hierarquização social, imprescindíveis à agricultura de altitude, típicos do *ethos* nacional-popular andino e expressos sintomaticamente por meio do estado. Considero, ao menos, que o comunitarismo andino, alcançando um estágio confederado vistos entre mayances, tupi-guaranis e penacooks, possa ter favorecido as sucessivas centralizações políticas tiwanakotas, inkaicas e *castellanas* numa configuração diferente ou ao menos potencialmente diversa da propalada na teoria política convencional. Por outro lado, as rivalidades tribais, a manutenção dos modos produtivos ancestrais e até de certas tecnologias locais de mineração, como o *wayra* [forno portátil de vento], permitiram o continuísmo hostil desse controle durante os *soroques* da conquista. {Bouysse-Cassagne; Harris; Platt 2011:24,31} ³²

Vista sob o panorama destas experiências, a interpretação do abolicionismo do estado como uma tese antropológica e sócio-revolucionária minora a compreensão de sua formação espontânea

31 O *ayllu* não é apenas uma unidade produtiva de subsistência, mas um complexo geossistema de territorializações concêntricas, irradiadas a partir do lugar destinado ao usufruto de uma família [latha] onde estão os santuários rituais [huacas] e as terras coletivas [ayllu], cujo conjunto constitui departamentos [marka] e regiões [suyu]. É baseado na ancestralidade familiar [waka] e organizado através da distribuição equitativa dos níveis produtivos da montanha, e dinamiza uma lógica de cooperação coletiva entre as famílias e comunidades, através dos mutirões [ayni ou pongos], dos trabalhos sazonais em áreas diversas, do trabalho em troca de pagamento [mita]; do trabalho temporário em outras jathas e ayllus em troca de comida e abrigo [yanaconaje] e da subsistência obrigatória das viúvas e dos órfãos pelos chefes tribais [kurakas], tornando o ayllu...

“...una institución tetraléctica [tiwana qallqu] que dinamiza simultaneamente los cuatro ordenamientos: territorial, producción-economía, cultural-ritual y sociopolítico, con la armonización de estos elementos [suma qamaña].” {Mazurek 2012:58}

32 “La región que estudiamos [provincia de Charcas, terra das nações aymara Qaraqara e Charka, onde se localiza Porco e Potosí, epicentros mundiais da exploração de prata até o século XVIII] se asemeja, no al modelo de ‘nación’ (concepto que conlleva asociaciones ideológicas de unidad originaria, territorialidad excluyente y homogeneidad interna), sino al modelo de ‘confederación’, pues ésta puede organizarse em una jerarquía de segmentos diferentes, pero aproximadamente equivalentes em cada nivel. Es posible que bajo el Inka tal estructura organizativa llegase a consolidarse de una manera más estable que en el Intermedio Tardío [pós-dissolução do império tiwanacota].”

e o fato de a guerra “primitiva” não ser causa e nem consequência do estado. O fato de continuamente impedir seu advento torna impossível ser “contra” ele, pois que não existe. E também faz uma caricatura da obra de Marx [e de Lênin, Pashukanis e tantos outros], haja visto seus esboços inconclusos duma teoria do estado moderno capitalista e as ambivalências da realidade que os levaram à dupla conclusão de lutar por sua consecução, na europa ocidental, ou superá-lo a partir da conjuntura camponesa russa. Mesmo neste caso, é fulcral perceber as cisões no interior do movimento narodnik e a posterior adesão de Vera Zasulich e Gueorgui Plekhanov às ortodoxias marxistas. Assim, se é verdadeira a luta contra o estado na teoria marxiana, seu fundamento é relativo aos avanços e recuos da estratégia proletária na constituição dum governo das massas - daí a associação precoce e coloidal entre o comunismo e a democracia e a defesa do estado defensivo na luta descolonial. {de Castro 2013:75-79; Deleuze & Guattari 2004:365; Laozi 1994; Mercado 1988,1990; em oposição ao entendimento de Tible 2011}

* * *

Não se trata de resolver a dificuldade, mas de a batizar.

Henri Poincaré

* * *

5. Razas cósmicas



Batman-de-cocar durante protestos de fevereiro de 2014, no Rio de Janeiro. Em: Germán Aranda. O batman do Leblon tira a máscara. Carta Capital, março 2015.

Ao adotarem o mais amplo referencial no tempo e no espaço, significando-o como uma transição do “indígena” em direção às suas origens, as primeiras e originárias nações do continente demonstram uma translúcida consciência das dimensões e dinâmicas envolvidas nesta evolução. A afirmação nunca será absoluta: são índios há 5 séculos, mas carregam primórdios que remontam há 40 milênios. E a negação tampouco: é a manifestação cíclica de suas origens que propõe “a hora e a vez” de afirmar que não são apenas índios. Assim como o deslocamento é a mediatriz entre o tempo e o espaço; a memória, entre a lembrança e o esquecimento; o indivíduo, entre o poder e o controle; a origem é a resultante entre o ser feito índio e o que o índio quer ser. Entre nós, que os fizemos índios, e o que queremos fazer de nós.

Como o deslocamento é passível de infinitas interpretações em face de uma constante - a velocidade da luz - as memórias e os indivíduos avançam e refugam, ascensionam e declinam, em torno ao eixo da consciência. Ao proporem o salto que parte da “definição de si para o outro” a um capaz de definir inclusive “o outro para si”, os povos originários aperfeiçoam a dialética semântica, identificando na luminosidade da mente humana a constante capaz de se referir à alteridade em sentido universal. Se entenderá melhor isso ao lembrar-se de que a definição do “indígena” partiu das diferenças classificatórias do pensamento europeu, com a ridícula pretensão de explicar o outro para o próprio outro. E não da identificação das inenarráveis semelhanças possíveis entre europeus e originários, que tornariam possível explicar-se a si ao ver em si mesmo o outro.

Como...

...el pensamiento cosmogónico y cosmológico [...] da respuesta a los grandes problemas existenciales, que también han sido los de la filosofía: ¿qué y cómo es el cosmos?, ¿cuál fue su origen?, ¿qué es el tiempo y qué lo rige?, ¿qué es el hombre y cuál es la finalidad de su existencia? {Camino 2012:53}

...eis o desatar cósmico na identificação dos nós da consciência, e a necessidade de voltar às leis do equilíbrio que regem o infinitamente grande para compreender o caos diferencial de nossas divergências infinitamente pequenas. Pois já pensaram os gregos que...

...o ser originário é apreendido em sua relação com o cosmos, cuja divindade é reconhecida na própria função cósmica. {Sayegh 2008:33}

Ao remeter às consciências dos povos primevos para alcançar a consciência humana em geral, a origem como eixo analítico torna possível

argüir ¿qual é o elo perdido entre a nossa consciência das origens e a origem da consciência? A resposta é uma verdade inconveniente que tem passado despercebida à civilização moderna: se das raízes conscientes do indivíduo desabrocham as flores e os cardos da consciência coletiva, é bem abaixo e logo acima de nós, na biosfera planetária, que está a constante da origem e da consciência cósmicas.

Em sua pioneira análise dos sistemas cibernéticos de regulação do clima, dos gases atmosféricos, da salinidade marítima, da distribuição, surgimento e extinção das espécies, e doutros fenômenos, James Lovelock sustenta a tese de que os corpos celestes e a formação da vida possuem ao menos duas semelhanças: estão envolvidos numa dinâmica capaz de integrar átomos, moléculas e substâncias diversas continuamente e em usufruir criativamente da energia solar. A faísca ignitora da galáxia é a Supernova, ponte estelar entre a transformação ou o fim dum sistema solar e o início formativo ou modificativo doutro. {Lovelock 2000:15} E o metabolismo da luz é sua correspondente na transformação da matéria em matéria viva. Da explosão cósmica à explosão digestiva, as duas faces energéticas da Luz e do movimento como fundamentos da origem.³³ No âmago de associações moleculares erráticas e profusas, e sob as vagas das forças gravitacionais e ventos estelares,

...a vida é um evento quase completamente improvável com quase infinitas oportunidades de acontecer. E assim aconteceu [...] Não estamos essencialmente preocupados com a origem da vida, mas com a relação entre a biosfera em evolução e o primevo ambiente planetário da Terra.³⁰ {Lovelock 2000:13}

Mesmo numa aparente oposição, a presença de “origem” e “relação” na mesma frase não é aleatória, pois embora tantos autores julguem improváveis as origens, buscando-as como se fossem inícios, precisam admitir suas pulsões e seus fluxos, suas transitividades intransitivas, as relações a temporalizarem o espaço da vida, e os sentidos e o pensamento a moldarem na vida a compreensão do tempo e do espaço. Estas relações

33 “Temos ainda a teoria de Preyer de que a Terra ancestral era um imenso organismo vivo, do qual todos os seres hoje existentes descenderam, e toda matéria inorgânica surgiu de seus rejeitos excretados, enquanto sua substância vital, aquecida, gradualmente se protoplasmava [...] É provável que na Terra já havia vida, tal qual haveria até nas nébulas, sob uma forma quase tão dispar quanto a suposta por Preyer, mas com algumas propriedades em comum com a vida como a conhecemos.” {Sidis 1925:68} T.m.

conduzem à segunda e principal tese de Lovelock: a Terra é Gaia, ou seja, um organismo dotado de consciência, capaz de estimular interações que a favoreçam como totalidade planetária. Os indícios estão na distribuição global de profundos desequilíbrios químicos, como a produção de amônia suficiente à neutralização da oxidação natural que acidifica o ambiente; a estabilidade da salinidade marinha em 3.4% através da cristalização em silicatos; a estabilidade da temperatura do planeta em uma faixa entre 10°C – 20°C durante os últimos 3,5 bilhões de anos, reagindo em proporção inversa [*feedback* negativo] ao ciclos de aquecimento e esfriamento solares; e a “distribuição de moléculas improváveis”, como o oxigênio e o metano no ar e as reservas florestais de carbono no solo, responsáveis pela capacidade biocombustiva essencial à vida.³¹ {Idem :26,35,38}

Tais fenômenos aparentemente espontâneos se articulam com outras manifestações biosféricas. A constância termostática durante eras de esfriamento excessivo, por exemplo, não é explicável nem pelo albedo – coeficiente de reflexão planetária da luz solar, uma vez que um dos efeitos da glaciação é ampliar a superfície de reflexão, e nem pelo efeito estufa - capacidade do dióxido de carbono e da amônia de acumular calor na atmosfera, uma vez que o frio diminui a produção desses gases. Mas foi descoberto que...

...em mangues, nos quais o albedo é normalmente alto, claros carpetes de microorganismos se tornaram escuros, com a mudança das estações. ¿Poderiam estes carpetes negros, produzidos por uma forma de vida ancestral, serem precursores vivos de um método de conservação do calor? {Idem :23} T.m.

Já os recifes de corais, dispostos numa área equivalente à 2/3 da África³⁴, ao longo de milhares de quilômetros nas regiões litorâneas do mundo, são responsáveis tanto pela fixação do excesso de ânions de cloreto e sulfeto nos esqueletos de sílica dos seres protistas que os compõem, como pelo surgimento de vastas superfícies de águas oceânicas rasas e calmas, nas quais a rápida evaporação promove a cristalização destes sais e sua lenta deposição no leito do mar. Como consequência adicional, a pressão sobre os solos abissais comprime e aquece as rochas, mantendo a atividade magmática essencial às convecções eletromagnéticas que envolvem e protegem a atmosfera terrestre num campo-de-força toroidal.

34 Reduzo a terça parte da estimativa de Lovelock, pois corresponde à área extinta de corais na última década.

{Idem :93,94} Assim, a explicação para as condições necessárias à vida na Terra pertence à própria Gaia, e precisamente aos seres que nela se originaram e se desenvolveram, na medida em que a terraformaram diante da escassez de nutrientes, aprenderam a sintetizar substâncias a partir da luz, e progressivamente se adaptaram ao ambiente, diferenciando-se entre si e permitindo a evolução dos simples e instáveis grupos de organismos primitivos às complexas e duradouras “cadeias da vida”.

Diante do maior acúmulo de gás carbônico em 800 milênios, da degradação de metade da biosfera em apenas um século e, nos últimos cinco anos, da exploração exponencial superando a capacidade produtiva do planeta, parece estranho nos incluirmos como um elo desta homeostase telúrica. Contudo, se o ‘conforto’ e as ‘possibilidades’ modernas levam à desintegração bioclimática, não é porque não existam outras possibilidades técnicas, mas porque as atuais estão justificadas num precário, irresponsável e confortável entendimento da consciência e de seu principal instrumento de articulação coletiva, a política. Conseguimos deixar a Terra febril, mas seremos ingênuos ao crer que podemos erradicar totalmente sua vida sem eliminá-la à maneira de Vulcano pelas mãos romulanas. O principal dilema, então, diz respeito a nós mesmos. E se a espécie humana pode destruir a si própria com incrível empenho, é porque é demasiadamente humana para também mimetizar a consciência cósmica e ser “capaz de estimular interações que a favoreçam como totalidade”. {Idem:26,35,38}.

O movimento integrativo da consciência é dependente dos mesmos esforços dispendidos na ação desviante sobre o meio-ambiente. Foi assim que, ao longo de muitos milênios, se alcançou uma consciência originária do espaço e do tempo. No espaço, a adaptação em lugares de difícil sobrevivência e com prolongados períodos de escassez, como os territórios tropicais e de altitudes extremas, resultou em prodígios tecnológicos como a domesticação, o aprimoramento e a diversificação genética do milho [Yucatã], da mandioca [Amazônia] e da batata [Andes] – cultivares diretamente relacionados com a explosão demográfica mundial nos séculos posteriores à invasão - além do peru [Yucatã], da galinha [Índia], da *llama* e da vicunha [Andes]. {Freire 2008:02; Ribeiro 1995:31,311}

A compreensão cósmica do tempo, por sua vez, desvendou a sucessão de centenas de durações cíclicas interrelacionadas, as embutindo em sistemas simbólicos [hieróglifos, quipos, traçados cerâmicos] capazes de prever com acurácia telescópica alinhamentos galácticos, fenômenos

atmosféricos e as origens civilizatórias. No calendário mayance, a revolução sinódica da Lua foi calculada em seu valor atual, 29,53059 dias, e a do ano sideral em 365,2420, um desvio de apenas 2 milésimos do conhecido hoje. Nele, também se computavam ininterruptamente os Baktunes, 13 ciclos de 400 anos cada, e em...

...tres textos de la ciudad de Cobá, Quintana Roo, se asienta que el mundo actual fue creado en 13.0.0.0.0, el día 4 ahau 8 cumkú, que en nuestro calendario corresponde al 13 de agosto de 3114 a.C. [y en] el tablero del Templo de la Cruz en Palenque, Chiapas, la creación se inicia con el nacimiento del Primer Padre (16 de junio de 3122 a.C.) [y de] la Primera Madre (7 de diciembre de 3121 a.C.). {Camino 2012:62,63}

Escavadas as evidências arqueológicas da transmutação das culturas neolíticas em civilizações sofisticadas no 3º milênio^{a.s.E}, a datação mayance é assombrosamente plausível. E a inserção dum dia específico para esta transição é apenas um detalhe da obsessão meso-originária pela exatidão. A sofisticação dos sistemas cronológicos fez emergir inclusive um sentimento de resignação com os ciclos catastróficos das forças naturais e com a inevitabilidade da reconfiguração do espaço e da decadência dos povos. São significativas as previsões do “fim dos tempos”, dentre as quais se destacam aquelas do “profeta jaguar” Chilam Balam e os “presságios funestos” dos interlocutores do bispo Sahagún. {Portilla S/a1:366 e sgs.}

Se para nossa mentalidade projetada ao infinito dum tempo sem meandros essas estimativas e crenças não dizem muito, é sensato lembrar de que a história dos homens é medida em segundos no tempo cosmológico. São poucas as civilizações que possuem os mais de 1000 anos de hegemonia de Tiwanaku [580^{a.s.E} – 1170^{d.s.E}], a cidadela megalítica às margens do lago Titicaca inspiradora dos inkas; e os 5 séculos de ouro dos mayances-Itzaes [400^{d.s.E} – 1697^{d.s.E}], cuja saga de êxodos e retorno ao Lago Petén é tão impressionante quanto os exílios e a diáspora dos hebreus. {Chan 1987:112}; {Sanginés 1979: 11, 16} E ainda mais raras aquelas que, como uros e aymaras, ocupam ininterruptamente seus territórios há milênios distantes de qualquer estimativa. A descrição integrada do cosmos e da consciência a partir de Gaia subjaz a compreensão realista do espaço pelos povos originários, pois é...

...el fundamento material lo que determina el espíritu del hombre [y su] evidente y eterno dinamismo, que da a los distintos seres cualidades y significaciones

múltiplos. {Camino 2012:54,58}

William Sidis escreveu há 79 anos *The tribes and the state*, uma renegada e pretensiosa abordagem de 100 milênios da história continental, propondo a tese da “continuidade do lugar” para explicar a transmissão duradoura dessa cosmogonia: povos ocupando concomitante ou sucessivamente o mesmo lugar compartilham uma memória espacial recorrente, e desenvolvem padrões de adaptação biológica e evolução social similares, causados não apenas por respostas equivalentes diante das contingências ambientais, mas pela experiência humana anterior, naquilo que Darcy Ribeiro chama de “paralelismo cultural” e “adaptação histórica”. Deste modo, na...

...América, como em muitos outros conspícuos casos desta natureza, as instituições originais do lugar não apenas tiveram uma forte influência nos novos habitantes e os guiaram na formação de suas próprias sociedades, mas, tão pronto foram substituídas, mostraram a tendência contrária de retornar. {Sidis 1977:02}

Associado ao mecanismo da “imitação recíproca”, comportamento da assimilação das táticas e instituições políticas e militares alheias como meio de defesa – tais memórias aceleraram a fusão cultural euro-originária. Mas também imprimiram sobre esta nova cultura profundas divergências com o individualismo, a propriedade privada, a divisão hierárquica da sociedade e o governo autoritário que os arreios da invasão fizeram prevalecer. Daí os fenômenos atribuídos por Sidis como conseqüentes políticos deste processo.

A transcendentalidade do tempo cósmico impinge o espaço com os tons duma eterna imanência, a exigir a reverência e o culto, e com o vínculo entre as demandas pela reconstituição das nações originárias e as teorias sociopolíticas que se perguntam...

...ço que é um território senão isso sem o qual não poderíamos viver? {Latour 2014:24}

Dentre elas, o materialismo histórico de Carlos Marx conjuga a consciência humana com a telúrica e a cósmica ao reconhecer como pressupostos: a satisfação das necessidades fisiológicas e criativas de todos os seres; as distinções e integrações entre a natureza e a cultura fundadas no princípio da eficiência social; e a função dialética e praxiológica que permeia todas as transformações e possibilidades. Além de apoiar a identidade estabelecida por José Mariátegui entre a “questão do índio” e a “questão da terra”, como as duas faces catalisadoras da revolução exigida

pelo continente vermelho. {Mariátegui 2010} Se muitas vezes a crítica direcionada ao gênio romântico e ao desconhecimento da realidade dos povos originários suprime as contribuições do peruano³⁵, elas não deixam de concordar com o fato de que...

...o tempo e o espaço não tinham existência (para não falar de significado) antes da matéria; em consequência, as qualidades objetivas do tempo-espaço físico não podem ser compreendidas sem que se levem em conta as qualidades dos processos materiais [...] somente pela investigação destes podemos fundamentar de maneira adequada os nossos conceitos daqueles. {Harvey 2008:189}

A ciência, validando Marx e Mariátegui, não faz senão convergir ao vórtex no qual se espiralam a filosofia, a sociologia, a antropologia e a política, significando essencialmente duas coisas: primeiro, que a percepção e a interação humanas com as dimensões espaço-temporais depende do reconhecimento da base material onde elas produzem seus fenômenos, pois tanto as manifestações físicas quanto espirituais estão integradas à expressão viva e ululante sobre a Terra. Do passo intelectual que permite a expressão verbal e o início das interações culturais e da práxis criativa ao salto ético que possibilita a crença no devir, tudo o que o homem pensa, diz e faz só alcança coerência quando em relação com algo ou alguém. Daí que o etéreo, o infinito e o eterno sejam a força fotossintética a vicejar sobre o substrato orgânico da consciência.

E segundo, que sendo toda a expressão humana sujeita à retroalimentação crítica ou acríica da consciência, o sentido do espaço e do tempo varia indefinidamente. Mas se isto é verdadeiro para que um tempo feito de bricolagens dos espelhos já trincados suplante a estética monolítica do passado em direção a um futuro de infinitos reflexos, como na visão anredom-sò|p|òs-anredom³⁶ das ‘possibilidades’ do contemporâneo, também será verdadeiro para a reconstrução de um tempo feito dos cacos da atualidade, criando um sentido de unidade harmônica entre todas as necessidades pretéritas. E é precisamente aqui, na diferença entre um espelho que difrata o espaço onde tudo é possível para um que reflete os espaços onde todos estão satisfeitos, que começa a pulsar o “coração do céu” originário. {Harvey 2008:190}

35 Um exemplo recente é o livro *Marx Selvagem*, de Jean Tible.

36 Visão espelhada do pós-moderno através do moderno e vice-versa. A leitura ao revés produzirá a forma ‘moderna só pós moderna’, sugerindo continuidade na descontinuidade.

A adjetivação cósmica pressuposta na originariedade é inequívoca, pois respeita uma nomenclatura referencial, não apenas cosmogônica, mas presente no pensamento de José Vasconcelos a Leopoldo Zea, de Lévi-Strauss a Pierre e Hélène Clastres, de Rodolfo Kusch a Viveiros de Castro, de Chilam Balam a Atahualpa Yupanqui, de Kurt Nimuendajú a Bruce Albert, de Rigoberta Menchú a Davi Kopenawa. E seu sentido se fortalece ao analisarmos os mistérios de nossa ancestralidade. Pois sabemos que o homem africano se originou na própria África, e que as primeiras populações da Ásia, da Europa e da Oceania vieram de lá. Sabemos também que o homem europeu atual retornou em hordas invasoras das vastas estepes asiáticas, assimilando e se aclimatando às populações célticas fustigadas pelo imperialismo romano. Mas pouco se sabe sobre como o homem chegou à imensidão da Ilha-Continente Originária. É aceito, com variados indícios e dúvidas, que possa ter vindo do Norte, cruzando os estreitos árticos em períodos de glaciações que inviabilizariam a sobrevivência humana; também que possa ter aportado em migrações polinésias, navegando o Pacífico numa difícil travessia contra as correntes oceânicas; ainda que tenha zarpado do Leste, através do Atlântico, talvez da costa africana ou dum continente perdido, como cantaram em suas lendas os povos nahua e mayance. Há a chance de ser oriundo de todos estes cantos, já antecipando a miscigenação cósmica atual, e ainda de haver colonizado a Oceania, como sugerido pela epopéia de Thor Heyerdahl.³⁷

Na conhecida divisão cromático-melanômica que atribui prismas negros à África e à Oceania, amarelos à Ásia e à Sibéria, brancos à Europa e vermelhos às latitudes originárias, não será excessivo aceitar a imaginativa prospecção, tanto de José Vasconcelos quanto de William Sidis, de nossos escarlates cromossomos descenderem duma “raça atlântica extinta”, que encontrou seu clímax na lendária Atlântida e se

37 “Tínhamos um mestre espiritual [em Fatu Hiva, Ilhas Marquesas], um ancião chamado Tei Tetua, o último sobrevivente de um grupo de canibais. Ele foi convertido ao cristianismo mas chegou a provar carne humana quando era jovem. Foi ele quem despertou minha atenção para uma estranha lenda, a do deus Tiki, o filho do Sol de pele branca, narrada pelos seus antepassados. Tiki chegou pelo mar vindo do leste, procedente de uma terra enorme chamada Fiti-Nui. Foi esse dado que me fez pensar que os polinésios receberam a visita de um rei, pertencente a alguma civilização do Peru, trazido pelas correntes marítimas.” {Heyerdahl, descrevendo a inspiração para o documentário *Kon Tiki*, de 1947. Em: <http://super.abril.com.br/cultura/antropologo-thor-heyerdaahl-ultima-viagem-443103.shtml> Acesso: dez 2014.

dispersou pelo mundo em tempos remotos. O realismo fantástico será sempre um componente de nossas suposições, corroborado até no nome de nosso país. Na fusão da forma gaélica [“hy Brasil” ou “uí Breasail”, “descendentes da bela e grandiosa ilha”] com a botânica etimologia latina [brasa + ilium, “vermelho como brasa”] desvendamos no brasileiro o descendente da ilha bela, grandiosa e rubra como brasa. E no brasileiro, a primeira exceção à regra: o vocábulo designa não um gentílico, mas a profissão dos lenhadores e extratores do sangue do pau-Brasil. Unidos nominal e verdadeiramente pelo trabalho, impossível não admitir em nós mesmos uma raça pintada com as tintas da terra e inflamada pelas iridescências da origem.³⁸

A filiação cósmica ganha coerência diante de nossa insuperável indefinição racial. Em Pindorama, a embriogênese distintiva de “mamelucos excepcionais” {da Cunha 1921:32} se consolidou já a partir da segunda geração colonizadora, e o originário assume uma genética “nova”, tal qual entre peruanos, venezuelanos, colombianos, chilenos e caribenhos. No Canadá, na Argentina, no Uruguai, nos EUA, e no sul e sudeste brasileiros, ocupados por massivas migrações euroasiáticas a partir do século XVIII, o originário é tingido com matizes “transplantados”. De igual modo no Haiti e nas Guianas, povoadas por levas de afro e hindu descendentes. E em todos estes países, assim como destacadamente no México, no Equador, na Bolívia, na Amazônia e no istmo originário, inúmeros povos sobreviventes à invasão, conquista, redução, pacificação e inventivas modalidades de genocídio dão à originariedade sua carga “testemunhal”. {Ribeiro1968}

Estes três horizontes de heterogeneidades abismais convergem sob o signo dos retalhamentos culturais, e o problema não está em suas diferenças, mas no padrão de complexas interpolações genésicas tão mal entendido e mesmo ignorado. Pois se o esquecimento de que “somos todos índios” em maior ou menor grau pode ser apenas deprimente, suas consequências se revelam perigosas ao ocultarem a identidade de quem se assume e precisa se assumir indígena sob o assédio argumentativo da transformação fenotípica em “não índios”, sejam gaúchos, caboclos, cafuzos, pardos ou “misturados”. Esta estratégia de redefinição do devir genético em dever étnico, astutamente convertida em ideologia de

38 “América. Este nome batizou posteriormente o hemisfério ocidental inteiro, e a fátia portuguesa, que originalmente se intencionava ‘americanizar’, foi chamada ‘Brasil’ (segundo a lenda céltica da ilha de Hy-Brasail, talvez o relato fantasioso de alguma viagem transatlântica)”. {Sidis 1982} T.m.

estado e senso-comum social, tem sido usada desde os primórdios da colonização para expoliar territórios e negar os direitos indígenas, de um modo idêntico à questão quilombola. {Alarcón 2013:27 comentando Ordep Serra 2012:70-71} Ambas extensíveis, por sua vez, aos pequenos agricultores sem-terra, aos gentios urbanos sem-teto e assim por diante, pois todo *ius possindendi* [direito de posse] oculta uma *res derelictae* [coisa abandonada]. Mas se compreender a natureza³⁹ do domínio é uma prolífica tarefa exegética, já a do abandono não desperta o mesmo interesse jurídico.

No célebre ensaio que inspira o título deste capítulo, José Vasconcelos indica o fato de constituirmos uma estirpe em lento vagar através da eclíptica da inconsciência, e a fatalidade de possuírmos as virtudes originárias duma raça cósmica,
...em potencia a tal punto, que nada somos aún.

A aversão ao colonizador ibero no período pós-independências, fez surgir paranóias políticas, acentuou a discriminação social e suspendeu provisoriamente a mestiçagem antes da consumação duma nova linhagem na qual estariam...

...las bases materiales y morales para la unión de todos los hombres en una [...] raza síntesis o raza integral [...] fruto de las anteriores y superación de todo lo pasado [...] hecha con el genio y con la sangre de todos los pueblos y, por lo mismo, más capaz de verdadera fraternidad y de visión realmente universal. {Vasconcelos 1925:04,07,16,27}

E assim como os corpos celestes colidem numa dança prolífica da qual vidas complexas se originam, nosso humanismo originário admite resultar de mutações incontáveis, na “esperança de uma missão sem precedentes”. Como o imprecendente e a esperança não supõem facilidades, há de se constatar nas fusões genéticas...

...a redução dos coeficientes de relacionamento comunitários. O resultado pode ser um eventual apaniamento do comportamento altruístico

39 Natureza – tanto na natureza-humana, no estado-de-natureza e na natureza-do-estado, indica uma concepção constritora da «natureza» a um conjunto de processos históricos que interpretam a cultura exclusivamente sob um viés sócio-político, lhe outorgando o ideologuema da “cultura” (com aspas) como dirá Manoela Carneiro da Cunha, e assim priorizando uma outra polaridade, implícita no reducionismo cultural, entre cultura|civilização. Optei por um cirilicismo foneticamente incompatível com nossa pronúncia - a qual deve ser mantida, ignorando a inversão assim como esta noção ignora sua própria natureza.

através da mal adaptação e da perda do genoma selecionado pelos grupos [...] Cooperação pareada com agressividade, criatividade com egoísmo e dominação, zelo atlético com reação violenta, e assim por diante. Em caso extremos, tais relações podem germinar em pleiotropismo, duplo caráter fenotípico controlado pelo mesmo conjunto de genes.³² {Wilson 1980:300} G.m.

Os dilemas do caos cromossômico também se reproduzem nas miscigenações planejadas da sociedade anglosaxã, cujo zênite se esgotou na missão de repetir a Europa, e...

...siguió cruzándose sólo con el blanco, exterminó y sigue exterminado al indígena: esto prueba su limitación y es el indicio de su decadencia. {Vasconcelos 1925:14,17}; {Stavenhagen 2010:16}.

Em ambas, a necessidade civilizatória de superar os ímpetus sacrificiais latinos e a competitividade parasítica saxã, obstáculos aos seus desenvolvimentos sincrônicos, isonômicos e proporcionais. A falência de nossas representações políticas e a previsão de os latinos constituírem o maior percentual populacional estadunidense em meados deste século, são indícios de como as asserções de Vasconcelos, Mariátegui e Waldo

Frank só crescem em importância. {Mariátegui 1925a; 1925-1929}

O entendimento das particularidades bioquímicas, epigenéticas e espaço-temporais da consciência não se oculta num enigma da criação, mas antes se revela nas miragens que criamos ao redor de nós mesmos, ao nos modelarmos como humanos sem humanismo e terráqueos sem terra. E se insurge numa ladainha antiga, perdida em equações fractais, arquétipos míticos, orações e mantras, espirais de Fibonacci e visões enteóginas, ecoando na Era do Antropoceno como uma voz profética, uníssonas e inaudível.

* * *

Se parece su alma al viejo cenote maya, de aguas verdes, profundas, inmóviles, en el centro del bosque, desde hace tantos siglos que ya ni su leyenda perdura.

José Vasconcelos

* * *

6. Inconsciência das origens



Maria Meneghel interpreta “Brincar de índio”. Programa Xou da Xuxa. Rede Globo, 1989.

A consciência é capaz de interagir com o ambiente de modo sutil, complexo e sofisticado e, exposta à desambientação dos processos de controle social, catalisa adaptativamente seu poder em novas formas efetivas de hostilidade e de organização coletiva. Ou, pelo contrário, se confunde com a totalização agressora da qual visa escapar, reinventando-se em identitarismos autônomos. Desprovida de autorreflexividade, a consciência estanca **em-si** [an sich] e, ao invés de restituir sua evanescência no movimento pluriexpansivo de singularização **para-si** [für sich], anestesia, aliena e inativa sua capacidade de ação concreta **em-si|para-si** [an und für sich], e impede **por-si** a progressão social da consciência, sua distinção originária.

Feita esta breve constatação a partir da dialética do espírito de Friedrich Hegel, exploremos então os fenômenos zumbizantes do meio-orgulho com duplos remorsos e da dupla presunção sem meias-palavras. Esta, evidente no proselitismo de *criollos*, *caudillos*, senhores-de engenho, coronelistas, bandeirantes, juizes e ‘autoridades’, marechais-de-ferro, oligarcas anti-nacionalistas e barões vitorianos, que, abdicando de seu insuficiente juízo de si, se espelha em consciências que não lhe bastarão, e termina não raro sem nenhuma. E aquele, ao contrário, característico da falsa modéstia das classes médias em se bastarem na insuficiência da própria psiquê. Começemos descrevendo este último, e então aquela primeira, até que o primeiro seja esta e a última, aquele.

As classes médias são estratos sociais pré-capitalistas, originados do mercantilismo simples, e nutridos por relações econômicas “pequeno-burguesas”, produtivas ou não-produtivas, restando em debate seu não-assalariamento. São mais propriamente “classes de transição”, que buscam se eternizar nos interstícios “amortizadores” da polarização burguesia-proletariado, num duplo-distanciamento dos extremos sociais que determina seu caráter bamboleante entre a reação e a conservação. Os burocratas, os militares e os intelectuais, usualmente incluídos aí, constituem antes categorias funcionais de mediação política, jurídica, bélica e ideológica, e seu grau de autonomia e pertencimento classista decorre da mentalidade mesma que reproduzem. {Cueva 1987:36-42} O fenômeno de interesse nos estratos médios é sua persistente inconsciência das relações de opressão, das hostilidades do corporativismo e do caráter de classe do estado, perpetuando...

...un modo degenerado de conocimiento de la sociedad que se presenta en un doble rostro, sea adoptando una explicación irracionalista (como en el fascismo) o porque cuando se está aislado se

tiende a recibir la explicación oficial, ideológica y autoritaria como la única explicación real y posible del mundo. {Mercado 1988:152}

Recaindo em desuniversalizações políticas, assumem razonamentos antitéticos, alheios à ética da tese e à catarse da síntese; aguardam hipóteses plásticas e êxtases estéticos; ...sofrem a história e não a vivem [...] aprisionados na própria sensualidade; {Mercado 1990:34,39}

...descrevem a realidade por meio de fábulas, incapazes de proclamar as prioridades diante das suntuosidades supérfluas, e de escapar ao culto e à representação de...

...ejecutores o héroes [...] que no siempre tienen una conciencia global del personaje al que están sirviendo. {Mercado 1991:28,31,35}

Míopes às estratégias políticas e hipermétropes às intenções de quem se oferece à liderança, astigmaticamente se confundem na dinâmica oculta da ascensão e queda dos heróis: na conjunção duma sensação de incerteza ou insegurança *erga omnes* com uma moral solipsista de culpabilização *interpartes* está o segredo para um estado de exceção permanente, no qual se desenvolvem intervenções “gloriosas” cuja instabilidade intrínseca é a deixa para o reinício do ciclo vicioso. Limitadas à gravitação celenterada, resta nas classes médias um deslizar gelatinoso através do aquário da

vida, interrompido no vai-e-vem de seu frêmito pela transparência vítrea que permite contemplar as difrações sensoriais sem jamais senti-las. Imerso em doméstica felicidade e sujeito a eventuais síndromes-do-pânico, o médio-raciocínio permitiu “obrar a levedura da ocidentalização” em nível mundial, tanto “de baixo para cima” - em países pré-medianizados, como na Grécia, na China, no Japão e nos EUA, quanto “de cima para baixo” - caso da Rússia, da Índia, do crescente islâmico e, com posteriores complicações, da pangéia originária, nos quais...

...os autócratas que se propuseram ocidentalizar seus súditos [...] se viram obrigados a lhes dar um substituto artificial de uma classe média local, criando uma de intelectuais. [Daí a constatação de que] diferem enormemente segundo se tratem de intelectuais do terceiro-mundo ou dos países imperialistas. [Naquele caso] eram produtos e sintomas não de um crescimento natural, senão das derrotas sofridas por suas sociedades em choques com o Ocidente moderno estrangeiro. Eram signos não de força, mas de debilidade.

Se na conversão dos autóctones orientais que sobreviveram ao impacto da colonização...

...a intuição da tarefa ingrata que tinham de desempenhar conspirava, junto com uma inexorável tensão nervosa, para engendrar um ódio latente pela classe média ocidental, que era sua senhora e açoitadora, seu modelo e sua calamidade,
{Cueva 1987:42; Toynbee 1984:46-47}

...no caso das nossas sociedades arruinadas, e arrancadas de si como matrizes de uma nova humanidade mestiça, a reconversão cultural foi tanto mais célere quanto intensa, entorpecendo as consciências e tornando difícil concertar que...

...os circunlóquios dos doutores eram pagos e subvencionados pela prata de Potosí.³³ {Mercado 1990:31}

A promoção e ascensão de classes intelectualizadas não significou a consumação política da tão almejada “ocidentalização”. Mas nas taigas siberianas essas conturbações psíquicas descritas no *lobo estepário* de Herman Hesse conduziram ao mais revolucionário evento da história mundial. Nos meridianos austrais, ao contrário, os seios à mostra da musa de Delacroix foram censurados, o encouraçado *Potemkin* encalhou no sertão e as flâmulas da liberdade estancaram a meio-mastro, altura conveniente às baionetas do capitalismo bretão. A mesma classe cujo esforço maturou o estado moderno nas nações centrais, atuou ideologicamente contra a sua consumação nas “províncias das províncias”. {Idem}

O controle territorial e mnemônico do estado, através dos ritos simbólicos e do monopólio da violência, torna o exército sua condição final de existência, o visco alimentar de “seu fundo arcaico”, impulsivo e inconsciente. Assim, não é surpreendente os militares reverenciarem a santidade das pulsões freudianas, agravadas nestas plagas por seu corporativismo aristocrático, sua hierarquia encilhada na “mitologia das castas” e sua pedagogia perfunctória - prenhe de cismas morais e civismos de mula, de exaltações derrotistas, do culto ao medo e da prédica da “pacificação” que impõe ao povo um sedentarismo miserável e mórbido. {Billon 1970} Além é claro, dum único projeto político, cuja epítome está no oportunismo e na “alienação extraordinária” de José Maria Linares

Lizarazu, primeiro ditador civil-militar da Bolívia, cujo...

...maniqueísmo era simplíssimo: es la inmoralidad [el pecado] que nos frustra y, por tanto, el país es culpable; está perdido y necesita de un salvador – Linares – para instalar el bien. {Mercado 1990:36}

A consciência média originária deriva, portanto, daquela

consciência bivitelina européia parcialmente aclimatada aos tristes trópicos. Sem poder suplementá-la ou transcendê-la, se resigna à sua dominação cultural, e, no fim, pensa ser capaz de imitá-la numa radical supressão de suas próprias origens. Esta neurose, potencial nos dualismos racionalistas, cumpre aqui sua potestatividade final, analisada em nosso continente segundo as assimetrias européias entre a consciência íbera e a saxã, e nas disfunções entre estas e a consciência *criolla*.

Em relação à primeira, é interessante perceber sua interiorização em novas relações de equilíbrio-desequilíbrio. Assim, a consciência íbera oscila entre sóis *castellanos* e luas lusitanas, até ser eclipsada pelas nebulosas boreais [holandesa-britânica-francesa] que afastam do imaginário europeu *las leyendas negras*, impregnadas de sacrifícios salvacionistas e audácias mercantis determinantes para o capitalismo nórdico. Tais suplantes ecoaram fundo na psiquê *criolla*, sendo possível ouví-los em...

...nossas respectivas línguas, onde o português desempenharia o papel de gêmeo lunar, menor, com algo de enganador (de malandro, diríamos nessa língua) em seus ditongos traiçoeiros, suas sibilantes serpentinadas e suas estranhas chiantes, em contraposição ao espanhol solar, cristalino, imperioso e magnificente, que seria como o gêmeo maior, o demiurgo da parrelha. {de Castro 2008:01}

Darcy Ribeiro fará notar seus reflexos nas disputas territoriais transcontinentais. Nosso gigantismo é obra da “obsessão de fronteira” dos portugueses, herdada pelos lusobrasileiros com as precoces expansões sobre as bacias platense e amazônica, num evidente cerco ao Cerro Rico, cuja consequência foi a desesperada reação hispanoboliviana das “contrabandeiras” orientais. {Ribeiro 1995:149}; {da Cunha 1921:05}; {Mercado 2008:86} Na progressão de sua violência dialética, a consciência européia se atrita à originária, e depois se confunde com a íbero-americana. Aquela acolá, gestada em longilíneas miscigenações, do fervilhante cosmos grego - enviesado de barbáries romanas e romanizações bárbaras - ao consumativo caos ético da ab-negação cristã e da negação-da-negação marxista. Aquela lá, viajante num caminho de Xibalba ladrilhado de ritos de passagem, sacrifícios prístinos e mitos mayas, destroços cósmicos dos meteoros íberos, ressignificados nas arqueologias libertárias. E esta cá, fusão cataclísmica que, podendo se assumir em sua indisfarçável originalidade, contamina-se no precoce

envelhecimento *criollo*.⁴⁰

Na genealogia da moral conquistadora da alma selvagem, o resultado da negação da maternidade originária e da paternidade íbera conduz à psicótica negação da identidade mestiça, acossada como um...

...pueblo disminuido en su humanidad por lo que tenían de indígenas; pero también por haberse degenerado al mezclarse con entes que no podían justificar su humanidad y, también, por ser los herederos de una cultura que en la filosofía del progreso [...] no podrían ya ser sino expresión del retroceso. {Zea 1972:13}

A origem da negação planteada por Leopoldo Zea se encontra na palavra, pois a capacidade de filosofar, de articular o verbo em sua amplitude prospectiva, especulativa, crítica e utópica, foi a primeira de infinitas castrações, perpetrada tanto na mordaca da voz originária quanto nos floreios escolásticos das elites. Daí os conflitos da alma *criolla*, tão bem representados numa obra como *El gaucho Martín Fierro*, de José Hernández, serem...

...una agónica identificación con paradigmas, regida por una dinámica de aceptación y de rechazo respecto de las culturas metropolitanas - como un medio de diferenciación negativa - y por una dinámica de incorporación y de rechazo respecto de las culturas dominadas. {Kelly 2014:06 citando Damas 1988:30-31}

40 Antes de prosseguir, são necessários dois parênteses: primeiro, alertar que as oposições analíticas aqui desenvolvidas partem duma posição comum a um número significativo de autores que reconheceram e teorizaram as oposições constitutivas de nossa personalidade, primeiro em William DuBois e então em Paul Gilroy, ao tratarem da dupla-consciência afroamericana; em Franz Fanon, e nos autores que eu menciono. Não ignorando o amplo espectro descritivo da dupla-consciência, meu esforço será reuni-la na mônada multiperspectiva da “consciência originária”. Segundo, destacar a particularidade brasileira, na qual o termo “*criollo*” possui acepções distintas da oposição branco|índio ou estrangeiro|nacional comum ao hemisfério hispano-originário, e é incapaz de abarcar a hipermiscigenação que produziu nossa característica despadronização racial, visualizada exemplarmente na genética incógnita da seleção de futebol que disputou a Copa de 2014. Esta discrepância, contudo, não afeta a psiquê anatópica e retrocrônica condicionante das semelhanças continentais na conformação das elites, das vissitudes plebéias e dos ciclos políticos. Daí o fenômeno da consciência *criolla* se referir perfeitamente a nós.

Uma alma “cativa”, porque presa ao passado colonial, e “dominadora”, porque desapegada e supressora de suas origens; sadomasoquista, porque enrustida e esquecida das denotações libertárias do marquês. Na colonização hispânica, a diferenciação entre europeus, mestiços e originários demarcou nitidamente as classes sociais, razão pela qual as análises costumam ter por marco os processos de independência, quando o enrustimento *criollo* se traveste negligentemente com a tanga do sofrimento originário e depois com a farda da autoridade *castellana*. Sua irmã íbera engendra do outro lado do continente os luso-brasileiros, segunda geração colonizadora que se transformou num estrato elitista, aferrado aos valores lusitanos, porém racialmente único. Para Darcy Ribeiro, esta nova configuração da espécie forma os paulistas, caipiras ou brasilíndios - segundo a miscigenação, ou mamelucos - pela alcunha de sua perspicácia aterradora. Na capitania de São Vicente, ocupavam uma das regiões mais inóspitas e periféricas do território, vivendo na penúria e adotando integralmente a cultura originária - na alimentação, na moradia, nos trajes sumários e até na nudez. No cunhadismo e na língua-geral *nheengatu* - mas cambiando a única mercadoria disponível, escravos “nativos”, com os prósperos engenhos de cana-de-açúcar do litoral nordestino. Assim como os *mestizos y gauchos*, sofrem a rejeição genésica...

...dos pais [...] que os viam como impuros filhos da terra, aproveitavam bem seu trabalho enquanto meninos e rapazes e, depois, os integravam às suas bandeiras [...] [e] a do gentio materno [...] Não podendo identificar-se com uns nem com outros de seus ancestrais, o mameluco caía numa terra de ninguém, a partir da qual constrói sua identidade de brasileiro. {Ribeiro 1995:84, 97, 106, 108}

A expansão predatória dos paulistas a oeste se responsabilizou pela destruição das missões guaraníticas, capturando mais de 300.000 “peças de serviço”, descobrindo ouro e diamantes nos sertões goianos e desarranjando “toda a geografia política sul-americana” {da Cunha 1921:05} ao integrar a economia nacional e gestar, sem querer, a hegemonia portuária do Rio de Janeiro. Seu estabelecimento na região central do país...

...viu florescer a mais alta expressão da civilização brasileira, {Ribeiro 1995 :102, 143, 153, 156}

...não outra que a mais característica manifestação da consciência *criolla*, o barroco, anseio de modernidade européia projetado sobre os ágrrios rincões, numa excessiva esperança...

...que não pôde, e não poderia, se transformar em cópia ou imitação dos estados capitalistas europeus. Tinha de ser algo além: representação, versão teatral, repetição mimética do passado; construção na qual, numa incorrigível tendência barroca, o imaginário tende a tomar o lugar do real.

{Echeverría 2011} T.m.

Influência à qual mesmo os estadunidenses não se imunizaram, criando a versão neosaxã do clacíssimo vitoriano ao modelarem em maleável ferro fundido as colunatas e frisos do mármore helênico, num rococó comum às 13 colônias no século XVII e XVIII – constatado no estilo da *White House*, e ao reproduzirem a austera moral anglicana nos valores do *american way of life*. {Pirsig 1991} Mas o imaginário se confunde com a realidade numa arte peculiar e com momentos luminosos, na adoção dum “capitalismo funcional” e no “defensismo fronteiriço” herdado dos íberos. {Mercado 2008.; Rama 1982; Ribeiro 1995} Tais eventos, contudo, são a manifestação duma consciência frágil e circunstancial, qual um golpe de sorte perpetrado em meio ao azar recorrente, e a cadeia de antíteses irrelevantes da inconsciência originária urdirá exorcizar seu espírito adâmico. Sobre a derrota na Guerra do Pacífico, dirá René Zavaleta que os *caudillos* bolivianos...

...remitieron las explicaciones a un doble fondo fatalista que sucesivamente culpaba la naturaleza y a los hombres. La primera de ellas, la del fatalismo geográfico, acudia a los doctrinas del español Badía Malagrida que había sugerido que, al ser Bolivia al mismo tiempo un país andino, platense y amazónico, atraído además por el Pacífico, era un “absurdo geográfico” [...] Los ideólogos de la oligarquía hallaron el cómodo expediente de canalizar la frustración del país hacia una irremediable desgracia territorial.

O desapego às regiões inúteis para as *estancias* e *fincas* se contrapunha ao espírito da unidade patriótica na natureza biótica, pois...

...como es usual, un engaño suele ser refutado por outro y así, la doctrina del territorio como tragedia engendró una respuesta igualmente alienígena, que se podría llamar la teoría del territorio como

milagro o de la geografía como elección de los dioses. Jaime Mendoza es el autor de la tesis del Macizo Andino según la cual una vértebra coherente y ordenadora explicaría la existencia térrea del país [...] para Mendoza, el destino del país estaba dado por la Cordillera de los Andes [...] esta concepción – la naturaleza negando o justificando por sí misma la existencia del país – iba a repetirse dentro del ciclo de la Revolución Boliviana, através de la concepción agrarista del desarrollo económico. {Mercado 1990:50,50}

No plano político, a reconfiguração das colônias européias como países independentes foi um parto interrompido por muitos cesarismos, dignos daqueles “parasitas florescidos no ócio duma aldeia orgulhosa” que, versados na retórica justiniana e acomodados à servidão originária, trapaceavam a autoridade íbera sendo indignos para a substituir. {Idem :31,33,37} Até a erupção continental das legiões de Bolívar, San Martín, O’Higgins e Santa Cruz enfim consumir o hegemonismo mestiço,⁴¹ reconfigurar o colonialismo e os conflitos metropolitanos e criar o “hemisfério ocidental” e a “nossa América”. {Mignolo 2005} A consciência defensiva do espaço aferrada às classificações territoriais européias conduz Walter Mignolo a destacar em Simon Bolívar e Thomas Jefferson o desejo último de pertencer à Europa. Creio ser uma afirmação exagerada sobre a honestidade de suas utopias, impetradas em todos os seus vícios distópicos na balcanização hispânica, no imperialismo estadunidense e no positivismo tifóide remanescentes. Mas certamente foi a insensibilidade em buscar novos referenciais para além do estado-

41 Hegemônio – estado de homogeneísmo social causado e sustentado por imposições hegemônicas – redundância para expressar a acepção gramsciana, porém diversa do sentido grego, de “força através do consenso”. É precisamente uma forma intermédia: através da imposição, torna-se consensual, deixa de ser combatida e internamente a estes efeitos se transmuta em novos dissensos, cujas origens não são mais detectáveis pela mera oposição das posições de dominância e subordinação. Elas se confundem indelevelmente, e o efeito geral denuncia um controle e harmonia em contínua derrelição. Metaforicamente, seus efeitos s’assemelham [assemelham num trançado, formando uma malha] à constituição artificial de compostos coloidais, como a maionese ou a margarina: tanto nestes produtos comestíveis daninhos quanto nos tecidos sociais, a despeito das consistências esteticamente uniformes são geradas incompatibilidades moleculares e inapetências anômicas, carcinogênicas. Utilizarei este termo muitas vezes, para expressar as invisibilidades perceptivas provocadas pelos duplos do controle social.

nação que levou ao distanciamento em relação à cultura originária. Em Simón Bolívar, o espírito da auto-indefinição o leva a traduzir nossa condição como “el caso más extraordinário y complicado”; a analisar os autóctones como povos dotados...

...de un carácter tan apacible [servilismo] que sólo desea el reposo [ociosidad] y la soledad [hipocrésia y maldad] [...] Felizmente esta especie de hombres es la que menos reclama la preponderancia; aunque su número exceda a la suma de los otros habitantes; {Bolívar citado por Manrique 2007:354}

...e num “gran acto romántico” {Mariátegui 1924}, como disse José Mariátegui com seu inconfundível romantismo, de imaginar a *Pátria Grande* em meio ao inexorável *caudillismo* que séculos antes já havia fatiado o continente, como no exemplo de Nueva Toledo [Chile], cuja divisão...

...foi um recurso de ocasião e um meio desesperado de afastar Diego Almagro, o perigoso sócio de Pizarro, para as solidões longínquas do estreito de Magalhães. Multiplicavam-se casos semelhantes [...] desligando-se daquele conjunto amorfo, como se desliga um mundo de uma nebulosa [...] E o domínio castelhano, na América do Sul [...] antes de organizar-se ia decompondo-se lastimavelmente. {da Cunha 1921:16}

As independências ainda trouxeram, num golpe de misericórdia, o abolicionismo procústeo da *mita*, da escravidão, das lideranças locais e da gestão comunitária indígenas, combinando...

...decisiones radicales para la conformación del estado con medidas conservadoras en cuanto al *status* político de las clases subordinadas. {Manrique 2007:361 citando Soler 1980:70}.

O decurso das independências foi a água benta miasmática a lavar as almas provinciais sem as purificar da xenofilia, das associações internacionais desvantajosas, das guerras territoriais sem justificativa histórica e do fiasco em viabilizar nações capazes de reconfigurar a originariedade ao invés de mimetizar burlescamente os velhos mundos. Assomados como fugitivos moribundos da extinção, habitavam ainda os indígenas não apenas o limbo na terra, mas o purgatório na consciência em torvelinho do conquistador, sempre a lembrá-lo de seus pecados. Veio talvez daí a obsessão das oligarquias em transferir seus complexos de inferioridade aos estados que dominam com amadorismo despótico, inventando as alucinações teóricas do “povo enfermo” e do “país

culpado”, sem reparar que...

...una personalidad verdaderamente fuerte afirma todo lo que es y es, entre otras cosas, su nación. El que la niega, doblemente si con futesas téticas y argucias incompetentes [...] está expresando las pobreza de sí mismo. {Mercado 1990:54,163}

Esquizofrenia celebrada através da penitência coletiva até ser impregnada como estigma social generalizado, esta política dispéptica é...

...entendida como una guerra civil en la cual se enfrentaban los propios *criollos* con sus dos formas de conciencia [y] no corresponde a un período, ni a un momento de la historia, ni a un sector social. No. Es el producto más auténtico, genuino y exclusivo de la relación de dominación que se establece en América. {Damas 1999:166}

Numa dialética de compensação reversa, se sublinhe nestas limitações os musculados anseios duma missão hercúlea, capaz de superar a apropriação e a rejeição mirabolantes dos vícios e virtudes de nossos antepassados; as hábeis hipnoses do inimigo saxão, financiador das guerras fratricidas entre os países iberoriginários; “o orgulho do próprio excesso” brasileiro; a anglofilia deprimente de argentinos e chilenos; os limites do nacionalismo provinciano; e a notável “carencia de pensamiento creador y exceso de afán critico” que tornam...

...tan torpe hacer comenzar nuestro patriotismo con el grito de independencia del padre Hidalgo, o con la conspiración de Quito, o con las hazañas de Bolívar, pues si no lo arraigamos en Cuauhtemoc y en Atahualpa no tendrá sostén [pues] ni siquiera advertimos los peligros que amenazan a nuestra raza en conjunto. {Vasconcelos 1925:08,09,10,15}

As limitações *criollas* foram bem sublinhadas pelos críticos. É evidente que lhes falta, nos acessos rípidos e nas afetações barrocas, a autocompreensão da originariedade. Inegavelmente deslocado de seu espaço, nem autóctone, nem íbero, nem europeu e nem ianque, o *criollo* é um homem novo em um continente antigo, possuindo o exotismo psicótico cantado no *Fado tropical* :

Meu coração tem um sereno jeito, e minhas mãos o golpe duro e presto
De tal maneira que depois de feito, desencontrado eu mesmo me contesto.

{Buarque; Guerra 1973}

A dupla consciência não é uma hidrocefalia congênita das castas dominantes, um mal faraônico ao qual estão imunes os plebeus. Irradiando

de seu hipotálamo, ela se cristaliza piramidalmente na base das relações sociais e se converte em determinismo cultural da mentalidade das massas, exteriorizando nas diversidades capilares as deformações serpentinadas da Górgona. O tormento das instituições céberas, difusoras de condutas políticas e econômicas equívocas, se expande como maldição social, petrifica quem fita seu próprio reflexo nas turvazáguas da realidade:

- Vivo espremido na fissura de dois mundos, dentro duma ferida infecta: a meia-quadra dos limites da civilização ocidental e a quatro milhas da fronteira estadunidense-mexicana, o extremo boreal da América Latina. Em minha realidade fraturada, ainda assim real, co-habitam histórias, idiomas, cosmologias, tradições artísticas e sistemas políticos, como duplos drasticamente contrapostos.³⁴ {Mignolo 2010:128 citando

Guillermo Gomez-Peina 1988}

Não é preciso ir longe para experimentar os efeitos da excisão do ser, pois eles se manifestam em qualquer fronteira: a semi e a dupla-consciência originárias são apenas as condições agudas duma síndrome universal.

* * *

¿Hay vida aún allá en esa región en que de algún modo se existe?

¿Tienen aún conciencia nuestros corazones?

¿Es que allá los veré?

¿He de fijar los ojos en el rostro de mi madre y mi padre?

¿Han de venir a darme ellos aún su canto y su palabra?

¡Y los busco: nadie está allí: nos dejaron huérfanos en la tierra!

Canto nahua

* * *

7. Consciência originária



IMAGEM PARA COLORIR 1 - Kukulcán sobre a Árvore da Vida. Pictografia de coluna do Templo del Norte, Guatemala. Em: Román Piña Chan. Chichen Itzá: la ciudad de los brujos del agua. México: FCE, 1987.

Vemos no desenvolvimento de nosso caráter as agudas influências da eletrocução civilizatória entre europeus e originários, imprimindo em nossa psiquê crenças simples, hábitos recônditos, traumas abissais e as destemperanças do mando. A dimensão do afastamento gestado pela condição bastarda da alma latina pode ser descrita quando reconheci nas feições da mulher piauiense a indefectível semelhança com a beleza indígena, para então uma interlocutora local me informar, ao modo de Luis de Souza Dantas a Lévi-Strauss, que “no Piauí não existem indígenas”. Mais plausível, como já ponderou Nelson Rodrigues, seria não existir o Piauí, pois se a origem desses povos ‘conquistados’ e ‘desaparecidos’ não vive em nós, acintosamente engastada em esquecimentos viscerais e difusa nos traços corpóreos, *¿*onde mais estará?

Não temos ou fingimos não ter a mínima idéia, e esta sórdida verdade torna instigante o caso da nação californiana Karuk. Ela creditava todo o seu conhecimento a um povo que habitou o continente antes dos originários. Chamados de “ikxareyavs”, uma expressão intraduzível, ficaram entre os Karuk só o tempo suficiente para lhes dizer “eis como fariam os humanos”. {Eliade 1992:87} Talvez seja o caso de confiarmos nossa existência não apenas aos que conquistaram tudo um pouco antes de nós, mas inclusive aos que aqui estão desde muito antes de nós...

O aspecto que me interessa ao abordar nossa consciência resultante, portanto, não é a mera descrição da benéfica filosofia de vida dos ‘nativos’, dada a conhecer popularmente como o “bem viver”, mas a busca por algo que já somos sem o saber e que revelamos ao esconder. Embora transitemos por infindáveis variantes, os descobrimentos exsurgem nas prédicas encobertas e nos recobertos predicados de nossas práticas políticas. Assim como a inconsciência não é uma subtração de consciência, mas a consciência carente da compreensão de si e da totalização para si, a consciência será não a negação da inconsciência, mas o reconhecimento de que...

...pequeno es aquel que para mostrarse esconde. {Porchia 2012:31}

Assumir o nanismo próprio nada tem a ver com o “complexo de vira-lata”, pois neste caso se assume uma justificativa para o ódio de ser o que se é, no conhecido distúrbio psíquico da “gratificação”. Quando...

...en los encuentros de civilizaciones ocurre generalmente que la parte asaltada no consigue evitar siquiera que un solo elemento *pioneer* de la cultura agresivamente radiactiva se aloje en su cuerpo, su única posibilidad de sobrevivir está en llevar a cabo una revolución psicológica.

E se a inconsciência das origens será a queda livre nos desfiladeiros manifestos do meio-orgulho com duplos remorsos e da dupla presunção sem meias-palavras, a consciência originária se ocultará nos seus interstícios, conspirando através da latência imanifesta das estratégias “zelotes” e “herodianas” de resistência. Expressões da diferença comportamental das facções judias, numa época em que...

...ningún judío podía dejar de lado la cuestión de helenizarse o no helenizarse. La facción zelote estaba compuesta de gente cuyo impulso era tratar de rechazar al agresor y retirarse al reducto espiritual de su propia herencia judaica [...] La política de Herodes el Grande consistía en aprender del helenismo todo aquello que pudiera ser necesario para que los judíos lograran el fin práctico y juicioso [...] de llevar una vida más o menos confortable en el mundo helenizado que era su contorno social ineludible. {Toynbee 1984:77,77}

Veremos estas estratégias se intercalarem durante todo o exílio judaico pela Europa, e finalmente se amalgamarem no desenvolvimento dum talento comercial ímpar, condição de sobrevivência sem a qual a própria reação psíquica estaria fadada à extinção. No caso das incursões normandas sobre a Europa, o herodianismo levou à “fusão completa” com as civilizações conquistadas, ambas dissolvidas em nacionalidades híbridas que assumiram a língua e a cultura locais ao mesmo tempo em que se gestava a estratificação política e econômica. Não fossem as rupturas independentistas, tal seria o caso da miscigenação hispanoamericana na hipótese da fusão cósmica de José Vasconcelos. Mas tanto na antiga Israel, quanto no Japão, se constata a consecução de “um fim zelote por vias herodianas”, de tornar-se uno para permanecer distinto.

Entre as sociedades originárias, nem o herodianismo de tipo escandinavo e nem o zelotismo ao modo nipônico se consumaram. Em nossa habitual disparidade, antes logramos as hibridações das formas híbridas, com o caso mais característico de herodianismo talvez sendo o paraguaio - sobretudo no período entre o estabelecimento das missões jesuíticas e a “maldita guerra” - quando surgiu uma nacionalidade guaranítica consciente de sua história. No nosso e na maioria dos países latinoriginários, a assimilação étnica com imposição da cultura estrangeira foi ininterrupta, em contraste com o zelotismo arraigado e episódico dos aymaras, mapuches, guaykurus, siouxies, navajos, mayances e

de dezenas de micro-nações silvícolas isoladas. {Ribeiro 1994} Nesse processo, é oportuno mencionar como a derrota para os *castellanos* traumatiza a consciência andina, levando Enrique Peñaranda a intuir,

...basado en la psicología de Jung, que la personalidad aymara era predominantemente masculina y guerrera en tiempos precolombinos, pero que a causa del trauma de la Conquista se feminizó, haciéndose sumisa y doble. Estas transformaciones psicológicas corresponderían [...] a la mayor importancia que ha cobrado la divinidad femenina Pacha Mama en la mitología andina moderna, por posición a la preponderancia que tenían los dioses masculinos como Wiraqucha.

{Ruiz 1999:introdução}

Seja a hipótese correta ou não, Fernando Ruiz se esforçará na demonstração de como tais conflitos, além de reconfigurarem os mitos, também influíram sobre as estratégias políticas, em comportamentos passivo-agressivos dos povos andinos. Mesmo vestindo a maleável “máscara” atrás da qual dissimulavam sua servil-condição, jamais deixaram de conspirar e de se insurgir às “sombras” contra o domínio estrangeiro. Mas, diante do fracasso das sociedades originárias em resistir às vagas invasivas e estabelecer territórios viáveis de autonomia, o resultado da resiliência psiônica se cristalizou na desigualdade endêmica entre dominadores e dominados. Longe, porém, de significar uma derrota definitiva, essa configuração de desigualdades excruciantes apenas extorquiou das castas subordinadas, à vista, aquilo que agora as elites devem restituir a prazo, pois...

...el precio social que una civilización triunfalmente agresora debe pagar es la filtración de la cultura exótica de sus víctimas extranjeras en la corriente vital del proletariado interno de la sociedad agresora y una correspondiente ampliación del abismo moral ya abierto entre ese proletariado y una presunta minoría dominante. {Toynbee

1984:77,86; 89}

No deslocamento assimétrico que confronta as inconsciências siamesas, a consciência originária assumirá sua própria duplicidade: como ignição herodiana - devido ao irreversível nível de miscigenação nos direcionando à raça cósmica, e como resiliência zelote - pois as lembranças e esquecimentos da memória originária confluem turbulentamente à superfície como as referências mediatas na ânsia da

transformação do *status quo*. Tendo em mente essa gemelação reativa, se percebe a inconsciência filtrada ao fundo da consciência originária, e entre a permissividade herodiana e o sectarismo zelote também se gestam as...

...líneas de desterritorializaciones en las que pequeños grupos traicionan todo, a sus compañeros, al rey, a los indígenas, al explorador vecino, con la loca esperanza de fundar con una mujer de su familia una raza por fin pura que hará que todo recomience. Como en Aguirre, la shakesperiana película de Herzog. Aguirre plantea la siguiente pregunta: ¿cómo ser traidor en todas partes, en todo? Aquí, el único traidor soy yo [...] ¡Qué gran sueño! Seré el último traidor, el traidor total, así pues, el último hombre. {Deleuze; Guattari 2004:130}

As traições são pandêmicas “[aos] grandes descobrimentos da cristandade [e ao] descobrimento dos novos continentes”, e fertilizam a resolução vingativa de rusgas interétnicas e da obtenção de vantagens imediatas pelos povos originários através das alianças com os europeus. Seja com os texcocos contra os aztecas, os tupinambás contra os tamoios, os qaraqaras e os charkas contra os incas ou os karibes contra os murúis-muinanes, tais aliciamentos deflagraram suas quase extinções e a destruição de suas terras, tornando fulminante um nível de submissão doutro modo improvável. Aguirre são os íberos e nós também somos Aguirre.

A consciência originária intercessiona os padrões médios e duplos de controle com a introspecção e a extroversão da resistência, tornando imperativo transpor ao *habitus* originário a digestão da interioridade do outro capaz de superar a inconsciência dúplice e a inócua aceitação da exterioridade e consumir sua voracidade antropofágica. A sofisticada ontologia relacional da nação Yanomami é um bom caso introdutório. Seus integrantes são “waikasi” quando isolados do convívio com os brancos, mas uma vez verificado o contato, começa o longo processo de “se tornar branco” [näpe prou]. Nesse contexto, waikasi vai designar o yanomami afastado, e näpeprou o yanomami que não é e é capaz de compartilhar dos códigos [roupas, idioma], dos lugares [cidades, assembléias, hospitais] e da sabedoria branca [medicamentos, tecnologia, etc...]. “Näpe” é estrangeiro e inimigo, então na relação waikasi - näpe yai (inimigo verdadeiro) se desvela o ser|não-ser, a dupla consciência no sentido mais

óbvio e externalizado. Mas na visão yanomami, nãpe prou marca uma dinâmica complexa de interconceituações, na qual a dupla consciência é interiorizada na quádrupla interação com os “outros” de si [waikasi], com os “mesmos” de si [yanomami], com o “mesmo” nos outros [nãpe prou] e com os outros [nãpe yai]. Através da amplificação de suas assimetrias perceptivas, o yanomami é capaz de ver o outro em si e o si no outro no qual progressivamente se transforma, ao mesmo tempo em que preserva o que ele era e reafirma o que o outro é. Pois um yanomami nunca será nãpe yai, e um nãpe nunca será waikasi, e assim sempre lhe restará um acento inimigo. A dupla consciência é uma condição elementar dum movimento maior, perceptível na capacidade yanomami de levar a dialética às suas últimas conseqüências, fazendo das diferenças o fundamento de suas próprias analogias. {Kelly 2011:76-79,81,83-85}

O desenvolvimento social é uniforme quando as intervenções ambientais são calculadas para satisfazer as máximas necessidades sem recorrer aos mínimos múltiplos da possibilidade. E a projeção consciente das interações com o “outro” se relaciona com as instituições originárias que viabilizam a sobrevivência e a diversificação social. A integração dos grupos se dá através de vínculos matrilineares [cunhadismo], obrigações de troca [dádiva, mita, alianças] e lideranças orgânicas e destituíveis – e se sustenta no perpétuo embate da máquina de guerra [inimigos, antropofagia] contra os meios de centralização e cristalização do controle. {Ribeiro 1995; Clastres 2006; Deleuze & Guattari 2004} As rangentas distinções entre o governo originário e a forma-iação governamental foram analisadas por Pierre Clastres, em *Sociedade contra o estado*, e resgatadas por Deleuze e Guattari, em *Mil Platôs*:

al nivel de las líneas de fuga, el agenciamiento que las traza es del tipo máquina de guerra [...y] tiene otro origen [...] que el aparato de Estado. [Es] nómada [y] está dirigida contra él [...] Las mutaciones remiten a esa máquina, que no tiene verdaderamente la guerra por objeto, sino la emisión de cuantos de desterritorialización, el paso de flujos mutantes (en ese sentido, toda creación pasa por una máquina de guerra) [...] Uno de los problemas fundamentales del Estado será apropiarse de esta máquina de guerra que le es extraña, convertirla en una pieza de su aparato, bajo la forma de una institución militar estable; el Estado siempre encontrará grandes dificultades a este respecto [...] Pero precisamente cuando la máquina de guerra ya

sólo tiene por objeto la guerra es cuando sustituye la mutación por la destrucción, cuando libera la carga más catastrófica. La mutación no era en modo alguno una transformación de la guerra, al contrario, la guerra es la que viene a ser como el fracaso o las consecuencias de la mutación [...] una pura y fría línea de abolición [...] el único objeto que le queda a la máquina de guerra cuando ha perdido su capacidad de mutar. {Deleuze; Guattari 2004:233}

As funções do controle social são permeadas pelos entendimentos da função governamental,⁴² cuja razão não condiz com o domínio sobre as crenças e criações, os recursos, os excedentes e as sínteses. O leme entregue às mãos do grande timoneiro está exposto não apenas às circunavegações do mando como às antíteses da consciência política originária. A primeira delas manifesta a negação da liderança através de mecanismos de “compensação”, “mediação” e “atenuação” das disparidades sócio-políticas.

Nos povos andinos, a compensação é vista no equilíbrio entre a condição de força e respeito do primogênito e os privilégios de herança do caçula; entre as funções dirigentes masculinas e o mando doméstico feminino; entre a distinção hierárquica dos *kurakas* e os demais comuneiros, mitigada com a “generosidade institucional” que o obriga a “sustentar os pobres”, pagar um valor adicional em quaisquer transações [yapa] ou financiar festividades [prestes]. E ainda num “sistema de cargos” em que todos os indivíduos, e sobretudo os homens, são obrigados a exercer funções representativas [secretários] e a patrocinar festas [anfitriões], adquirindo progressivamente responsabilidades maiores que culminam no cargo de corregedor. Tornam-se então “pessoas completas” ou anciãos [pasado runa] e podem decidir os assuntos importantes da comunidade. A mediação acelera tais engrenagens ao...

...interponer entre dos términos polares un tercer elemento que contenga simultáneamente a ambos en una unidad contradictoria [...] de ahí es que todas las dualidades [...] son en realidad tríadas. {Ruiz 1999:107}

São exemplos de mediação as zonas comunitárias de interações econômicas, sociais e rituais dos *ayllus* situados em níveis distintos da montanha [aymara, qurpas e pampas; kechwa, chawapirana]; o padrão da

42 Governo [latim **gubernaculum**, aparelho afixado à popa da nau, para a dirigir; “leme”]. Mesmo a figuração imperial do líder comunista como o marinheiro Mao não pôde escapar às origens vulgares do termo, bem mais afeitas aos princípios taoístas que às astúcias confucianas.

triplicidade dos monumentos [pirâmides vorticionadas ao céu, prédios com colunas engastadas no solo e templos subterrâneos]; a devoção recíproca tanto às divindades “de Arriba” quanto às “de Abajo”; e, na língua aymara, um sistema de valorações coligindo o afirmativo [jisa, “sim”], o negativo [jani, “não”] e o ambivalente [ina, “talvez sim”, “talvez não”] e, em contraste com os duplos postulados lingüísticos indoeuropeus [gênero e número], sua triangulação em fonte de informação [conhecimento direto ou indireto do fato], distinção entre humanos, animais ou coisas e um sistema verbal com quatro pessoas gramaticais e nove combinações possíveis entre o emissor [a] e o destinatário [b], no qual...

....la forma reflexiva no existe: no se permite relación de la primeira persona [naya, a incluído e b excluído], ni de la segunda [juma, a excluído e b incluído], ni de la quarta [jiwasa, a e b incluídos] consigo mismas. La excepción es la tercera [jupa, a e b excluídos]. {Ruiz 1999:136-147; Bastien 1996:98-99, Estermann 2006:123-149}

Na gestão política atenuada, mediada e compensada, o líder é concebido como representante que “age sem agir”, “fala mas não manda” e “manda obedecendo”. Expressões teorizadas correlatamente no taoísmo, nas práticas dos povos guarani e na sociedade boliviana, indicando como o sentido da liderança não é historicamente contínua e uniforme a todos os povos. Já nas cartas de Pero Vaz de Caminha e dos escrivães subsequentes, se imiscuem nos relatos os conceitos político-nacionais do ideal de dominação colonialista,

...em termos de violentas afirmações eurocêtricas [...] cujo resultado é previsível.

Procedendo à retificação crítica de tais relatos,

...Pierre Clastres reabre a possibilidade duma antropologia política, aventando a hipótese de haver existido organizações sociais que se estruturaram sem a violência inerente ao ‘poder coercitivo’, isto é, sociedades humanas que não conheceram processos de hierarquização impostos pelo alto [...] Na antropologia tradicional, em virtude da cegueira etnocêntrica, era impossível vislumbrar uma sociedade onde a organização social não dependia do uso da força e da violência como causa de aglutinação. {Santiago 1994:xvii,69,121,122}

Lógico, portanto, que ao denominar de “manso” o pacifismo originário, e de “obediência” a ausência de hostilidade contra os europeus antes de demonstrarem seus intentos barbáricos, foi total a incompreensão

libera dos povos autóctones. Não se percebeu que a figura da liderança nas tribos era reservada aos períodos de guerra destinados a reforçar a autonomia tribal e as alteridades individuais ou à figura dos sábios; no resto do tempo, eram os índios homens livres no sentido mais amplo do termo.

O “líder” não surgia da admiração das virtudes individuais quando elas se faziam necessárias. Eis a “liderança natural”, “carismática” e periódica mencionada por Laozi e Weber, e comum tanto aos primórdios dos povos que se desenvolveram em núcleos urbanos (citadelas, cidades-estado) quanto àqueles que permaneceram tribalizados. Em Laozi, sendo denominada de “Sábio” [Chong Jen], se trata da única autoridade independente de justificações, e sua conduta é relatada em inúmeros aforismas:

Assim também é o Sábio: permanece na ação sem agir, ensina sem nada dizer. A todos os seres que o procuram ele não se nega. Ele cria, e ainda assim nada tem. Age e não guarda coisa alguma. Realizada a obra, não se apega a ela. E, justamente por não se apegar, não é abandonado. [...]

Por menosprezar o seu eu, este aparece em primeiro plano. Ele renuncia ao seu eu e a sua essência é preservada. [...]

Por isso o Sábio se veste com trajes grosseiros, mas no seio ele esconde uma jóia. [...]

Reconhece a si mesmo, mas não quer se exhibir. Ama a si mesmo, mas não busca a fama para si.

[...] O Sábio não é erudito, o erudito não é sábio.
{Laozi 1994:II,VII,LXX,LXXII,LXXXI}

Eis, portanto,

...o homem repleto das energias transcendentais da vida secreta [...] cujo sentido está aberto para o evento cósmico e sua leis [deixando] que as forças criadoras atuem no interior e a partir do próprio eu, sem que se queira acrescentar um favor a partir do exterior. {Wilhem em Laozi 1994:123-124}

Se trata do “fazer sem agir” [wu wei], a concepção dialético-cósmica do *I Ching*, elogiada por Confúcio em seus *Analectos*:

O mestre disse:

- O governo pela virtude pode ser comparado à estrela Polar, que comanda a homenagem da multidão de estrelas sem sair do lugar. {Confúcio 2007:II,1}

O modo como o entendimento do líder se manifesta sistemicamente

resgata a idéia de “continuidade do lugar”, útil para entender como distintas valorações do espaço conduzem à “espontaneidade das massas”, determinam os limites da liderança e inventam formas autóctones de gestão igualitária e de federativismo, como vimos em **Nações indígenas**. Estas considerações, conjugadas, reforçam a imprescindibilidade ética duma consciência política originária capaz de interiorizar as formações sócio-econômicas complexas que a interiorizaram. Será astúcia deletéria ou ingenuidade paralisante confundir as elites historicamente ineptas e a ausência de experiências sociais radicais e duradouras – com exceção das revoluções do México, da Bolívia e de Cuba, para não falar dos milhares de protestos, revoltas, inconfidências, rebeliões, insurreições, insurgências e ressurreições simbolicamente relevantes - com uma inutilidade congênita do estado. Ainda mais inexplicável quando escorada por diatribes demagógicas e autoridades intelectuais incapazes de sair do círculo vicioso e generalizante que conecta o anarquismo selvático ao individualismo liberal. Ambos distantes do nacionalismo defensivo essencial à nossas frágeis repúblicas, e do estado de bem-viver e bem-estar-social que pregam, nos extremos entre tradição e modernidade, o uso e a distribuição eficientes dos recursos disponíveis.

Ultrapassando estes dilemas com o irresistível galope de seu boi preto, Laozi afirmará a semelhança entre a arte de governar e a de “fritar pequenos peixes”, pois não se pode remexê-los e nem virá-los subitamente ou se dissolvem na banha do frigar. O governo deve prezar pela suavidade, não-interferência e feminilidade telúricas, e...

...um grande reino [...] é o lugar onde se juntam todas as correntes do Universo. Ele é o Feminino do mundo. O Feminino, pela sua passividade, sempre vence o Masculino. Com sua tranquilidade, ele se mantém embaixo. Assim, se um grande reino se submete a um pequeno, conquista com isso o reino pequeno. Se o reino pequeno se submete ao grande, com isso será conquistado pelo grande. Um conquista porque se submete e o outro é conquistado porque se submete. O grande reino não quer outra coisa, senão unir os homens e alimentá-los. O pequeno reino não quer outra coisa, senão participar do serviço dos homens. {Laozi 1995:LX,

LXI, 154}

Não são o embate e a anexação agressiva que permeiam a harmonia entre os homens. Ela só é alcançada através duma mútua relação de abstenção, cuja discrição leva à adesão política e à proteção de todos

os envolvidos, ou seja, à hegemonia. A raiz grega [ἡγεμονία] não se liga ao domínio, mas à unidade política através do consenso. Laozi lhe empresta uma dimensão contra-gramsciana, ao frisar que a submissão, nesse movimento equilibrante, é sempre do maior reino, seguindo-se a do menor.

São esses eflúvios vilipendiados em nossas memórias, mas tão reais quanto regatos murmurantes na silenciosa proteção dos rochedos, as moléculas de nosso “estar sendo”, gerúndio originário capaz de declinar em todos os idiomas os prefixos e sufixos do “bem viver” que foram parcialmente resgatados nas outorgas legislativas andinas da última década. A consciência originária, delineada em seus conflitos psíquicos e na distinção de suas contribuições, é a permissividade succulenta do fruto proibido, aberto e devorado por incontáveis bocas. Suas sementes se perderam em enxertos ágrios, preservando em discretos matizes seus aromas suaves e salivantes sabores. Com sua aparência desfeita na transgenia colonizatória, se identifica no exotismo híbrido da polpa, não mais nas cáscaras frívolas, cicatrizadas por novos acúleos, resinas, espinhos e gavinhas, encerrando sua natureza mais ao fundo dos rudes invólucros. A consciência originária é tudo o que temos. E tudo o que nos falta descobrir.

* * *

Lentamente se va abriendo el camino a la futura síntesis. Primero hay que ostentar hechos y poner ante los ojos realidades. Vendrá la hora en que el negador calle, el que ríe, piense, y el deturpador de todos los antiguos moldes aunque tenga de indio la sangre, se humille ante la realidad que se le entra por los ojos hasta el fondo de la conciencia.

Ángel Garibay

* * *

APÊNDICE - Texto original das citações

1 “What is largely beyond question [...] the universe is such a wonderfully rich and complex place that the discovery of the final theory, in the sense we are describing here, would not spell the end of science. Quite the contrary: The discovery of the T.O.E.—the ultimate explanation of the universe at its most microscopic level, a theory that does not rely on any deeper explanation—would provide the firmest foundation on which to build our understanding of the world.

Its discovery would mark a beginning, not an end.”

2 “In speaking to Azande about witchcraft and in observing their reactions to situations of misfortune it was obvious that they i did not attempt to account for the existence of phenomena, or even the action of phenomena, by mystical causation alone. What they explained by witchcraft were the particular conditions in a chain of causation which related an individual to natural happenings in such a way that he sustained injury. The boy who knocked his foot against a stump of wood [...] attributed to witchcraft that on this particular occasion he struck his foot against a stump of wood, whereas on a hundred other occasions he did not do so.”

3 “In cybernetics cause and effect no longer apply; it is impossible to tell which comes first, and indeed the question has no relevance. The Greek philosophers abhorred a circular argument as firmly as they believed that nature abhorred a vacuum. Their rejection of circular arguments, the key to understand cybernetics, was as erroneous as their assumption that the universe was filled with the air we breathe”.

4 “He who thus considers things in their first growth and origin, whether a state or anything else, will obtain the clearest view of them.”

5 “It is perhaps surprising that the essential concern of special relativity is to understand precisely how the world appears to individuals, often called “observers”, who are moving relative to one another. At first, this might seem to be an intellectual exercise of minimal importance. Quite the contrary: there are profound implications to grasping fully how even the most mundane situations appear to individuals in relative motion [...] We must specify precisely who or what is doing the measuring [...] Einstein formalized this idea, one that actually goes back to insights of Galileo, by proclaiming that it is impossible for you to perform an experiment within the closed compartment that will determine whether or not the train is moving. There simply is no notion of ‘absolute’ constant-velocity motion; only comparisons have any physical meaning.”

6 “In comparison to a stationary clock, the rate of ticking of the sliding clock becomes slower and slower as it moves faster and faster ... the constancy of the speed of light implies that a moving light clock ticks more slowly than a stationary light clock”.

7 “Something traveling at light speed through space will have no speed left

for mation through time. Thus light does not get old; a photon that emerged from the big bang is the same age today as it was then”.

8 “Information is an inherent and essential part of control systems in another sense, that of memory. They must have the capacity to store, recall, and compare information at any time, so that they may correct errors and never lose sight of their goal. Finally, whether we are considering a simple electric oven, a chain of retail shops monitored by a computer, a sleeping cat, and ecosystem, or Gaia herself, so long as we are considering something which is adaptive, capable of harvesting information and of storing experience and knowledge, then its study is a matter of cybernetics and what is studied can be called a ‘system’.”

9 “Where two, or more men, know of one and the same fact, they are said to be Conscious of it one to another, which is as much as to know it together” {Hobbes 1999:51}; “Consciousness is the perception of what passes in a man’s own mind” {Locke 1999:98}; “Conscientia vel interno testimonio.” {Descartes 1908:524}

10 “Between the word beginning and the word origin lies constantly changing system of meanings, most of the course making first one then the other word convey greater priority, importance, explanatory power. As consistently as possible I use beginning as having the more active meaning, and origin the more passive one: thus ‘x is the origin of Y’, while ‘the beginning A leads to B’ [...] Ideas about origins, because of their passivity, are put to uses I believe ought to be avoided”.

11 “If were not the case that these scientists, including the geniuses, if they didn’t have built open to their minds, somehow obviously unconsciously, a specification on what is a possible scientific theory, than this inductive leap would certainly be quite impossible. Just if every child didn’t have built into his mind the concept of human language, in a very narrowing way, then the inductive leap to data from knowledge of the language would be impossible [...] And the fact of the science converges and progresses that fact itself shows us that initial limitations and restrictions exist [...] If were not for these limitations, we will not have the creative act of going from a little bit of knowledge and experience to a rich and highly articulated and complicated array of knowledge.”

12 “I have concentrated on beginnings both as something one does and as something one thinks about [...] they are always necessarily connected when language is being used. Thus there is a particular vocabulary employed - terms like beginning and starting out, origins and originality, initiation, inauguration, revolution, authority, point of departure, radicalismo, and so on - when a beginning is being either described or pointed out ... A verbal beginning is consequently both a creative and a critical activity [...] Beginning is not only a kind of action; it is also a frame of mind, a kind of work, an attitude, a consciousness. It is pragmatic... and it is theoretic [...] Those changes that occur from one cultural period to the next can be studied as shifts in the notion of what a beginning is or ought to be [...] “Variations of the concept ‘beginning’ designate a moment in

time, a place, a principle, or an action... the designation of a beginning... involves also the designation of a consequent intention.”

13 “Valéry converts ‘influence’ from a crude idea [...] into a universal principle of what he calls ‘derived achievement’, then connects this concept with a complex process of repetition that ... it by multiplying instances: repetition, refinement, amplification, loading, overloading, reburial, overturning, destruction, denial, invisible use - such concepts completely modify a linear (vulgar) idea of ‘influence’ into an open field of possibility. Valéry is careful to admit that chance and ignorance play important roles... what we cannot see or find, as well as what we cannot predict, he says, produce excessive irregularity and complexity.”

14 “The problem we face today when we study [literature] is a problem of irregularity, of discontinuity [...] Thus when one begins to write today one is necessarily more of an autodidact, gathering or making up the knowledge one needs in the course of creating. The influence of the past appears less useful and, as Bate and Bloom have argued, more likely to produce anxiety”.

15 “One of the chief characteristics that Joyce, Yeats, Conrad, Freud, Mann, Nietzsche, and all the others share in common has been a necessity at the beginning for them to see their work as making reference, first, to other works, but also to reality and to the reader, by adjacency, not sequentially or dynastically [...] the production of meaning within a work has had to proceed in entirely different ways from before [...] combining surface energy and discontinuity with and improbable interest in precedence, in the past.”

16 “We consider literature as an order of repetition, not of originality - but an eccentric order of repetition, not one of sameness - where the term repetition is used in order to avoid such dualities as ‘the original versus the derivative’, or ‘the idea and its realization’... and where eccentric is used in order to emphasize difference.”

17 “How beginnings relate to continuities and how, paradoxically, an interest in beginnings is often the corollary result of not believing that any beginning can be located”

18 “God himself does not begin completely from nothing. Noah and the ark comprise a piece of the old world initiating the new world”

19 “Thus one beginning is permissible, another one like it, at a different time or place, is not permissible... there must be the desire, the will and the true freedom to reverse, to accept the risks of rupture and discontinuity”.

20 “Beginning is a creature [activity] with its own special life, neither fully explained by analyses of its historical-political circumstances nor confinable to a given date in time called ‘the beginning’ [...] Beginning is more a structure than a history, but this structure cannot be immediately seen, named or grasped.”

21 “For Wilamowitz a text was a system of boundaries and inner constraints held intact by successive generations (a heritage passed on time); while for Nietzsche it was an invitation to unforeseen estrangements from the habitual [...] the weight of most canonical modernist writing testifies to Nietzsche’s victory”

22 "...using its energy to contrive some further action which would otherwise have been impossible or forbidden by the laws of physics."

23 "By intention I mean an appetite at the beginning intellectually to do something in a characteristic way - either consciously or unconsciously, but at any rate in a language that always shows signs of the beginning intention in some form... always engaged purposefully in the production of meaning... is really nothing more than the created inclusiveness within which the work develops[...]

Intention is the link between idiosyncratic view and the communal concern"

24 "...to "lower" entire populations to the level of animals was and still is the main intellectual operation performed by Westerners before acts of extreme oppression." [...] "Un paso decisivo hacia abajo es el que da el «ser superior» cuando llama a la criatura «infrahumana» no ya «pagano» o «bárbaro», sino «nativo». Al estigmatizar a miembros de una sociedad extranjera como «nativos» en sus propias patrias, el «ser superior» les niega su humanidad al afirmar su nulidad política y económica. Al llamarlos «nativos», implícitamente los está asimilando a la fauna y flora no humanas de un nuevo mundo virgen, que estaba aguardando a que sus descubridores tomaran posesión de él. En tal supuesto, la fauna y flora pueden tratarse como [...] recursos naturales que hay que conservar y explotar"

25 "Beginning and beginning-again are historical whereas origins are divine [...] beginning not only creates but is its own method because it has intention."

26 "Ce n'est pas résoudre la difficulté, c'est seulement la baptiser."

27 "In the Natchez and Maskoski nations, slavery became an established institution, and the connection between property and lack of democracy was direct. Both in Mexico and on the north Pacific coast, slavery was associated with and originated from cannibalism [...] On the Atlantic coast, the division between slave-holding tribes in the south, and the more democratic tribes of north, corresponds roughly to the later division between 'slave states' and 'free states' of the whites".

28 "[...] left him little actual authority, and demand his resignation whenever he proved unsatisfactory [...] This furnished a prototype for the "town meeting" which was and still is the chief form of local government among the white settlers in the same part of America, and which had a prominent place in the development of american democracy".

29 "Federation—a group of nations retaining their national independence, but submitting themselves for certain specific purposes to a central organization representing all of them was never before tried. It was definitely a plan first put into operation by the Iroquois, and which has become a standard form of governmental organization in North America; though (with the exception of Australia, whose federative features were definitely copied from America) it was never either completely adopted or understood outside America."

30 "Life as thus an almost utterly improbable event with almost infinite opportunities of happening. So it did [...] We are not primarily concerned with

the origin of life but with the relationship between the evolving biosphere and the early planetary environment of the Earth.”

31 “As far as we can measure, the earth has been close to its present state of chemical neutrality. Mars and Venus, on the other hand, appear very acid in their composition, far too acid for life as it has evolved in our planet. At the present time the biosphere produces up to 1.000 megatons of ammonia each year world-wide. This quantity is close to the amount required to neutralize the strong sulphuric and nitric acids produced by the natural oxidation of sulphur and nitrogen compounds: a coincidence perhaps, but possibly another link in the chain of circumstantial evidence for Gaia’s existence [...] where these profound disequilibria are global in extent, like the presence of oxygen and methane in the air or wood on the ground, then we have caught a glimpse of something global in size which is able to sustain and keep constant a highly improbable distribution of molecules.”

32 “The result could be an eventual lessening of altruistic behavior through the maladaptation and loss of group-selected genes (Haldane , 1932 ; Eshel, 1972) linked genetically to more obsolete , destructive ones. Cooperativeness toward groupmates might be coupled with aggressivity toward strangers, creativeness with a desire to own and dominate, athletic zeal with a tendency to violent response, and so on. In extreme cases such pairings could stem from pleiotropism, the control of more than one phenotypic character by the same set of genes.” G.m.

33 “[...]los circunloquios de los doctores eran pagados y subvencionados por los mitayos de Potosí.”

34 “I live smack in the fissure between two worlds, in the infected wound: half a block from the end of western civilization and four miles from the start of mexican-american border, the northernmost point of Latin America. In my fractured reality, but a reality nonetheless, there cohabit two histories, languages, cosmologies, artistic traditions and political systems which are drastically counterposed.”



IMAGEM PARA COLORIR 2 - Árvore da vida sob Kukulcán. Pictografia de coluna do Templo del Norte, Guatemala. Em: Román Piña Chan. Chichen Itzá: la ciudad de los brujos del agua. México: FCE, 1987.

REFERÊNCIAS

Bibliografia

AGAMBEN Giorgio.

1999. *Idéia da prosa*. Lisboa: Edições Cotovia.

ALARCÓN Daniela Fernandes.

2013. *O retorno da terra: as retomadas na aldeia Tupinambá da Serra do Padeiro, sul da Bahia*. Brasília: UNB-CEPPAC. [dissertação]

ALBERT Bruce; RAMOS Alcida Rita.

2002. *Pacificando o branco: cosmologias do contato do norte-amazônico*. São Paulo: UNESP.

ARISTÓTELES.

2005. *A retórica*. Em: *Obras completas*. Volume VIII, tomo I. Manuel Alexandre Júnior, Paulo Farmhouse Alberto e Abel do Nascimento Pena [Tradutores e anotadores]. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda.

ARISTOTLE.

350 a.s.E. . *Politics*. Benjamin Jowett [tradutor].

Em: <http://classics.mit.edu/Aristotle/politics.html> .

Acesso: setembro 2011.

ÁVILA Myriam.

2012. *Douglas Diegues*. Rio de Janeiro: UERJ.

BASTIEN Joseph W.

1996. *La montaña del cóndor*. La Paz: HISBOL.

BATAILLE Georges.

1987. *O erotismo*. Porto Alegre: L&PM.

1993. *Teoria da religião*. São Paulo: Ática.

BHABHA Homi K.

1998. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG.

BLOCH Marc.

2002. *Apologia da história ou o ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Zahar.

BOUYASSE-CASSAGNE Thérèse; HARRIS Olivia; PLATT Tristan.

2011. *Qaraqara-Charka. Mallku, Inka y Rey en la provincia de Charcas*

(siglos XV-XVII): historia antropológica de una confederación aymara. La Paz: Plural.

CAMINO Mercedes de la Garza; CORONADO Martha Ilia Nájera. 2012. Religión maya. Madrid: Trotta.

CANDIDO Antonio.
2006. Literatura e sociedade. 9ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul.

CHAUÍ Marilena.
1995. Espinosa, uma filosofia da liberdade. São Paulo: Moderna.
1999. A nervura do real. São Paulo: Companhia das letras.

CLASTRES Pierre.
1990. A fala sagrada: mitos e cantos sagrados dos índios guarani. Campinas: Papirus.
2006. La société contre l'État. SVI: Marée Noire.

CONFÚCIO.
2007. Analectos. Porto Alegre: L&PM.

CORTÁZAR Julio.
S/d. Instrucciones para subir una escalera.
Em: <http://www.ciudadseva.com/textos/cuentos/esp/cortazar/jc.htm>
Acesso: dez. 2000.

CUEVA Agustín.
1987. La teoría marxista: categorías de base y problemas actuales. Ecuador: Planeta.

da CUNHA Euclides.
1921. Peru versus Bolívia. São Paulo: Cultrix. Em: www.universia.org
da CUNHA Manoela Carneiro.
2013. Cultura com aspas e outros ensaios. São Paulo: Cosac Naify.

DAMÁSIO António.
2000. O mistério da consciência: do corpo e das emoções ao conhecimento de si. São Paulo; Companhia das letras.

de ANDRADE Oswald.
1978. Do pau-Brasil à antropofagia e às utopias. Em: Obras completas, vol. 6. 2ªed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

de CASTRO Eduardo Viveiros.
2013. A inconstância da alma selvagem. São Paulo: Cosac Naify.

de SPINOZA Benedictus.

2002. Complete works. Samuel Shirley [tradutor]. Indianapolis: Hackett.

DELEUZE Gilles; GUATTARI Félix.

2004. Mil mesetas: capitalismo y esquizofrenia. Valencia: Pre-textos.

DELORIA JR Vine.

2003. God is red: a native view of religion. Colorado: Fulcrum Publishing.

DERRIDA Jacques.

1973. Gramatologia. São Paulo: Perspectiva.

DESCARTES René.

1908. Recherche de la verité. Em: Oeuvres de Descartes. X. Charles Adam e Paul Tannery [editores]. Paris: Léopold Cerf.

DOURADO Autran.

1973. Ópera dos mortos. São Paulo: Círculo do livro.

DUSSEL Enrique Domingo.

2001. Hacia una filosofía política crítica. Bilbao: Descleé de Brouwer.

2007. Materiales para una política de la liberación. Madrid: Plaza y Valdez.

ELIADE Mircea.

1992. O sagrado e o profano. São Paulo: Martins Fontes.

ESTERMANN Josef.

2006. Filosofía andina: sabiduría indígena para un mundo nuevo. 2ª ed. La Paz: ISEAT

FREIRE Paulo.

1967. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

FREUD Sigmund Schlomo.

2002. Psychologie collective et analyse du moi. Chicoutimi: Université du Québec.

FRÖMM Erich.

1967. Psicanálise da sociedade contemporânea. São Paulo: Zahar.

GREENE Brian.

2003. The elegant universe. New York: W.W.Norton.

GURVITCH Georges.

1987. Dialética e sociologia. São Paulo: Revista dos Tribunais.

HARNER Michael.

1995. O caminho do xamã: um guia para manter a saúde e desenvolver o

poder de curar. São Paulo: Cultrix.

HARVEY David.

2008. Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança social. 17ª ed. São Paulo: Loyola.

HOBBS Thomas.

1999. Leviathan. University of Oregon: The renascence editions.

HOBBSAWN Eric.

1996. The age of revolution: 1789-1848. New York: Vintage Books.

IBARGÜEN Maya Aguiluz; MÉNDEZ Norma de los Ríos. [coordenadoras]

2006. René Zavaleta: ensayos, testimonios y revisiones. Buenos Aires: Miño y Dávila; FLACSO; UNAM; CESU-UMSS; CIDES-UMSA.

JANKÉLEVITCH V.

1959. Henri Bergson. Paris, P.U.F.

JARRY Alfred.

1902. Le surmâle.

Em: <http://www.alfredjarry.fr/amisjarry/documents/Textes%20en%20ligne/surmale.htm>

KELLY José.

2011. State healthcare and Yanomami transformations: a symmetrical ethnography. Tucson: The University of Arizona Press.

2014. The captive dominator and the becomer: an essay on *criollo* and indigenous mixture, change and social forms. Or about *mestizaje* and anti-*mestizaje*. [Manuscrito]

KITTO Humpfrey Davey Findley.

1960. Os gregos. Coimbra: Arménio Amado.

KRENAK Aílton.

1992. Antes, o mundo não existia. Em: NOVAES, Adauto [organizador]. Tempo e história. São Paulo: Companhia das letras.

KUSCH Rodolfo.

2007. Obras completas. Rosário: Fundación Ross.

LAOZI.

1995. Tao te king: o livro do sentido e da vida. Richard Wilhelm [tradutor do mandarim]. Margit Martincic [tradutora do alemão]. São Paulo: Pensamento.

2007. Dao De Jing. Mário Bruno Sproviero [tradutor do mandarim]. São

Paulo: Hedra.

LE GOFF Jacques.

1990. História e memória. Campinas: UNICAMP.

LEMINSKI Paulo.

1984. Jesus a.C. São Paulo: Brasiliense.

2001. Anseios crípticos. Curitiba: Criar.

LOCKE John.

1999. An essay concerning human understanding. Hazleton: Pennsylvania State University.

LOVELOCK James.

2000. Gaia: a new look at life on earth. London: Oxford University Press.

LUKÁCS Georg.

2003. História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes.

MANIN Bernard.

1997. The principles of representative government. New York: Cambridge University Press.

MANRIQUE Nelson.

2007. Las sociedades originarias en el ámbito de la formulación inicial de los proyectos nacionales como culminación de los procesos de continuidad y ruptura. Em: Historia general de América Latina: la crisis estructural de las sociedades implantadas. Vol. V, pg. 351-364. Germán Carrera Damas [coordenador]. Madrid: UNESCO; Trotta.

MARIÁTEGUI José Carlos.

1924. La unidad de la América Indo-Española. Em: Temas de nuestra América.

1925a. Oriente y Occidente. Em: La escena contemporánea.

1925b. Pesimismo de la realidad y optimismo del ideal. Em: Alma matinal.

1925-1929. Waldo Frank. Em: Alma matinal.

2010. Sete ensaios de interpretação da realidade peruana. São Paulo: Expressão Popular; CLACSO.

Textos sem referência completa disponíveis em: <https://www.marxists.org/espanol/mariategui/index.htm>

MAROF Tristan.

1926. La justicia del Inca. Bruselas: Librería Falk Fils.

MARX Karl Heinrich.

2010. Cuaderno Spinoza. Nicolás González Varela [tradutor e

comentador]. España: Montesinos.

MAZUREK Hubert.

2012. Espacio y territorio: instrumentos metodológicos de investigación social. La Paz: PIEB.

MENCHÚ Rigoberta.

1991. Y así me nació la conciencia. Mexico D.F.: Siglo veintiuno.

MERCADO René Zavaleta.

1983. Las masas en noviembre. México: Siglo XXI.

1987. El poder dual: problemas de la teoría del estado en América Latina. Cochabamba-La Paz: Los amigos del libro.

1988. Clases sociales y conocimiento. Cochabamba-La Paz: Los amigos del libro.

1990. Bolivia: el desarrollo de la conciencia nacional. Cochabamba-La Paz: Los amigos del libro.

1990. El estado en América Latina. Cochabamba-La Paz: Los amigos del libro.

2008. Lo nacional-popular en Bolivia. La Paz: Plural.

MORIN Edgar.

S/a. El método I: la naturaleza de la naturaleza. Em: www.edgarmorin.org

PAPUS.

2001. Tarô dos boêmios. São Paulo: Ícone.

PAZELLO Ricardo Prestes.

2010. A produção da vida e o poder dual do pluralismo insurgente: ensaio para uma teoria de libertação dos movimentos populares no choro-canção latino-americano. [Dissertação] Meiembipe: PPGD-UFSC.

PIRSIG Robert.

1974. Zen and the art of motorcycle maintenance: an inquiry into values. New York: William Morrow & Company.

1991. Lila: an inquiry into morals. New York: Bantam Books.

POINCARÉ Henri.

1902. La science et l'hypothèse. Em: <http://www.ebooksgratuits.com/>

PORCHIA Antonio.

2012. Antonio Porchia. Raul António Cota [comentador]. México D.F.: UNAM.

PORTILLA Miguel León-.

1959. La filosofía nahuatl estudiada en sus fuentes. México: Universidad

Autónoma Nayari.

S/a1. Literatura del Mexico Antiguo. México: Siglo XXI.

PRITCHARD Edward Evan Evans-.

1976. Witchcraft, oracles, and magic among the Azande. London: Oxford University Press.

QUIJANO Aníbal.

2014. Cuestiones y horizontes: de la dependencia histórico-estructural a la colonialidad/descolonialidad del poder. Danilo Assis Clímaco [seleccionador e comentador]. Buenos Aires: CLACSO.

RANGEL Fernando Urbina.

2010. Las palabras del origen: breve compendio de la mitología de los uitotos. Em: Biblioteca básica de los pueblos indígenas de Colombia. Tomo 4. Bogotá: Ministerio de Cultura.

RANGEL Jesús Antonio de la Torre.

2007. El uso alternativo del derecho por Bartolomé de las Casas. San Luis Potosí: UASLP/CENEJUS.

RIBEIRO Darcy.

1968. O processo civilizatório. Rio de Janeiro: Civilização brasileira.

1995. O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das letras.

ROSA João Guimarães.

1994. Grande sertão: veredas. São Paulo: Nova Fronteira.

RUIZ Fernando Montes.

1999. La mascara de piedra: simbolismo y personalidad aymaras en la historia. La Paz: Armonía.

SAÏD Edward.

1975. Beginnings: intention and method. New York: Basic Book Publishers.

SANGINÉS Carlos Ponce.

1979. La cultura nativa en Bolívia. 2ª ed. Cochabamba-La Paz: Los amigos del libro.

SANTIAGO Silviano. [comentador]

1994. Intérpretes do Brasil. São Paulo: Nova Fronteira.

SAYEGH Astrid.

1998. Bergson: o método intuitivo, uma abordagem positiva do espírito. São Paulo: Humanitas; FFLCH-USP. [dissertação]

2008. Bergson: a consciência criadora metafísica da ciência. São Paulo: FFLCH-USP. [tese]

SIDIS William James.

1925. The animate and the inanimate. Boston: The Gorham Press.

1982. The tribes and the state. s\l: Wampanoag Nation.

Em: <http://www.sidis.net/index.html>

SIMMEL Georg.

2009. A Filosofia da Paisagem. Covilha: Universidade da Beira Interior.

SMITH Linda Tuhiwai.

2008. Decolonizing methodologies : research and Indigenous peoples. London: Zed books.

SPENCER Herbert.

2005. First principles. New York: Cambridge University Press.

STAVENHAGEN Rodolfo.

2010. Los pueblos originarios: el debate necesario. 1ª ed. Buenos Aires: CTA; Clacso.

TIBLE Jean.

2011. Marx Selvagem. São Paulo: Annablume.

TOYNBEE Arnold J.

1984. Estudio de la historia. Vol. III. Barcelona: Planeta; De Agostini.

VASCONCELOS José.

1925. La raza cósmica: misión de la raza iberoamericana. Madrid: Agencia Mundial de Librería.

WAGNER Roy.

1981. The invention of culture. Chicago: The University of Chicago Press.

WILHELM Richard. [tradutor e comentador]

2006. I Ching: o livro das mutações. São Paulo: Pensamento.

WILSON Edward.

1980. Sociobiology. Cambridge: Harvard University Press.

YOURCENAR Marguerite.

2005. Memórias de Adriano. São Paulo: Nova Fronteira.

ZEA Leopoldo.

1972. América como conciencia. México: UNAM.

ZIZEK Slavoj.

2006. The parallax view. London: MIT Press.

2008. The sublime object of ideology. London: Verso.

Hemerografia

ASSAYAS Olivier.

2012. Après May. [filme]

AUGÉ Marc.

1989. La force du présent. Nicole Lapierre [entrevistadora]. Em: Revue Communications. Vol. 49, nº 49, pgs. 43-55.

Em: http://www.persee.fr/web/revues/home/prescript/article/comm_0588-8018_1989_num_49_1_1736

BILLON Yves.

1973. La guerre de pacification en Amazonie. [documentário]

BLANK Leslie.

1982. Burden of dreams. [documentário]

BUARQUE Chico; GUERRA Ruy.

1973. Fado Tropical. Em: Calabar [disco].

CHOMSKY Noam vs. FOUCAULT Michel.

1971. Debate about human nature. Em: <https://www.youtube.com/watch?v=3wfNl2L0Gf8> Acesso: agosto 2014

DAMAS Germán Carrera.

1999. La conciencia criolla es el producto más auténtico y genuino de la relación de dominación en América Latina. Waldo Ansaldi [entrevistador]. Cuadernos del CISH. Año 4, nº 5, pg. 153-177.

Em: http://www.fuentesmemoria.fahce.unlp.edu.ar/art_revistas/pr.2801/pr.2801.pdf

de CASTRO Eduardo Viveiros.

2008. Claude Lévi-Strauss, fundador do pós-estruturalismo. Em: Colóquio Lévi-Strauss: un siglo de reflexión. Museo Nacional de Antropología, México, 19 de novembro de 2008.

DICIONÁRIOS ETIMOLÓGICOS

Indogermanisches etymologisches Wörterbuch.

Em: <https://archive.org/details/indogermanisches03pokouoft>

Etimologias de Chile. Em: <http://www.dechile.net/>

Perseus Digital Library. Em: <http://www.perseus.tufts.edu/hopper/>

Pokorny's dictionary. Em: <http://starling.rinet.ru/cgi-bin/>

etymology.cgi?single=1&basename=\data\ie\pokorny&text_recno=2035&root=config

Wikidictionary.

Em: http://en.wiktionary.org/wiki/Wiktionary:Main_Page

ECHEVERRÍA Bolívar.

2011. The potemkin republics: reflections on Latin America's bicentenary.

Em: New Left Review 70, July-August.

FREIRE José Ribamar Bessa.

2008. A canoa do tempo: tradição oral e memória indígena. Em: Salomão, Jayme (dir): América: Descoberta ou Invenção. 4º Colóquio UERJ. Rio de Janeiro, Imago, 1992 (pp. 138-164).

FREITAS Frederico.

2011. Perspectivism and the decolonization of the subject.

Em: <http://fredericofreitas.org/2011/03/13/433/>

HILL Eve.

2010. The power of nation and it's influence on native "First Nations".

Student Pulse, vol. 2, nº 11. Em: <http://www.studentpulse.com/articles/331/the-power-of-the-nation-and-its-influence-on-native-first-nations>

LATOUR Bruno.

2014. Para distinguir amigos de inimigos no tempo do antropoceno. Revista de Antropologia. Vol. 57, nº 1. Pgs. 11-31. São Paulo: USP.

MIGNOLO Walter D.

2005. A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade. Em: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO.

2010. Colonial and Postcolonial Discourse: ¿Cultural Critique or Academic Colonialism? Latin American Research Review, Vol. 28, No. 3 (1993), pgs. 120-134. Em: <http://www.jstor.org/stable/2503613> Acesso: 10 ago. 2010, 22:35.

JOSEPH Peter.

2011. Zeitgeist: moving forward. [documentário]

RICH Nathaniel.

2012. ¿Can a jellyfish unlock the secret of immortality?

Em: [http://www.nytimes.com/2012/12/02/magazine/can-a-jellyfish-unlock-the-secret-of-immortality.html?pagewanted=all&_r=](http://www.nytimes.com/2012/12/02/magazine/can-a-jellyfish-unlock-the-secret-of-immortality.html?pagewanted=all&_r=0)

0 Acesso: novembro 2014.

SCHAVELZON Salvador Andrés.

2010. A abertura e o estado pluralista como busca de solução constitucional ao problema das “duas Bolívias”. Cadernos PROLAM-USP. Ano 9, vol. 1, pgs.80-97.

SOKUROV Alexander.

1988. Московская элегия [Elegia moscovita]. [documentário]

SORIANO Waldemar Spinoza.

1995. Luis E. Valcárcel: el indigenista e inkanista. Em: Revista de Ciencias Sociales. Ano I, nº I. Lima: UNMSM-IIHS.

STAVENHAGEN Rodolfo.

1992. La cuestion étnica: algunos problemas teórico-metodológicos. Em: Estudios Sociológicos X, 28.

TARKOVSKI Andrei.

1966. Андрей Рублёв [Andrey Rublyov]. [filme]

Esta pesquisa foi parcialmente financiada com recursos das nações originárias brasileiras, através da mediação do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico do governo federal.



